

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO 2024-2028

Carlos Ivan Simonsen Leal

Presidente

Fundação Getulio Vargas

Celso Corrêa Pinto de Castro

Diretor

Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC

Thais Continentino Blank

Vice-diretora

Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC

Martina Spohr Gonçalves

Coordenadora de Ensino de Graduação

Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC

Daniele Chaves Amado

Vice-coordenadora de Ensino de Graduação

Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC

Marco Aurélio Vannucchi Leme de Mattos

Coordenador de Ensino de Pós-graduação

Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC

Jaqueline Porto Zulini

Vice- Coordenadora de Ensino de Pós-graduação

Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC

Sumário:

1.	CARACTERIZAÇÃO INSTITUCIONAL E DE CURSO	7
2.	IDENTIFICAÇÃO DA MANTENEDORA, DA IES E DOS CURSOS.	7
3.	PERFIL DO CURSO	8
4.	<i>POLÍTICA DE ENSINO</i>	13
5.	ATIVIDADE DO CURSO	15
6.	PERFIL DO EGRESSO	16
7.	FORMA DE ACESSO AO CURSO	18
8.	REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE UM PERFIL DE FORMAÇÃO	20
9.	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM	20
10.	SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO	22
11.	TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)	23
12.	POLÍTICA DE ESTÁGIO	24
13.	ATO AUTORIZATIVO ANTERIOR OU ATO DE CRIAÇÃO	25
14.	EMENTÁRIO	1
	14.1. DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS	1
	14.1.1. Primeiro semestre	1
	Introdução às Ciências Sociais	1
	Introdução ao estudo da História	2
	Instituições Brasileiras	4
	Filosofia e Ética	5
	Oficina de Comunicação e Expressão	6
	14.1.2. Segundo Semestre	7
	Antropologia I	7
	Ciência Política I	8
	Sociologia I	10
	Laboratório de Análise de Dados	11
	História Contemporânea do Brasil I	13
	14.1.3. Terceiro Semestre	14
	Antropologia II	15
	Ciência Política II	16
	Sociologia II	18
	Metodologia Quantitativa I	18
	História Contemporânea do Brasil II	20
	14.1.4. Quarto Semestre	22

Antropologia III	22
Ciência Política III	23
Sociologia III	24
Metodologia Quantitativa II	25
Formação do Mundo Contemporâneo	26
14.1.5. Quinto Semestre	28
Metodologia Qualitativa I	28
Interpretações do Brasil	30
14.1.6. Sexto Semestre	32
Metodologia Qualitativa II	32
14.1.7. Sétimo Semestre	34
Trabalho de Conclusão de Curso I	34
14.1.8. Oitavo Semestre	35
Trabalho de Conclusão de Curso II	35
14.2. DISCIPLINAS OPTATIVAS	35
Tópicos em Antropologia I	35
Tópico em Antropologia II	36
Tópico em Antropologia III	38
Tópicos em antropologia IV	40
Tópicos em antropologia V	41
Tópicos em antropologia VI	42
Tópicos em antropologia VII	43
Tópicos em antropologia VIII	44
Tópicos em Sociologia I	45
Tópicos em Sociologia II	46
Tópico em Sociologia III	47
Tópicos em Sociologia IV	48
Tópicos em Sociologia V	49
Tópicos em Sociologia VI	51
Tópicos em Sociologia VII	52
Tópico em Sociologia VIII	52
Tópicos em Ciência Política I	53
Tópicos em Ciência Política II	55
Tópicos em Ciência Política III	56
Tópicos em Ciência Política IV	57

Tópicos em Ciência Política V	58
Tópicos em Ciência Política VI	59
Tópicos em Ciência Política VII	60
Tópicos em Ciência Política VIII	61
Oficina de Pesquisa Aplicada I	62
Oficina de Pesquisa Aplicada II	64
Oficina de Pesquisa Aplicada III	65
Oficina de Pesquisa Aplicada IV	66
Oficina de Pesquisa Aplicada V	67
Oficina de Pesquisa Aplicada VI	68
Oficina de Pesquisa Aplicada VII	69
14.3. DISCIPLINAS ELETIVAS	70
História do Tempo Presente	70
História e Teoria Social	71
Introdução às Humanidades Digitais	72
Arte e Sociedade	75
Documentário e Direitos Humanos	76
Memória e Sociedade	77
Patrimônio Histórico e Cultural	79
Imagem e Ciências Sociais	80
Instituições Culturais e de Memória	82
Planejamento e Financiamento de Projetos	83
Justiça de Transição	85
História das Relações Internacionais	86
Geopolítica e Governança Transnacional	88
Movimentos e Temas Contemporâneos nas Relações Internacionais	89
Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS	90
História das Relações Étnico-Raciais no Brasil	92
Questões de Gênero: Espaço, Voz e Poder	94
Ética e Instituições Públicas	100
Arquivos Pessoais Teoria e prática	101
Estado e Poder: leituras teóricas	102
Data Science para Humanidades Digitais	104
Introdução a programação em Python	105
Além do Cânone: para ampliar e diversificar as Ciências Sociais	106

1. CARACTERIZAÇÃO INSTITUCIONAL E DE CURSO

Mantenedora	Fundação Getulio Vargas
Endereço	Praia de Botafogo, n° 190, Rio de Janeiro/RJ - CEP 22250-900
Mantida	Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC
Curso	Bacharelado em Ciências Sociais
Portaria de Autorização	Portaria MEC 1.294 de 19/04/2005
Portaria de Renovação	Portaria MEC n° 915/2018 DOU 28/12/2018
Regime	Anual
Carga Horária	2.400 h/a
Período Mínimo de Integralização	6 semestres
Período Máximo de Integralização	8 anos / 16 semestres
Coordenadora de ensino de graduação	Profa. Martina Spohr Gonçalves

2. IDENTIFICAÇÃO DA MANTENEDORA, DA IES E DOS CURSOS.

A ESCOLA de CIÊNCIAS SOCIAIS FGV CPDOC, criada no âmbito do CENTRO de PESQUISA e DOCUMENTAÇÃO de HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA do BRASIL (FGV CPDOC), é um estabelecimento isolado de ensino superior, com limite territorial circunscrito ao Município do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, mantida pela Fundação Getulio Vargas, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, com sede e foro no município do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, e com seu estatuto registrado no 17º Cartório de Ofícios e Notas, da Comarca do Rio de Janeiro, em 20 de dezembro de 1944. Credenciada pela Portaria nº1.294 de 19 de Abril de 2005, publicada no Diário Oficial de 20 de abril de 2005, a Escola de Ciências Sociais recebeu autorização de funcionamento do Curso de Bacharelado em Ciências Sociais pela Portaria nº 1.295, de 19 de Abril de 2005, publicada no Diário Oficial de 20 de abril do mesmo ano. O curso foi reconhecido pela Portaria nº 255, de julho de 2011. A Renovação do Reconhecimento da ESCOLA SUPERIOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS, a qual teve seu nome modificado para ESCOLA DE CIÊNCIAS SOCIAIS FGV CPDOC, se deu com a Portaria MEC nº 915 de 27/12/2018, publicada no D.O.U. de 28/12/2018.

A primeira turma de Ciências Sociais iniciou suas atividades regulares em Fevereiro de 2006.

A IES possui um curso de graduação ativo, o Bacharelado em Ciências Sociais, em funcionamento desde 2006, e um curso de Licenciatura em História autorizado pela Portaria MEC nº 604, de 27/08/2008, desativado, com todos os alunos já tendo concluído a graduação até o fim de 2020. O curso de Ciências Sociais é ministrado em tempo integral e tem carga horária de 2400 h/a, distribuídas

ao longo dos períodos regulares do curso e previsão de integralização em um mínimo de 6 (seis) e máximo de 16 (dezesseis) semestres.

3. PERFIL DO CURSO

O novo perfil do curso pretende superar as limitações presentes na formação tradicional do cientista social de modo a oferecer condições para o desenvolvimento de novas habilidades e capacidades necessárias aos cientistas sociais no atual contexto acadêmico e profissional. Em um diagnóstico geral, é possível identificar que a formação tradicional privilegia: a) por um lado, uma ênfase excessiva no aprendizado enciclopédico de teorias; b) por outro, a falta de uma articulação mais coerente das habilidades metodológicas necessárias, frequentemente cindidas em falsas oposições, como, por exemplo, entre “quantitativo” e “qualitativo”.

Desse modo, o curso da FGV CPDOC pretende oferecer condições para uma ampla atuação profissional e, portanto, deve sinalizar para possibilidades diversas: o aluno que tiver definida a vocação acadêmica encontrará nele espaço para seu pleno desenvolvimento; os que se interessam e anseiam por uma participação em outras áreas do mercado profissional encontrarão subsídios e condições objetivas para se encaminhar profissionalmente nesta trajetória. Assim, o curso pretende atuar na formação dos alunos, enfrentando um dos problemas dos cursos de Ciências Sociais, que consiste no fechamento da orientação apenas no sentido de oferecer condições aos que estão vocacionados academicamente para o campo, e que seguirão os passos da pós-graduação com vistas ao magistério de nível superior e à pesquisa.

A questão central que interessa ao nosso curso é administrar as tensões presentes na própria natureza das Ciências Sociais, produzindo uma mescla entre seus polos que leve nossos estudantes a conhecer as diferentes possibilidades, ampliando, assim, as chances de inserção dos nossos profissionais no mercado de trabalho. Precisamos, portanto, dosar corretamente atividades voltadas à profissionalização e à vida acadêmica; prover experiências de treinamento, pesquisa e trabalho; dar oportunidade de crescimento ao conjunto dos alunos para que os egressos estejam capacitados e aptos para atuarem nas áreas de seu interesse profissional. Todas essas são questões que nosso curso precisa considerar. Temos que procurar, de forma explícita e articulada, encontrar a mescla ideal para formar bons profissionais de Ciências Sociais.

O itinerário formativo consolidado em 2019 está dividido em três eixos, estando em conformidade com as Diretrizes Curriculares. São eles: formação específica, formação complementar e formação livre. Os eixos contêm disciplinas obrigatórias e eletivas, e sua distribuição foi debatida pelo Núcleo Docente Estruturante do Curso e pelo Colegiado de Graduação em Ciências Sociais.

O **eixo de Formação Específica** contempla as disciplinas tidas como centrais para a formação do cientista social, pois desenvolvem as principais habilidades de pesquisa e reflexão teórica-

metodológica que são exigidas do egresso. São elas: as disciplinas obrigatórias de Introdução às Ciências Sociais, Sociologia I, II e III, Antropologia I, II e III, Ciência Política I, II e III, duas disciplinas obrigatórias de Metodologia Qualitativa, duas disciplinas obrigatórias de Metodologia Quantitativa, o Laboratório de Análise de Dados e as duas disciplinas de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC I e TCC II). Esse eixo contempla 17 disciplinas de 60 horas, num total de 1020 horas obrigatórias, perfazendo 40% do curso.

O **eixo de Formação Complementar** abriga as seguintes disciplinas: Introdução ao Estudo da História, Instituições Brasileiras, Oficina de Comunicação e Expressão, Filosofia e Ética, Interpretações do Brasil, Formação do Mundo Contemporâneo, História Contemporânea do Brasil I e História Contemporânea do Brasil II, Oficina de Pesquisa Social Aplicada I, II e III, Tópicos Especiais em Antropologia/Sociologia/Ciência Política I, II e III. Esse eixo contempla 14 disciplinas de 60 horas, num total de 840 horas obrigatórias, perfazendo pouco mais de 35% do curso.

Finalmente, o **eixo de Formação Livre** contempla 4 disciplinas eletivas de 60 horas, além de 300 horas em atividades complementares, num total de 540 horas de livre cumprimento, perfazendo aproximadamente 22,5% do total do curso. A partir de 2023, as 300 horas em atividades complementares serão distribuídas em: 60 horas em atividades complementares e outras 240 horas em atividades de extensão, garantindo 10% da carga horária total de integralização do curso em atividades extras. A distribuição da carga horária em Formação Livre seguiu as recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais aprovadas em Parecer do CNE de 2002, no qual dispõe que um dos princípios norteadores é “criar uma estrutura curricular que estimule a autonomia intelectual, a capacidade analítica dos estudantes e uma ampla formação humanística” e também da Resolução do CNE/CES nº 7 de 18 de dezembro de 2018, a qual estabelece as diretrizes para a extensão na educação superior brasileira. Assim, o Colegiado optou por um itinerário formativo flexível, no qual a formação específica da área se dá em um conjunto de disciplinas obrigatórias distribuídas principalmente até o quinto semestre do curso, articulando conhecimentos teóricos e habilidades práticas de pesquisa social, e a formação humanística do estudante é articulada tanto no eixo complementar, que contém disciplinas obrigatórias, como no eixo de formação livre, inteiramente composto de eletivas e atividades complementares e atividades de extensão.

Dentro do **eixo de Formação Complementar**, através das disciplinas denominadas Tópicos Especiais, garantimos a possibilidade de escolha dos alunos. Estes poderão optar por se dedicar a uma das grandes áreas das Ciências Sociais, podendo cursar os três Tópicos Especiais dentro de uma única grande área, conforme seu interesse formativo em Sociologia, Antropologia e/ou Ciência Política. Garantimos também a possibilidade de uma diversificação, caso o aluno queira cursar os Tópicos Especiais em áreas distintas, podendo combinar conforme seu interesse, um em cada área das Ciências Sociais – Antropologia, Sociologia, Ciência Política – ou dois em uma área e um Tópico em outra área. O aluno é livre para decidir os Tópicos Especiais que irá cursar, proporcionando maior autonomia aos discentes quanto ao processo formativo. Possibilitamos ainda no eixo de formação complementar a profissionalização de nossos alunos através das disciplinas de Oficina de Pesquisa Social Aplicada, nas quais serão desenvolvidas atividades da prática profissional inerentes à formação

do cientista social, tais como: ida a campo aplicar o método etnográfico; simulação de votações na Câmara dos Deputados; prática de construção e produção de um filme documentário, entre outras possibilidades.

O **eixo de Formação Livre** foi pensado para valorizar a natureza interdisciplinar da Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC da FGV, na qual um grande número de historiadores e outros profissionais atuam. Assim, espera-se que a oferta de disciplinas nesse eixo contemple a análise de problemas científicos dados pelo entrecruzamento de História, e Ciências Sociais. Além disso, a possibilidade de organização de atividades de estágio e de iniciação científica está prevista nas atividades complementares e atividades de extensão, e a própria Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC oferece espaços para o desenvolvimento de habilidades práticas, em especial nos estágios realizados no Núcleo de Audiovisual, na Coordenação de Documentação e no Núcleo de Pesquisa Aplicada do CPDOC. Destacamos também os seminários, eventos acadêmicos, cineclube, cursos de extensão, monitoria e iniciação científica, por exemplo.

O principal critério para o estabelecimento de disciplinas obrigatórias e eletivas foi a delimitação do que o Colegiado entendeu ser o conjunto fundamental e imprescindível de habilidades e competências desejadas para o egresso. Por exemplo, que domine teoria e procedimentos metodológicos tradicionais e digitais, com capacidade analítica, que tenha autonomia intelectual e na articulação entre teoria e ações práticas. Assim, as disciplinas obrigatórias que compõem os eixos de formações específicas e complementar objetivam formar pesquisadores – para atuação acadêmica ou extra-acadêmica – e cientistas sociais para atuar no mercado de trabalho capazes de dominar tanto os conhecimentos teórico-metodológicos básicos, como as habilidades interdisciplinares de pesquisa e da prática profissional demandadas ao cientista social contemporâneo. As eletivas, os Tópicos Especiais e as oficinas, por sua vez, foram pensadas como desdobramentos da natureza interdisciplinar da Escola, e sua oferta periódica segue uma regularidade de 3 por semestre, particularmente a partir do 6º período letivo de integralização curricular sugerida. As disciplinas eletivas também têm como finalidade promover uma oxigenação no curso, trazendo para debates temas e desafios mais atuais e/ou pesquisas desenvolvidas mais recentemente.

Importante ressaltar que a preocupação com a agenda democrática das Ciências Sociais perpassa o itinerário formativo de modo transversal. A temática dos Direitos Humanos é discutida tanto na disciplina de Instituições Brasileiras, como nas obrigatórias de Antropologia, em que o estudante aprende a respeito da gênese do próprio conceito de individualismo moderno, e de Ciência Política, em que há debates programáticos sobre teoria dos direitos e da Justiça. Já a discussão sobre sustentabilidade também surge na disciplina de Instituições Brasileiras, perpassando conteúdos de formação livre e disciplinas do eixo complementar, como “Formação do Mundo Contemporâneo”. Finalmente, a educação para relações étnico-raciais é trabalhada tanto na disciplina de Instituições Brasileiras, como inspira debates programáticos no eixo de formação específica, particularmente nas disciplinas de Sociologia e Antropologia. Importante ressaltar também que as temáticas dos direitos humanos e do racismo são debatidas também nas disciplinas eletivas, como se pode ver no ementário que está no final deste PPC. Cabe destaque para a eletiva História das Relações étnico-raciais no

Brasil, cujo conteúdo aborda diretamente estes conceitos e proporciona a discussão sobre o tema de forma atual em nossa instituição. E, em consonância, a oferta da disciplina “Questões de gênero” contribui para a reflexão e o debate a respeito do tema e dos diferentes marcadores sociais. São oportunidades de reforçar o debate junto ao corpo discente, estimulando reflexões relevantes da sociedade brasileira.

Finalmente, ressaltamos que é muito importante também garantir a pluralidade de pontos de vista em relação ao campo das Ciências Sociais. Por isso, o objetivo do escopo do curso é muito mais desenvolver as capacidades dos alunos e promover autonomia intelectual do que dar-lhes argumentos para se “filiarem” a correntes ou tendências que disputam a “lealdade” de cientistas sociais desde a formação desta área de conhecimento. A atualização das questões obriga-nos a não nos deixarmos aprisionar por esquemas propostos em contextos históricos distintos. Reificar teorias é negar o próprio sentido delas. Podemos repetir Wright Mills e dizer que o curso deve, acima de tudo, estimular a “imaginação sociológica”, ou seja, aquilo que distingue o cientista social do simples técnico.

O bacharelado em Ciências Sociais da FGV CPDOC oferece atividades em tempo integral, como disciplinas, eventos, atividades complementares, atividades de extensão, cursos, iniciação científica, monitoria e minicursos tanto no turno da manhã, quanto no turno da tarde. De forma inovadora, o curso passa a oferecer também disciplinas em formato EaD, cumprindo as normas estabelecidas pela portaria nº 2.117 de 2019. Desta maneira, o curso ficará mais flexível às demandas dos alunos. Atualmente, a mantenedora oferece excelentes condições de estrutura e de recursos tecnológicos que permitem a mediação das aulas por tecnologia.

A carga horária em disciplinas à distância de forma assíncrona passou a ser inserida na graduação no ano de 2021 e ficou concentrada em disciplinas eletivas da graduação, podendo alcançar até 240 horas, perfazendo no máximo 10% de carga horária total exigida para a integralização do bacharelado da Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC. Apesar disso, o curso de graduação pode ser integralizado todo com disciplinas presenciais. Isso ocorrerá, conforme a escolha de cada aluno pelas disciplinas que têm interesse em cursar.

A graduação permite ainda o uso da carga horária EaD em formato síncrono, com aulas mediadas por tecnologia, como software de webconferência combinado com acesso ao acervo da biblioteca digital e o uso do ambiente virtual de aprendizagem, para tornar o curso mais flexível à rotina do corpo discente.

Todo o conteúdo das disciplinas da Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC é disponibilizado pelo corpo docente na plataforma ECLASS, o ambiente de aprendizagem da FGV. Nesta plataforma ficam disponibilizados os conteúdos das disciplinas, como os materiais didáticos, videoaulas, links para material de apoio, links para vídeos complementares, apostilas, textos de referência e textos de apoio.

Ademais, o ECLASS permite desenvolver a comunicação entre docentes, monitores, tutores e alunos através de avisos afixados na tela principal da disciplina e também com o envio de e-mails para toda a turma. É por meio do ECLASS que professores e tutores desenvolvem fóruns de discussão e

webcons, estimulando a participação e interação. A plataforma de ensino é útil para planejar a entrega de atividades, trabalhos e provas e este recurso conta com a verificação de similaridade de trabalhos elaborados pelos alunos. Ou seja, a plataforma virtual de aprendizagem da FGV oferece condições necessárias e fundamentais para a realização plena das disciplinas do curso, dimensionando o engajamento discente, possibilitando a interação entre os alunos, facilitando o compartilhamento e a discussão dos conteúdos, por exemplo. Cabe destacar, o ambiente virtual de aprendizagem permite aos estudantes e docentes o acesso aos conteúdos de qualquer dispositivo com acesso à internet, com flexibilidade de local e horário.

A opção metodológica pela educação à distância em parte da integralização do bacharelado está fundamentada na construção do conhecimento com base na aplicação da tecnologia vinculada ao ensino, vinculado com a realização de atividades teóricas e aplicadas. Esta opção contribui com a diversificação dos estilos de aprendizagem oferecidas e desenvolve diferentes tipos de habilidades dos alunos. Por fim, a disciplina a distância pretende desenvolver a liberdade e a autonomia discente, com base em autodisciplina para adequar o curso às rotinas e atividades acadêmicas, pessoais e profissionais.

Importante mencionar, o bacharelado em Ciências Sociais da Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC também permite cumprir a carga horária das Atividades Complementares e Atividades de Extensão na modalidade à distância de forma integral. Entendemos que as mudanças na sociedade, no mercado de trabalho e nos processos das firmas e instituições de fazer uso de atividades remotas em suas rotinas é uma realidade. Por conta disso, as 300 horas destinadas às atividades complementares, conforme interesse e escolha dos alunos, podem ser empenhadas em atividades remotas, durante a realização de estágios, participação em congressos, eventos, monitoria, iniciação científica, cursos e treinamentos, por exemplo. A oferta de atividades remotas é uma realidade das firmas e organizações e aceitar o cumprimento de parte da carga horária do curso pelo corpo discente nestas é permitir que os alunos se engajem cada vez mais nas ações das diferentes instituições. Desta forma, mais 12,5% da carga horária total do curso pode ser empenhada em atividades remotas, conforme preferência dos alunos na construção do seu percurso formativo no âmbito da instituição.

Justificativa da oferta do curso

Importante ressaltar que, a despeito da grande oferta de bacharelados em Ciências Sociais na região metropolitana do Rio de Janeiro, o curso da FGV CPDOC apresenta identidade única, em especial por três razões: a) a interdisciplinariedade do corpo docente; b) a articulação entre teoria e prática, facilitada pela ampla oferta de estágios na própria instituição nas áreas de arquivo, audiovisual e pesquisa aplicada; c) a preocupação com a formação para o mercado de trabalho atual, refletida na incorporação de reflexão sobre ciência de dados e Humanidades Digitais e na integração do curso com o Núcleo de Carreiras da Mantenedora.

Ao longo desses anos, a Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC tem reforçado seu investimento na área de ensino em diversos níveis, graduação, pós-graduação lato sensu e stricto sensu, cursos livres e de formação continuada. Atualmente, contamos com um Mestrado Profissional e um Doutorado Profissional em Bens Culturais e Projetos Sociais, um Mestrado e um Doutorado Acadêmicos em História, Política e Bens Culturais, além de um conjunto de cursos de pós-graduação lato sensu (Relações Internacionais, Cinema Documentário, e Bens Culturais: Cultura, Economia e Gestão). No âmbito da graduação, o investimento no bacharelado em Ciências Sociais parte de um diagnóstico de que, a despeito da cidade do Rio de Janeiro contar com um número razoável de graduações na mesma área, faltava um curso que oferecesse uma perspectiva interdisciplinar e contemporânea aos jovens egressos do ensino médio, com vinculação estreita entre teoria e prática de pesquisa desenvolvida no âmbito da FGV CPDOC, desde a sua criação.

O novo PPC confirma a aposta original da Escola, e procura renová-la à luz dos desafios colocados para os cientistas sociais em uma sociedade que em uma sociedade que passa por profundos e acelerados processos de mudanças político-culturais e socioeconômicas. Entre os principais temas que demandam o trabalho qualificado desses profissionais, destacamos: a) a persistência da desigualdade social, a despeito de significativos avanços nas últimas décadas; b) a falta de uma cultura sólida de Direitos Humanos, como evidenciam os indicadores de violência e letalidade policial no país; c) os efeitos persistentes do racismo na sociedade brasileira; d) a crescente internacionalização da economia brasileira, que produz novas configurações culturais e identitárias e crescentes desequilíbrios ambientais. Esses principais desafios nos fizeram repensar a graduação de forma a contribuir para a formação de cientistas sociais que não apenas detenham o instrumental teórico-metodológico, mas também a formação humanística que os habilitará a identificar os pontos sensíveis de nossa agenda democrática. Análise de temas como racismo, mudança climática, desigualdades e violência, devem estar na pauta de todo profissional formado pela Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC.

4. POLÍTICA DE ENSINO

A política de ensino da Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC foi pensada à luz das diretrizes legais e da filosofia educacional adotada pela instituição. Entre as diretrizes, destacamos as Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Ciências Sociais, aprovadas pelo Parecer 492/2001 do CNE. Entre os princípios norteadores mencionados, destacamos a “autonomia intelectual, a capacidade analítica dos estudantes e uma ampla formação humanística”. A instituição traduziu tais princípios por meio de três pilares que sintetizam a política de ensino da FGV CPDOC:

a) **interdisciplinaridade**, princípio reforçado pela articulação entre as áreas das Humanidades e, em particular, pela interação entre História e Ciências Sociais, muito presente nas ações do FGV CPDOC;

b) **articulação entre teoria e prática**, princípio traduzido na estruturação da grade curricular e na organização de Laboratórios de Pesquisa que integram docentes e graduandos;

c) **pluralismo metodológico**, princípio que busca superar tradicionais dicotomias que permeiam o ensino de ciências sociais e humanas em geral.

A **interdisciplinaridade** é refletida na busca por uma organização curricular na qual se evite a reificação de saberes em domínios por demais restritos, estimulando a transversalidade e a formação de disciplinas que combinam conteúdos da História e das Ciências Sociais. O itinerário formativo do curso prevê nos dois primeiros anos a oferta de quatro disciplinas obrigatórias de História, sendo uma delas dedicada a uma reflexão teórica sobre tempo, narrativa e experiência histórica. Além disso, as disciplinas específicas de Sociologia, Antropologia e Ciência Política foram estruturadas para incorporar conteúdos que integram outras áreas do saber, como História e Relações Internacionais. Finalmente, importante ressaltar que o bacharelado em Ciências Sociais oferece uma formação complementar em Relações Internacionais, bastando o discente cursar com aproveitamento uma quantidade determinada de eletivas nessa área.

A Escola entende que conteúdos como Direitos Humanos, Sustentabilidade e a Educação para Relações Étnico-Raciais devem permear as discussões de disciplinas como "Introdução às Ciências Sociais", "Antropologia 1", "Instituições Brasileiras" e "Sociologia I", todas elas ofertadas no primeiro ano de formação dos graduandos em Ciências Sociais. A disciplina de "Interpretações do Brasil" consolida o debate sobre esses temas a partir da análise das grandes controvérsias sobre a formação da identidade brasileira. Ou seja, a política de ensino da FGV CPDOC reconhece a educação em Direitos Humanos, Sustentabilidade e Educação para Relações Étnico-Raciais como um princípio transversal que não pode estar isolado em disciplinas específicas.

A **articulação entre teoria e prática** se dá por meio de duas estratégias pedagógicas: a) organização de disciplinas nas quais haja efetivo trabalho discente de produção de conhecimento por meio de atividades de pesquisa; b) integração das atividades de Laboratórios de Pesquisa e Oficinas à vida

estudantil dos graduandos. No curso de Ciências Sociais, há quatro disciplinas de Metodologia, que são precedidas por um Laboratório de Análise de Dados. Essa trilha foi pensada como forma de permitir um processo de aprendizado contínuo e integrado, que se consolida com a oferta de Oficinas de Pesquisa Social Aplicada nos semestres seguintes. Mas, a articulação entre teoria e prática não se restringe à estrutura curricular, sendo também realizada nas atividades de iniciação científica promovidas pela Escola e nos seus espaços extracurriculares, tais como: a) o Núcleo de Audiovisual e Documentário, no qual os discentes podem estagiar e aprender a produzir e refletir sobre as imagens no processo de pesquisa; b) a Casa Acervo do CPDOC, no qual discentes podem estagiar em atividades de organização de acervo ou em projetos de difusão patrimonial que implicam processos de mediação de conhecimento com audiências escolares.

O pluralismo metodológico é um princípio fundador da Escola, e surgiu à luz do diagnóstico de que muitos projetos pedagógicos no campo das Ciências Sociais pressupunham uma tomada de posição exclusivista em relação a autores, correntes intelectuais e/ou filosóficas, em detrimento de outras. Entendendo a necessidade de produzir um ambiente que estimule a autonomia e a capacidade analítica discente, construímos um itinerário formativo orientado para um progressivo aprendizado da pluralidade de paradigmas no campo das Ciências Sociais. Tal traço é visível nas ementas das disciplinas e no espírito que presidiu os variados Planos de Desenvolvimento Institucional da IES.

5. ATIVIDADE DO CURSO

O curso prevê a obrigatoriedade de 240 horas de atividades de extensão e 60 horas de atividades complementares, que fazem parte do eixo de formação livre do curso, em acordo com o previsto nas Diretrizes Curriculares Nacionais. Estas constituem importante contribuição no sentido de tornar essa formação plena, pois exigem a articulação permanente, desde o primeiro período do curso, entre pesquisa, prática e conhecimentos teóricos contribuindo para a formação de um profissional capaz de efetivar a articulação necessária entre esses diferentes campos, desenvolvendo um raciocínio analítico, fundamental para os bacharéis em Ciências Sociais.

As Atividades Complementares são entendidas como sendo componentes curriculares que possibilitam o reconhecimento, por avaliação, de habilidades, conhecimentos, competências e atitudes do aluno, inclusive adquiridas fora do ambiente universitário stricto. Abrangem estudos e

atividades independentes, transversais, opcionais, de interdisciplinaridade, voltadas especialmente para as relações com o mundo do trabalho, com as condições sociais contemporâneas e o papel que o aluno nelas pode desempenhar. Buscamos alargar a formação acadêmica e profissional dos discentes. As Atividades de Extensão pretendem enriquecer a formação discente em contato com a sociedade, por meio de atividades de ensino, de difusão cultural e prestação de serviços, por exemplo. A participação nestas atividades pretende reforçar os diálogos entre a Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC e a sociedade, oferecendo um processo ativo na formação discente. Buscamos ampliar a compreensão e o contato com os diferentes membros da sociedade.

Ambas as atividades – Complementar e Extensão – são, portanto, componentes curriculares enriquecedores e que contribuem para que o aluno se situe no mercado e nas possíveis atividades profissionais que poderá vir a desempenhar em função do seu próprio perfil. O documento “Manual de Atividades Complementares e de Extensão” enumera a carga horária indicada para a contabilização delas no histórico escolar. Dentre as diversas opções, os alunos são livres para decidir aquelas que lhe conferem maior interesse.

De acordo com o estabelecido no Manual de Atividades Complementares e de Extensão, elaborado pela Instituição, por exemplo, os discentes devem atentar que:

Art 2º Compete ao aluno a escolha das atividades acadêmicas complementares e de extensão que poderão ser realizadas na Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC, em outros cursos de graduação oferecidos pela FGV, no Rio de Janeiro ou São Paulo ou em qualquer outra instituição acadêmica e cultural qualificada.

Art 3º O aluno deverá totalizar um mínimo de 240 horas de atividades extensão e outras 60 horas de atividades complementares durante os períodos em que estiver cursando a graduação.

§ 1º - A carga horária obtida nestas atividades será computada no histórico escolar.

§ 2º - As atividades acadêmicas complementares e de extensão independem do necessário cumprimento da carga horária integral nas disciplinas obrigatórias, optativas e eletivas.

6. PERFIL DO EGRESSO

O perfil do egresso presente neste documento foi pensado tanto a partir das Diretrizes Curriculares Nacionais, como também dos Pareceres citados na apresentação deste documento, e que preveem uma formação cidadã mais completa e integrada, além de oferecer amplas condições de desenvolver diversas opções de carreira. Nas DCNs, pode-se ler que os perfis apontados para o egresso são os seguintes:

- Professor de ensino superior.
- Pesquisador seja na área acadêmica ou extra-acadêmica.
- Profissional que atue em planejamento, consultoria, formação e assessoria junto a empresas públicas, privadas, organizações não governamentais, governamentais, partidos políticos, movimentos sociais e atividades similares.

. É possível perceber também a presença de profissionais da área em empresas públicas, ONGs, e órgãos de administração, confirmando a relação entre o avanço do processo de democratização social e a maior relevância do conhecimento científico sobre a sociedade.

Diante desse quadro, a Escola renova seu compromisso com a formação de profissionais plurais, vocacionados tanto para a carreira acadêmica, como para ocupações nos mundos público e privado. Desejamos um egresso com domínio da teoria e das diferentes metodologias de pesquisa, sejam as tradicionais e já consolidadas nas Ciências Sociais, sejam as novas que emergiram com as Humanidades Digitais, fortalecidas com a interdisciplinaridade junto às graduações de Matemática Aplicada e Ciência de Dados, ambas oferecidas pela mesma Mantenedora: FGV.

As recomendações caminham no sentido de que os programas contemplem a um só tempo formação, experiência de pesquisa e vivência profissional com disciplinas, estágios, atividades complementares, atividades de extensão e participação em pesquisas. Esses pontos vão ao encontro do perfil que se buscou na formulação das propostas de curso aqui expostas.

De forma sintética, listamos como principais competências e habilidades esperadas do egresso do bacharelado em Ciências Sociais da FGV:

- Fortes habilidades metodológicas, com ênfase no domínio do instrumental básico da pesquisa empírica na área, tanto nas técnicas qualitativas, como nas técnicas quantitativas.
- Capacidade de articular conhecimentos teóricos fundamentais à análise empírica de problemas científicos e aplicados.
- Capacidade de articular a produção de conhecimentos de modo interdisciplinar, particularmente por meio do diálogo com o saber historiográfico e com a ciência de dados.
- Compromisso com a agenda democrática da sociedade brasileira, particularmente com temas contemporâneos, tais como: cultura dos direitos e combate ao racismo e às desigualdades sociais.
- Sensibilidade humanística, capacidade de comunicação com diferentes públicos e com outras áreas de conhecimento na sua interface com a vida social.

Para atingir tais objetivos, é preciso encarar o itinerário formativo de modo integrado, contemplando não apenas a grade curricular, como também o ambiente acadêmico mais amplo vivenciado pelo estudante ao longo da graduação.

No caso da grade, a reforma curricular realizada em 2019 procurou reforçar a interdisciplinaridade, introduzindo novos componentes, como os tópicos nas três grandes áreas e as disciplinas práticas intituladas Oficina de Pesquisa Social Aplicada. As disciplinas de Métodos e Técnicas e o Laboratório de Análise de Dados são os espaços fundamentais para a formação das habilidades metodológicas, que serão exercitadas de modo autônomo nas disciplinas de TCC.

Já a sensibilização dos egressos para a agenda democrática proposta deve ser encarada de modo transversal, por meio da distribuição de conteúdo por toda a grade, iniciando-se com os cursos centrais de “Instituições Brasileiras” e “introdução às Ciências Sociais” e desenvolvendo-se nas disciplinas intermediárias do eixo de formação específica.

Além da grade, destacamos os Laboratórios de Pesquisa como espaços fundamentais para a construção dessas competências por parte dos egressos, sendo um espaço que desenvolver ações delimitadas tanto em Atividades Complementares, quanto em Atividades de Extensão, de acordo com o desenho do evento oferecido. Podemos listar os seguintes Laboratórios que contam com

participação de estudantes: Laboratório de Pensamento Social (LAPES), Laboratório de Estudos sobre Militares (LEM), Laboratório de Estudos de Instituições (LEI), Laboratório de Estudos do Esporte (LESP), Laboratório de Cultura Visual, Laboratório de Estudos do Turismo, o Laboratório de Humanidades Digitais (LHuD), Laboratório de Antropologia Contemporânea (LAC), Laboratório de Estudos sobre Estado, Poder e Sociedade (LAEPS), Laboratório de Estudos da Cultura Visual (LACV) e o Laboratório de Estudos Políticos (LEP).

Além dos Laboratórios, o curso conta com as oportunidades de trabalho acadêmico e estágio em três grandes áreas de atuação profissional do CPDOC para permitir o desenvolvimento das habilidades de pesquisa e melhorar a capacidades dos alunos de apresentação oral de trabalhos, da lógica científica e permitir uma melhor atuação no mercado de trabalho. As áreas que oferecemos estágio úteis para este desenvolvimento são: o Núcleo de Audiovisual e Documentário (NAD), que seleciona alunos para realizar gravações e edições de entrevistas e documentários realizados no âmbito dos diferentes projetos desenvolvidos pelo CPDOC e auxiliar na produção de eventos organizados pelo Núcleo, como o Cineclubes FGV; a Coordenação de Documentação, que seleciona estagiários para integrarem a equipe de organização do seu acervo histórico, que compreende documentos textuais, audiovisuais, sonoros e iconográficos; e o Núcleo de Pesquisa Social Aplicada, que seleciona alunos para auxiliar no desenvolvimento dos projetos de pesquisa aplicada, atuando nas etapas de elaboração de questionários, montagem de tabelas e gráficos, processamento e tabulação dos dados, assim como na análise dos dados quantitativos. Estes são os espaços usualmente mobilizados para planejamento pedagógico de disciplinas da graduação e na reforma curricular ficaram responsáveis por ofertar o conteúdo prático dessas atividades através das disciplinas de Oficina de Pesquisa Social Aplicada, o que cria mais instâncias de desenvolvimento de habilidades metodológicas para pesquisa empírica e possibilita maior profissionalização do nosso corpo discente. As 300 horas de atividades complementares fazem parte do eixo de formação livre e são desenhadas de forma a contemplar o aproveitamento dos estágios e demais formas de inserção estudantil.

Como se vê, o compromisso da Escola é com a formação de profissionais com fortes habilidades metodológicas, vocação para pesquisa interdisciplinar, aptidão para atuar em consultorias, capacidade para engajamento corporativo, sensibilidade humanística e compromisso democrático.

7. FORMA DE ACESSO AO CURSO

O Regimento da IES prevê em seu artigo 78 que o acesso aos cursos de graduação seja feito pelos seguintes mecanismos: a) exame de vestibular; b) ENEM; c) transferência externa; d) reingresso para portadores de diploma de nível superior; e) exames internacionais. Ao todo, a IES tem autorização para oferecer 50 vagas anuais, e a distribuição das mesmas é regulada anualmente por meio de edital de processos seletivos.

O vestibular é feito anualmente por um setor especializado da própria IES. As provas do processo seletivo têm por base os programas do Ensino Médio de acordo com conteúdos específicos indicados no Manual do Candidato disponibilizado pela IES no ato da inscrição. As provas ocorrem em dois módulos: objetivo e discursivo.

No período que antecede ao vestibular, com o objetivo de ampliar as possibilidades de escolha aos jovens que ingressam no Ensino Superior, a Fundação Getúlio Vargas vem executando um programa de debate, informação e orientação profissional aos estudantes do Ensino Médio. O programa consiste em um conjunto de atividades específicas dentro e fora da Instituição. Nesse conjunto estão contempladas as seguintes atividades:

- 1) palestras realizadas nas escolas de Ensino Médio, públicas e privadas, por professores da FGV, apresentando os cursos de graduação e informando sobre as profissões e as possibilidades de inserção dos jovens no mercado de trabalho;
- 2) participação nas feiras de Orientação Vocacional promovidas pelas escolas de Ensino Médio com vistas à informação aos futuros candidatos sobre o processo seletivo e a dinâmica dos cursos;
- 3) palestras e aulas-convite oferecidas na FGV aos estudantes de diversos colégios sobre temas e questões relevantes a cada curso específico oferecido pela IES. Os alunos visitantes, acompanhados dos respectivos coordenadores das escolas, vivenciam uma situação de aula, ampliando assim os conhecimentos e alternativas frente à escolha profissional dos candidatos ao vestibular. A atividade de aulas-convite se completa com uma visita guiada aos diversos setores da instituição destinados aos cursos de graduação.
- 4) curso de Ciências Sociais moldados para alunos de Ensino Médio, chamado Experiência FGV CPDOC, oferecido semestralmente. Os alunos vinculados a qualquer escola se inscrevem gratuitamente para o processo seletivo. O curso acontece uma vez por semana, durante 8 semanas, e permite uma vivência de 2 meses de sala de aula dentro da IES e com seu respectivo corpo docente.
- 5) convite aos inscritos no vestibular para o evento CPDOC de Portas Abertas, que acontece uma vez ao ano, no segundo semestre. Neste evento os alunos podem assistir uma disciplina de sua escolha junto aos alunos matriculados na IES durante uma semana. O evento também promove uma visita guiada às instalações da IES.

A IES consolidou o uso do ENEM como instrumento de seleção nacional de estudantes, e seu edital de seleção anual e, assim como no processo seletivo realizado pela instituição, tem previsto concessão de bolsas para os estudantes inscritos, dependendo da classificação nesta opção de ingresso.

Os processos de reingresso para portadores de diploma e de transferência externa ocorrem duas vezes ao ano, usualmente ao final de cada semestre letivo, e são regulamentados por meio de editais específicos, que contemplam análise de histórico escolar e entrevistas com a coordenação da graduação. Semestralmente é aberto também o edital de dupla graduação da Mantenedora, que possibilita o ingresso de alunos provenientes das Escolas de Direito do Rio de Janeiro (Direito Rio) e Escola de Matemática Aplicada (FGV EMAp).

Ao final de todas as etapas descritas até aqui, os estudantes aprovados no processo seletivo são recebidos, individualmente, pelo Núcleo de Apoio Pedagógico. O encontro se dá em momento anterior à formalização da matrícula e tem como objetivo prestar esclarecimento detalhado sobre o curso, os regulamentos e as perspectivas de integração e de aproveitamento acadêmico das quais os futuros estudantes poderão usufruir. A Fundação Getúlio Vargas e a Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC acreditam que tais encontros minimizam as inquietações naturais de jovens que ingressam no ensino superior, criando melhores condições pedagógicas para seu amadurecimento e aproveitamento intelectual. Completado o ciclo de entrevistas, os alunos e suas famílias são recebidos

pela Coordenação da Escola e por um conjunto de professores para apresentação oficial dos cursos, exposição das oportunidades oferecidas pela IES e as expectativas de interação que constam do programa da Escola.

8. REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DE UM PERFIL DE FORMAÇÃO

A carga horária necessária para a integralização do bacharelado em Ciências Sociais oferecido pela Escola de Ciências Sociais FGV CPDOC é de 2.400 horas. A carga horária destinada ao eixo de **Formação Específica** soma 1.020 horas, distribuídas em 17 disciplinas obrigatórias específica das Ciências Sociais. O eixo de **Formação Complementar** reúne 840 horas em 14 disciplinas e, por fim, o eixo de **Formação Livre** soma 540 horas. Esta última, a partir de 2023, composta por 240 horas em disciplinas eletivas, além de 240 horas Atividades em Extensão e 60 horas em Atividades Complementar. A imagem abaixo representa graficamente a distribuição das disciplinas do curso por semestre e ela segue uma recomendação do corpo docente. Importante ressaltar, a grade atual não impõe pré-requisitos às disciplinas, deixando o processo formativo livre para as escolhas dos alunos, cursando as disciplinas no momento desejado por eles.

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS
CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - 2020**

1º Período	2º Período	3º Período	4º Período	5º Período	6º Período	7º Período	8º Período
Introdução às Ciências Sociais 60 h	Antropologia I 60h	Antropologia II 60 h	Antropologia III 60h	Optativa Tópico em Antropologia ou Ciência Política ou Sociologia 60h	Optativa Tópico em Antropologia ou Ciência Política ou Sociologia 60h	Optativa Tópico em Antropologia ou Ciência Política ou Sociologia 60h	Eletiva 60h
Filosofia e Ética 60 h	Ciência Política I 60h	Ciência Política II 60h	Ciência Política III 60h	Optativa Oficina de Pesquisa Social Aplicada 60h	Optativa Oficina de Pesquisa Social Aplicada 60h	Optativa Oficina de Pesquisa Social Aplicada 60h	Eletiva 60h
Instituições Brasileiras 60 h	Sociologia I 60 h	Sociologia II 60 h	Sociologia III 60 h	Interpretações do Brasil 60h	Eletiva 60h	Trabalho de Conclusão de Curso I 60h	Trabalho de Conclusão de Curso II 60h
Oficina de Comunicação e Expressão 60 h	Laboratório de Análise de Dados 60h	Metodologia Quantitativa I 60h	Metodologia Quantitativa II 60h	Metodologia Qualitativa I 60h	Metodologia Qualitativa II 60h	Eletiva 60h	
Introdução ao Estudo da História 60h	História Contemporânea do Brasil I 60h	História Contemporânea do Brasil II 60h	Formação do Mundo Contemporâneo 60h				

9. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM

Os princípios que regem a avaliação do processo de ensino-aprendizagem são coerentes com o projeto pedagógico do curso e com o perfil desejado do egresso, e são aderentes aos valores que orientam o PDI da IES. Assim, as disciplinas contemplam diferentes mecanismos de avaliação do desempenho dos estudantes, desde provas escritas em aula até seminários expositivos e trabalhos em grupo,

passando por dinâmicas de produção de conhecimento inovadoras, como elaboração de materiais pedagógicos e produção de material audiovisual.

O curso estimula que os docentes pensem os mecanismos de avaliação a partir do perfil de egresso desejado, isto é, que busquem articular conhecimentos teóricos e práticos, além de competências metodológicas sólidas. Desta forma, a prática da escrita acadêmica deve ser valorizada, mas também se espera que o estudante demonstre capacidade de análise e interpretação de dados em outras modalidades de comunicação.

As avaliações semestrais das disciplinas são flexíveis quanto ao formato e modalidade. Há docentes que priorizam uma avaliação continuada, durante todo o semestre, combinando diferentes tipos de trabalhos e procedimentos avaliativos, e, por outro lado, há docentes que aplicam duas avaliações por semestre, uma no meio e outra ao final das aulas do semestre, também priorizando distintas modalidades de avaliação. A nota mínima para aprovação no semestre é 6,0 (seis), ao passo que a presença mínima exigida é sempre equivalente ou maior que 75% do total de aulas do semestre. São previstos os seguintes instrumentos de aprendizagem:

- Provas escritas, aplicadas em sala de aula, versando sobre os conteúdos substantivos ministrados nas disciplinas.
- Trabalhos, individuais ou em grupo, feitos no domicílio, a partir de temas sugeridos pelos docentes, nos quais se espera a articulação entre conteúdos teóricos substantivos e problemas práticos.
- Seminários expositivos, nos quais os estudantes apresentem oralmente análises e interpretações sobre textos e problemas debatidos nas disciplinas.
- Produtos audiovisuais, nos quais os estudantes articulem conhecimentos substantivos às especificidades da linguagem audiovisual. Esse mecanismo pode ser incorporado em qualquer disciplina do curso, e preferencialmente articulado juntamente com os profissionais do Núcleo de Audiovisual e Documentário da IES.
- Podcasts, nos quais os discentes apresentem conteúdos trabalhados nas disciplinas na forma de roteiros pensados para audiências amplas. Esse mecanismo pode ser articulado juntamente com os profissionais do Núcleo de Audiovisual e Documentário da IES
- Exercícios estatísticos construídos a partir da organização e análise de banco de dados primários. Esse mecanismo deve ser preferencialmente utilizado nas disciplinas de Laboratório de Análise de Dados, Metodologia Quantitativa I e Metodologia Quantitativa II.
- Relatos etnográficos e textos que exponham resultados analíticos de trabalho de cunho qualitativo.
- Artigos e relatórios produzidos a partir das atividades práticas desenvolvidas nas disciplinas de Oficina de Pesquisa Social Aplicada.

Na avaliação desses produtos da aprendizagem, os docentes deverão levar em conta os seguintes critérios: a) adequação da linguagem ao meio utilizado; b) capacidade de raciocínio lógico e analítico; c) capacidade de articular argumentos teóricos a problemas de natureza empírica; d) sensibilidade humanística para o tratamento dos problemas e questões debatidas.

Importante ressaltar que a prática avaliativa do curso está aderente à política de educação inclusiva da IES. A atenção ao “atendimento educacional especializado” preconizado pelo Estatuto da Pessoa com Deficiência também se manifesta na flexibilidade das práticas avaliativas empregadas pelos docentes da IES. Nas reuniões do NDE e do Colegiado, a comunidade docente discute regularmente a necessidade de integrarmos no planejamento pedagógico de cada disciplina a possibilidade de avaliações que levem em conta condições particulares de estudo e de aprendizado. Nesse sentido, o trabalho do Núcleo de Apoio Pedagógico (NAP) mostra-se central para a efetivação desses processos, pois os profissionais que atuam no NAP buscam auxiliar os discentes na elaboração de roteiros individuais de estudo e leituras, como forma de produzir suporte pedagógico às atividades curriculares. Com ampla formação em psicologia e pedagogia, a equipe do NAP entende que o aprendizado autônomo só pode ser realizado se as pessoas com deficiência matriculadas na IES possam construir seus próprios trajetos de aprendizado, respeitando os seus tempos e ritmos de estudo.

10. SISTEMA DE AVALIAÇÃO DO PROJETO DO CURSO

A avaliação do projeto do curso passa fundamentalmente por três instâncias específicas: o Colegiado de graduação em Ciências Sociais; a Congregação da IES; e a Comissão Própria de Avaliação da IES.

O Colegiado de Ensino de Graduação tem seu funcionamento regulamentado pelo Regimento da IES em sua Seção II, especialmente artigos 29 e 30. Fazem parte do Colegiado todos os professores que ministram disciplinas na graduação e um representante do corpo discente.

Já a Congregação da IES tem seu funcionamento regulamentado pelo Regimento da IES em seus artigos 7º, 8º, 9º, e 10º. Ela é o órgão máximo em assuntos didático- pedagógicos, e delibera sobre o desempenho da Escola e quiser mudanças e alterações em seus cursos e projetos de ensino. Deliberações do Colegiado que afetem estruturas de cursos de graduação devem ser aprovadas na Congregação.

Já a Comissão Própria de Avaliação é o órgão responsável pela avaliação do projeto de desenvolvimento institucional da IES, e deve se articular aos demais órgãos para aprimorar o processo de feedback de avaliações e críticas. Espera-se que os relatórios da CPA sejam apreciados nas reuniões da Congregação e do Colegiado de Graduação em Ciências Sociais.

Na sua atual configuração, a CPA da Escola tem a seguinte configuração: 1 (um) membro externo da sociedade civil organizada representante da Comunidade, 3 (três) membros do corpo docente

em tempo integral, 1 membro docente extra carreira, 2 (dois) representantes do corpo discente, e 3 membros do corpo técnico-administrativo, todos escolhidos na forma da legislação vigente, a saber:

- a) Os representantes da Comunidade serão escolhidos pela Congregação da IES ou pela Direção com mandato de 2 (dois) anos.
- b) Os representantes do corpo docente são eleitos por seus pares, para mandato de 2 (dois) anos.
- c) Os representantes do corpo discente e o membro do corpo técnico-administrativo serão indicados pelos seus pares para mandatos de 2 (dois) anos.

Caberá à própria comissão estabelecer a periodicidade de suas reuniões bem como as normas internas de seu funcionamento, desde que essas sejam definidas em consonância com a legislação vigente. O objetivo será sempre o de avaliar as atividades do curso, a qualidade da formação oferecida, a satisfação de docentes e discentes com relação aos objetivos e ações do curso no sentido de replanejar o que for necessário no sentido de manter o nível de excelência do curso. Um dos principais instrumentos de avaliação periódica do curso é o sistema de avaliação de disciplinas, aplicado semestralmente, ao final de cada semestre, por intermédio de plataforma eletrônica fechada. Por meio desse questionário, os estudantes avaliam a qualidade de cada disciplina e o trabalho dos professores. Os resultados são disponibilizados para a Coordenação de Ensino de Graduação, que os repassa individualmente, em caráter reservado, para cada docente. O Núcleo de Apoio Pedagógico da IES também tem acesso a esses questionários, e pode convidar os docentes para reuniões caso seja detectada uma questão didático-pedagógica relevante.

11. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (TCC)

O curso de Ciências Sociais prevê a obrigatoriedade da realização de um trabalho de conclusão de curso (TCC). Para tanto, prevê o oferecimento de duas disciplinas obrigatórias (TCC 1 e TCC2) nos dois últimos semestres de integralização curricular dos estudantes.

O TCC (Trabalho de Conclusão de Curso) será a atividade acadêmica de sistematização do conhecimento trabalhado sobre um objeto de estudo pertinente à profissão do bacharel em Ciências Sociais, que articula e inter-relaciona os conteúdos teóricos com o cotidiano, quer no âmbito institucional, como fora dele. Será acompanhada por professores orientadores, que propiciarão a absorção dos alunos em projetos de pesquisa (pura e aplicada) e participação em estágios, constituindo-se requisito essencial para a integralização curricular. Observa-se, evidentemente, as regras estabelecidas pelo Manual para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, aprovado em Colegiado em 2018. O TCC pode ser realizado da seguinte forma, conforme disposto no artigo 1º do Manual:

Artigo 1º – O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) corresponda a uma produção acadêmica ou aplicada que expresse as habilidades, competências e conhecimentos adquirido pelo (a) aluno (a) ao longo do curso de graduação. O TCC pode ser elaborado nas formas de monografia, artigo científico

ou produção audiovisual acompanhado de trabalho escrito. As formas omissas devem ser aprovadas pelo colegiado de curso.

A avaliação do TCC compreenderá o acompanhamento contínuo pelo professor orientador e a avaliação final pela Banca Examinadora, que será composta pelo orientador e mais um professor parecerista, conforme disposto no artigo 7º do Manual:

Artigo 7º – O TCC será avaliado com uma nota média entre 0 e 10 atribuída pelo (a) professor(a) orientador(a) e pelo professor(a) parecerista, devendo ser outro professor do curso de ciências sociais da FGV CPDOC.

§ 1º – A nota média será enviada pelo (a) professor (a) orientador (a) para a Coordenação do curso para que a mesma possa lançar no sistema de notas;

§ 2º – O estudante poderá, de forma opcional e de comum acordo com o professor orientador, apresentar oralmente seu Trabalho de Conclusão de Curso para uma banca de avaliação. Esta deverá ser composta, obrigatoriamente, da seguinte forma: 1) o(a) professor (a) orientador(a); 2) docente da Escola de Ciências Sociais ou de outra IES. O segundo membro pode ser o(a) parecerista do trabalho escrito entregue para à Escola de Ciências Sociais da FGV;

§ 3º – O(a) professor(a) orientador(a) é o(a) responsável pelo agendamento da banca de avaliação, devendo informar: por escrito junto à secretaria da graduação informações quanto à data, local, horário e composição da banca com, no mínimo, 15 (quinze) dias de antecedência da apresentação oral;

§ 4º – A apresentação oral do Trabalho de Conclusão de Curso não isenta a elaboração do TCC nas formas de monografia, artigo científico ou produção audiovisual acompanhado de trabalho escrito.

A FGV CPDOC tem estimulado que os discentes pensem o formato do seu TCC à luz das novas formas de comunicação científica. Assim, ao lado da monografia típica, a instituição estimula também a redação de artigos científicos visando à publicação em revistas acadêmicas e a elaboração de minidocumentários. Seja qual for o formato escolhido, considera-se primordial que os estudantes demonstrem capacidade de articular teorias científicas, análise de dados e boas práticas de comunicação escrita e oral.

12. POLÍTICA DE ESTÁGIO

Para contemplar essas perspectivas de formação, um dos pontos importantes do programa de curso do Bacharelado em Ciências Sociais é a abertura de estágio na própria instituição, em qualquer de seus programas de pesquisa, e também, a orientação para alocação dos estudantes em estágios extra institucionais. Os estágios não são atividades obrigatórias, todavia, poderão ser computados como créditos em carga horária destinada às atividades complementares exigidas para a integralização do bacharelado. Embora não seja uma atividade obrigatória, a instituição sempre recomenda a participação nesta atividade para complementar a formação acadêmica e profissional discente. Além

disso, a criação de vagas na própria instituição permite atuar diretamente no desenvolvimento da formação dos alunos, segundo o interesse e as escolhas deles.

No âmbito da Escola, os principais espaços para realização de estágios são: o Núcleo de Audiovisual e Documentário, a Coordenação de Documentação, o Núcleo de Pesquisa Social Aplicada. Em todos esses espaços, os estudantes podem interagir com atividades práticas relacionadas à pesquisa em ciências sociais, destacando-se os núcleos fundamentais de trabalho intelectual da IES: linguagem audiovisual e memória; fontes arquivistas; pesquisa social aplicada.

Na FGV CPDOC, os estágios são acompanhados por professores supervisores, e a carga horária dedicada pelos estudantes às atividades não pode exceder o que está disposto em legislação federal sobre o tema.

A IES também oferece anualmente bolsas de iniciação científica. Nessa modalidade de complementação formativa, o discente deverá se envolver em um projeto de pesquisa do professor orientador, desenvolvendo um enfoque analítico próprio. Como resultado complementar, podem ser gerados livros, capítulos de livros, artigos científicos, *papers* e o aluno poderá apresentar o trabalho que vem desenvolvendo no PIBIC em eventos acadêmicos e discentes.

Note-se que a Mantenedora da IES oferece o Núcleo de Estágio e Desenvolvimento de Carreiras, que conta com profissionais encarregados de prospectar vagas para os estudantes e realizar workshops e seminários para sua preparação profissional. Assim, integrantes do corpo discente podem estagiar em outros núcleos de pesquisa da mantenedora ou em instituições externas.

13. ATO AUTORIZATIVO ANTERIOR OU ATO DE CRIAÇÃO



Ano CXLII No- Nº 75, Seção I – Pagina 23 - Brasília - DF, quarta-feira, 20 de abril de 2005

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

GABINETE DO MINISTRO

PORTARIA Nº 1.294, DE 19 DE ABRIL DE 2005

O Ministro de Estado da Educação, Interino, usando da competência que lhe foi delegada pelo Decreto no 3.860, de 09 de julho de 2001, alterado pelo Decreto nº 3.908, de 04 de setembro de 2001, e tendo em vista o Despacho no 856/2005, da Secretaria de Educação Superior, conforme consta do Processo nº 23000.011734/2003-71, Registro SAPIEnS nº 20031007346, do Ministério da Educação, resolve:

Art. 1º Credenciar a Escola Superior de Ciências Sociais, a ser estabelecida na Praia de Botafogo, nº 190/1406, Bairro Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, mantida pela Fundação Getúlio Vargas, com sede na cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, aprovando neste ato o seu Plano de Desenvolvimento Institucional, pelo período de cinco anos, e o seu Regimento.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

FERNANDO HADDAD

18/4/2005

Portaria nº 1295 de 19 de Abril de 2005.

O Ministro de Estado da Educação, Interino, usando da competência que lhe foi delegada pelo Decreto nº 3.860, de 09 de julho de 2001, alterado pelo Decreto nº 3.908, de 04 de setembro de 2001, e tendo em vista o Despacho nº 857/2005, da Secretaria de Educação Superior, conforme consta do Processo nº 23000.011735/2003-15, Registro SAPIEnS nº 20031007348, do Ministério da Educação, resolve:

Art. 1º Autorizar o funcionamento do curso de Ciências Sociais, bacharelado, com 50 (cinquenta) vagas totais anuais, no turno diurno, a ser ministrado pela Escola Superior de Ciências Sociais, na Praia de Botafogo, nº 190/1406, Bairro Botafogo, na cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro, mantida pela Fundação Getúlio Vargas, com sede na cidade do Rio de Janeiro, Estado do Rio de Janeiro.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

FERNANDO HADDAD



DIÁRIO OFICIAL DA UNIÃO

República Federativa do Brasil

Imprensa Nacional



SEÇÃO

1

Ano CXLV N.º 166 - Brasília - DF, quinta-feira, 28 de agosto de 2008 – Pág.:16

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

PORTARIA No- 604, DE 27 DE AGOSTO DE 2008

O Secretário de Educação Superior, usando da competência que lhe foi conferida pelo Decreto no 5.773, de 09 de maio de 2006, alterado pelo Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007, e tendo em vista o Relatório SESu/DESUP/COREG no 670/2008, da Diretoria de Regulação e Supervisão da Educação Superior, resolve:

Art. 1º Autorizar o funcionamento dos cursos superiores de graduação, a serem ministrados pelas instituições isoladas de ensino superior nos endereços, turnos e com o número de vagas, conforme discriminado na planilha anexa.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

RONALDO MOTA

ANEXO

	Processos SIDOC e Registros Sapiens	Mantenedora e Mantida	Curso	Vagas/turno	Endereço
1	23000.018922/2006-72 20060008357	UNNESA - União de Ensino Superior da Amazônia Ocidental S/C Ltda. e Faculdade Metropolitana	Letras, licenciatura, habilitação em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas, no âmbito do ISE	200 totais anuais, diurno e noturno	Rua Araras, nº 241, bairro Jardim Eldorado, Porto Velho/RO
2	23000.010946/2006-83 20060002422	Associação Educacional Zacarias de Góes Vasconcelos e Faculdade Zacarias de Góes	Letras, licenciatura, habilitação em Língua Portuguesa e respectivas Literaturas, no âmbito do ISE	100 totais anuais, diurno e noturno	Rua A, Loteamento Jardim Grimaldi, s/n, bairro Jardim Grimaldi, Valença/BA
3	23000.019152/2006-85 20060008810	Fundação Getúlio Vargas e Escola Superior de Ciências Sociais	História, licenciatura, no âmbito do ISE	100 totais anuais, diurno Praia de Botafogo, nº 190, bairro Botafogo, Rio de Janeiro/RJ	

PORTARIA Nº- 255, DE 11 DE JULHO DE 2011

O Secretário de Regulação e Supervisão da Educação Superior, no uso da competência que lhe foi conferida pelo Decreto nº 7.480, de 16 de maio de 2011, tendo em vista o Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006, e suas alterações, e a Portaria Normativa nº 40, de 12 de dezembro de 2007, republicada em 29 de dezembro de 2010, do Ministério da Educação, resolve:

Art. 1º Reconhecer os cursos superiores de graduação, conforme planilha anexa, ministrados pelas Instituições de Ensino Superior, nos termos do disposto no artigo 10, § 7º, do Decreto nº 5.773, de 9 de maio de 2006, alterado pelo Decreto nº 6.303, de 12 de dezembro de 2007.

Parágrafo único. Os reconhecimentos a que se refere esta Portaria são válidos exclusivamente para os cursos ministrados nos endereços citados na planilha anexa.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

LUIS FERNANDO MASSONETTO

ANEXO

Registro e-MEC	Curso Habilitação (Código) Modalidade	Nº de Vagas Totais Anuais Turnos (s)	Mantida (Código)	Mantenedora (Código)	Endereço de Funcionamento do Curso
200800844	Ciências Sociais (83914) Bacharelado	50 (cinquenta) diurno	Escola Superior de Ciências Sociais (3614)	Fundação Getúlio Vargas (110)	Rua Praia de Botafogo, nº 190, Praia de Botafogo, Rio de Janeiro/RJ.

PORTARIA Nº 335, DE 8 DE FEVEREIRO DE 2019

O MINISTRO DE ESTADO DA EDUCAÇÃO, no uso de suas atribuições, tendo em vista o art. 2º da Lei nº 9.131, de 24 de novembro de 1995; o art. 4º da Lei nº 10.870, de 19 de maio de 2004; o Decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 e as Portarias Normativas nº 20 e 23, de 21 de dezembro de 2017, resolve:

Art. 1º Fica homologado o Parecer nº 790/2018, da Câmara de Educação Superior do Conselho Nacional de Educação, referente ao processo e-MEC nº 201710437;

Art. 2º Fica reconhecida a Escola de Ciências Sociais, com sede na Praia de Botafogo, nº 190, bairro Botafogo, no Município do Rio de Janeiro, no Estado do Rio de Janeiro, mantida pela Fundação Getúlio Vargas (CNPJ 33.641.663.0001-44).

Art. 3º O reconhecimento de que trata o art. 2º é válido pelo prazo de 5 (cinco) anos, conforme previsto na Portaria Normativa nº 1, de 3 de janeiro de 2017.

Art. 4º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

RICARDO VÉLEZ RODRÍGUEZ



Este documento pode ser verificado no endereço eletrônico <http://www.in.gov.br/autenticidade.html>, pelo código 05152019021100040

14. EMENTÁRIO

14.1. DISCIPLINAS OBRIGATÓRIAS

14.1.1. Primeiro semestre

Introdução às Ciências Sociais

Ementa

Senso comum e percepção sociológica: opiniões e conceitos. Noções de poder, autoridade, normas e padrões. Hierarquia e igualdade. Processo de Secularização (dos valores, da política, na economia). Etnocentrismo, Racismo, Direitos Humanos e trato das diferenças. A profissão das ciências sociais e as contribuições da Antropologia, Sociologia e Ciência Política.

Objetivos

Este curso não está preso a uma disciplina em especial. Seu objetivo maior é levar aos estudantes a noção da qualidade do olhar do cientista social para o mundo que o cerca. O sentido largo do que Wright Mills conceituou como imaginação sociológica, ao lado da sugestão de Peter Berger de construir uma visão humanística da relação entre biografia e sociedade a que deu o nome de perspectivas sociológicas são duas referências gerais que traduzem o espírito do curso. Mais do que acompanhar a produção de um ou outro clássico da teoria social, os alunos deverão ser expostos à alteração de percepção que temos de nossa própria maneira de explicar o cotidiano da vida em sociedade, quando ingressamos no universo das Ciências Sociais. Compreender as razões pelas quais as sociedades estabelecem padrões de comportamento, constroem e redefinem padrões de autoridade, definem preferências, estabelecem suas visões sobre o mundo, elegem uma maneira de ser como aquela que orienta e avalia todas as outras a partir de seus parâmetros próprios, definem relações de poder, interações entre grupos, etnias e organizações, e ainda, o lugar que grupos de referência como família, comunidades religiosas, associações de amigos ocupam no conjunto da vida social. Atenção especial será dada aos problemas da sociedade brasileira contemporânea, destaque para desigualdades sociais, racismo e Direitos Humanos.

Bibliografia Básica

BERGER, Peter L. Perspectivas sociológicas. Uma visão humanística. Petrópolis, Editora Vozes, 1973.

MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

WEBER, Max. Economia e Sociedade. Brasília, Ed UNB, 2000.

Bibliografia Complementar

BAUMAN, Zygmund. Comunidade: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 2003.

DURKHEIM, Émile. Da divisão do trabalho social. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

LUKES, Steven. A curiosa iluminação do professor Caritat: uma comédia de idéias. Rio de Janeiro, Revan, 1997.

MATTA, Roberto Da. Relativizando: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis, Vozes, 1981.

MILLS, C. Wright. A imaginação sociológica. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.

ROCHA, Everardo. O que é etnocentrismo. São Paulo, Editora Brasiliense, 1994. (Coleção Primeiros Passos.)

WEBER, Max. “A ciência como vocação”. In: Ciência e política: duas vocações. São Paulo, Cultrix, 1972.

Introdução ao estudo da História

Ementa

O que é a disciplina histórica; correntes da historiografia; história, cultura, e cultura histórica; passado e presente; memória, história e identidade; as sociedades no tempo e o tempo nas sociedades; evolução, progresso e processo; temporalidades e durações; história e cientificidade; documento e monumento; interpretação ou explicação; história e narrativa; os atores da história; agência e estrutura; indivíduos e grupos sociais.

Objetivo

O objetivo básico desta disciplina é promover uma primeira socialização dos alunos em questões relativas ao ofício do historiador e à produção de conhecimento na história, tomando por eixo a discussão de algumas categorias estruturadoras da disciplina, do discurso histórico, como tempo, memória e documento, entre outros. A reflexão sobre essas categorias servirá de base a uma caracterização das principais correntes da historiografia.

Bibliografia básica

BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.

ELIAS, Norbert. Sobre o tempo. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir. Petrópolis, Vozes, 1991.

Bibliografia complementar

BOUTIER, Jean e JULIA, Dominique (orgs.). Passados recompostos. Campos e canteiros da história. Rio de Janeiro, Editora UFRJ/Editora FGV, 1998.

BRAUDEL, Fernand. Escritos sobre a história. São Paulo, Perspectiva, 1978.

BURKE, Peter. A Escola dos Annales: a revolução francesa da historiografia. São Paulo, Unesp, 1997.

DOSSE, François. A história em migalhas. Bauru, Edusc, 2003.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1995.

LE GOFF, Jacques. Enciclopédia Einaudi. Memória-História. V. 1. Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1984.

POLLAK, Michael. "Memória, esquecimento, silêncio". Estudos Históricos, 2 (3): 3-15, 1989.

REIS, José Carlos. História e teoria. Rio de Janeiro, Ed FGV, 2006. REVEL, Jacques. A invenção da sociedade. Lisboa, Difel, 1990.

THOMPSON, Edward P. Costumes em comum. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.
ZANINI, Walter (org.). História geral da arte no Brasil. São Paulo, Instituto Moreira Salles, 1983. (2 volumes)

Instituições Brasileiras

Ementa

Problemas da democracia brasileira; Governabilidade; Representação; Presidencialismo e separação de poderes; Sistema eleitoral e sistema partidário; Partidos políticos; Relação Executivo/Legislativo; Bicameralismo e Federalismo; Ministério público; STF; Judicialização da política ou politização da justiça; democracia e desigualdades; sustentabilidade e políticas públicas .

Objetivos

A disciplina procurará fornecer uma visão abrangente de algumas instituições fundamentais do sistema político brasileiro, com o objetivo de investigar seu impacto sobre os padrões de relacionamento entre os poderes. O curso terá um módulo inicial com a apresentação de modelos (institucionais) comparados de democracia. Após uma rápida introdução do período inaugurado com a Constituição de 1946, interrompido pelo golpe de 1964, voltaremos nosso foco para as virtudes e deficiências do sistema proporcional de lista aberta e as tendências evolutivas do sistema partidário brasileiro. Em seguida, analisaremos o funcionamento e a relação entre os poderes Executivo e Legislativo, concluindo com a discussão sobre o protagonismo recente do Ministério Público e o Supremo Tribunal Federal.

Bibliografia Básica

ABRANCHES, Sérgio. (2018), Presidencialismo de coalizão. Raízes e evolução do modelo político brasileiro. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

ARRETCHE, Marta, Democracia, Federalismo e Centralização no Brasil. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2012.

FIGUEIREDO, Argelina & LIMONGI, Fernando Executivo e Legislativo na Nova Ordem Constitucional. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1999.

Bibliografia complementar

AVELAR, Lúcia Avelar & CINTRA, Antonio Octávio (Orgs.). Sistema Político Brasileiro: uma introdução. Rio de Janeiro: Fundação Konrad Adenauer; São Paulo, Ed. Unesp, 2004.

FIGUEIREDO, Argelina. (1993), Democracia ou reformas? Alternativas democráticas à crise política. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

NICOLAU, Jairo. Representantes de quem? Os (des)caminhos do seu voto da urna à Câmara dos Deputados. Rio de Janeiro, Ed. Zahar, 2017.

PALERMO, Vicente. “Como se governa o Brasil? O debate sobre instituições políticas e gestão de governo”, Dados, 2000, v.43, n.3, p. 521-557.

SINGER, André, Lulismo em Crise. Um quebra-cabeça do período Dilma (2011-2016). São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

SOARES, G. A. D.; RENNO, L. R. Reforma Política: Lições da História Recente. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2006.

Vários autores (2019), Democracia em risco? 22 ensaios sobre o Brasil hoje. São Paulo, Companhia das Letras, 2019.

Filosofia e Ética

Ementa

Introdução ao estudo da ética. Problemas morais e dilemas sociais da atualidade: debates. Fundamentação da análise ética. Autores, correntes e doutrinas fundamentais da ética.

Objetivos

A ideia deste curso é apresentar a ética em sua forma multifacetada. Conflito de visões éticas entre grandes renovadores do problema moral: Aristóteles X Maquiavel, Kant e os utilitaristas, Sócrates e Nietzsche. Problemas e dilemas éticos do mundo contemporâneo.

Bibliografia Básica

MARCONDES, Danilo. Iniciação à história da filosofia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.

PLATÃO. Diálogos. São Paulo, Abril Cultural, 1972.

STRATHERN, Paul. Aristóteles. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

Bibliografia complementar

BREHIER, Emile. História da Filosofia. São Paulo, Mestre Jou, 1977. BORNHEIM, Gerd. Os filósofos pré-socráticos. São Paulo, Cultrix, 2007.

CHAUI, Marilena. Introdução á história da filosofia: dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo, Brasiliense, 2002.

JAEGER, Werner. Paidéia: a formação do homem grego. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

MARCONDES, Danilo. Textos básicos de ética. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007

REZENDE, Antonio. Curso de filosofia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

Oficina de Comunicação e Expressão

Ementa

Atividades de leitura e comunicação escrita e oral. Interpretação de texto. Redação. Exposição. Práticas de comunicação científica

Objetivos

O curso deverá ser pensado para treinar os estudantes nas atividades de leitura, interpretação de texto, redação e exposição do que compreendeu. Saber ler, interpretar e expor com clareza seus pontos de vista. Os textos devem ser combinados de forma a cruzar informações atuais com abordagem analítica, nas áreas mais diversas do campo das Ciências Sociais e da História. A disciplina também prevê a socialização em formas contemporâneas de comunicação científica, tais como vídeos, seminários e podcasts. Ao final do curso os estudantes devem demonstrar capacidade de ler e interpretar um texto - com entonação e compreensão da língua portuguesa — e também, de expor publicamente um tema com clareza, racionalidade e fundamentação lógico-empírica .

14.1.2.Segundo Semestre

Antropologia I

Ementa

Antropologia cultural. Evolucionismo e difusionismo cultural. Cultura, alteridade e identidade. Etnocentrismo e relativismo cultural. Raça e Racismo. Da “mentalidade primitiva” ao “pensamento selvagem”. O conceito antropológico de cultura. Identidade, memória e poder. Patrimônio cultural e histórico; povos originários e relações étnico-raciais

Objetivos

O curso estará centrado na discussão sobre o conceito antropológico de cultura e na compreensão do processo de construção de identidades sociais. O processo de evolução humana, visto como decorrência do desenvolvimento da capacidade de simbolização e o impacto da descoberta do “outro” servirão de fio condutor para se discutir a questão da diversidade cultural humana, do relativismo cultural, do etnocentrismo e a constituição do próprio conceito de cultura como eixo da reflexão antropológica. A partir daí, serão discutidos os processos de produção simbólica de identidades coletivas. Esse caminho levará também à percepção das dimensões do poder e da memória como elementos fundamentais desse

processo e ao debate sobre noções como patrimônio histórico e diferentes adjetivos associados ao termo cultura, como “popular”, “erudita”, “de massas”, “nacional”,

“organizacional” etc. O curso deverá recorrer a exemplos dessas questões consagrados pela literatura e pelo cinema.

Bibliografia Básica

CASTRO, Celso. Textos básicos de Antropologia. Rio de Janeiro, Zahar, 2016.

Evolucionismo Cultural. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

BOAS, Franz. Antropologia cultural. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

Bibliografia complementar

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

LARAIA, Roque de Barros. Cultura: um conceito antropológico. Rio de Janeiro, J. Zahar, 1993.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Raça e História. São Paulo, Abril, 1976. (Coleção Os Pensadores.) MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do pacífico ocidental. São Paulo: Abril. Cultural, 1978. MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro, EPU/EDUSP, 1978.

SAHLINS, Marshall. Ilhas de História. Rio de Janeiro, Zahar, 1990

Filmografia sugerida

As estátuas também morrem, Alain Resnais e Chris Marker (1953, França, 30 minutos)

Vênus negra, Abdellatif Kechiche (2011, França/Bélgica, 166 minutos)

Estranhos no exterior: Maioridade (Margareth Mead), Royal Anthropological Institute (1985, Inglaterra, 53 minutos)

Rituais e festas Bororo, Luiz Thomas Reis (1917, Brasil, 31 minutos) O garoto selvagem, François Truffault (1970, França, 1h 21 minutos)

Ciência Política I

Ementa

Democracia representativa. Relação entre representantes e representados. Populismo. Ação coletiva. Democracia deliberativa. Representação sem democracia.

Objetivos

O curso é uma introdução a temas de teoria democrática e representação política. Ao fim do curso, os(as) alunos(as) deverão compreender: i) quais são os pilares da democracia segundo diferentes autores e a relativa validade empírica de propostas normativas sobre democracia.

Bibliografia Básica

DAHL Robert. Sobre a democracia. Brasília: Editora UnB, 2011.

DOWNS, Anthony. Uma teoria econômica da democracia. São Paulo: Edusp, 1999.

DWORKIN, Ronald. O Império do Direito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOUNK, Yascha.. O Povo Contra a Democracia. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

Bibliografia complementar

DAHL, Robert. A democracia e seus críticos. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2012.

FUKUYAMA, Francis. As origens da ordem política. Rio de Janeiro, Rocco, 2013.

MANIN, Bernard; PRZEWORSKI, Adam & STOKES, Susan. “Eleições e representação”, Lua Nova, 2006, n. 67, p.105-138.

PRZEWORSKI, Adam. Capitalismo e Social-Democracia. São Paulo, Companhia das Letras, 1982.

RUNCIMAN, David. Como as Democracias Chegam Ao Fim. São Paulo: Todavia, 2019

Filmografia sugerida

Entrevista com Robert Dahl (2011, Estados Unidos, 36 minutos). Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=oP14LkLH8_w

Palestra de Adam Przeworski – Evento CEBRAP (2019, São Paulo, 77 minutos).
Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=N_GRWwRzNIQ

Sociologia I

Ementa

A construção do cânone clássico na sociologia. Modernidade, imperialismo e colonialismo. Capitalismo, exploração e forma-mercadoria. Racionalidade, dominação e teoria da ação. Divisão do trabalho e funcionalismo sociológico. A emergência da interação como problema sociológico. Raça, gênero e as vozes dissidentes do cânone.

Objetivos

O principal objetivo desta disciplina é oferecer uma apresentação crítica do “cânone clássico” aos estudantes de primeiro ano. O programa não apenas analisa os conceitos e problemas chaves no repertório de K. Marx, M. Weber, E. Durkheim e G. Simmel, como também discute as dinâmicas históricas que modelaram a construção desse cânone e apagaram as vozes alternativas a ele.

A disciplina também tem como objetivo socializar os estudantes com as ferramentas teóricas básicas da sociologia e com a pluralidade formativa da disciplina. Por fim, o curso também visa propiciar uma análise mais propriamente historiográfica sobre as origens da sociologia, chamando a atenção dos estudantes para a necessidade de entender que os debates fundantes da teoria sociológica são, em grande maioria, construções a posteriori informadas pela dinâmica do campo intelectual

Bibliografia Básica

DURKHEIM, Émile. Da Divisão do Trabalho Social. São Paulo: Martins Fontes, 2008

MARX, Karl. O Capital: crítica da economia política. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003

WEBER, Max. A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

SIMMEL, George. Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.

Bibliografia Complementar

ALATAS, Syed Farid. Alatas, Syed Farid. "A definição e os tipos de discursos alternativos." Revista Estudos Históricos 23.46 (2010): 225-245.

BOTELHO, A. (org). Sociologia Essencial. São Paulo, Penguin/Companhia das Letras, 2013.

CASTRO, Celso; O'DONNELL, Julia. Introdução às Ciências Sociais. Rio de Janeiro, Zahar, 2011.

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

DU BOIS, W.E.B. As almas da gente negra. Rio de Janeiro, Lacerda Editores, 1999.

Laboratório de Análise de Dados

Ementa

Análise de dados quantitativos e qualitativos. Codificação, sistematização e organização de dados e informações sociais. Análise descritiva dos dados. Representações gráficas. Recursos computacionais. Uso de softwares de interesse para cientistas sociais.

Objetivos

O objetivo principal do curso é instrumentalizar os alunos com ferramentas computacionais para processar, organizar, tratar e codificar informações em pesquisas no campo das Ciências Sociais e História. O curso tem foco em introduzir à análise dos dados quantitativos, qualitativos e textual.

Bibliografia básica

ALCOFORADO, Luciane Ferreira; Levy, Ariel. Visualização de dados com o software R. Niterói: LFA 2017.

AQUINO, Jakson Alves de. “Software livre e desenvolvimento de trabalhos científicos: o R como exemplo a ser seguido”. Revista Política Hoje-ISSN: 0104-7094, 24(2):75–86, 2015.

AQUINO, Jakson Alves de. “R para cientistas sociais”. EDITUS – Editora da UESC, 2014.

Field, Andy. Descobrimo a Estatística usando o R. Porto Alegre, Editora Artmed, 2019.

MEIRELES, Fernando; SILVA, Denisson. Ciência política na era do big data: automação na coleta de dados digitais. Revista Política Hoje, 24(2):87–102, 2016.

Wickham, Hadley, and Garret Grolemond. 2019. R Para Data Science. Porto Alegre: Artmed.

SANTOS, José Vicente Tavares dos. As possibilidades das metodologias informacionais nas práticas sociológicas: por um novo padrão de trabalho para os sociólogos do Séc. XXI. Sociologias, Porto alegre, ano 3, nº 5, jan-jun 2001, p 116-148.

MARQUILHAS, Rita; HENDRICKX, Iris, “Avanços nas humanidades digitais”, in Ana Maria Martins and Ernestina Carrilho (eds.), Manual de linguística portuguesa, Walter de Gruyter GmbH & Co KG, 2016, pp. 252–277.

Bibliografia complementar

ALONSO, José Antônio Fialho. A produção de informação e conhecimento. Ver. São Paulo em Perspectiva. 16(3): 23-30, 2002. (disponível em <http://www.scielo.br/pdf/spp/v16n3/13557.pdf>).

FERLA, Luís. O SIG do passado tem futuro? O projecto do curso de História da Unifesp. Anais da III Jornada Latinoamericana do Caribe do GVSIG. Vol. 13, 2011 (disponível em http://downloads.gvsig.org/download/events/jornadas-lac/3as-jornadas-lac/articles/Article- Futuro_SIG_curso_historia_Unifesp.pdf).

MOREIRA, Daniel Augusto. O uso de programas de computador na análise qualitativa: oportunidades, vantagens e desvantagens. Revista de Negócios, Blumenau, v. 12, n. 2, p. 56 - 68, abril/junho 2007.

História Contemporânea do Brasil I

Ementa

O pós-Abolição e o mundo dos trabalhadores; Os diferentes modelos de República em discussão; Campos Sales e os fundamentos do Pacto Oligárquico; A organização dos trabalhadores na Primeira República; A sociedade da Belle Époque e a adoção de novos paradigmas civilizatórios; A crise dos anos 20 e a Revolução de 1930; o Governo de Vargas: o embate de projetos; centralização x descentralização – A modernização do aparelho de Estado e as inovações na política econômica e social; O Estado Novo; Raça, racismo e construção da Nação; O novo pacto político: autoritarismo, trabalhismo e corporativismo; Políticas indigenistas e o Estado brasileiro; O processo de redemocratização e a queda do Estado Novo.

Objetivos

O curso tem por objetivo a compreensão do processo de implantação e institucionalização do regime republicano no Brasil. Para tal, definimos como limites cronológicos o movimento político que resultou na queda da Monarquia em 1889 e a queda do Estado Novo. A análise das transformações operadas no campo econômico, tanto interna quanto externamente, propiciará condições para o entendimento do processo de gradativo esfacelamento das bases de sustentação da economia cafeeira e eclosão do movimento de 1930. Além disso, pretende-se discutir a organização do sistema político nas décadas de 1930 e 1940, atentando para a conformação do modelo autoritário do Estado-Novo.

Bibliografia Obrigatória

CARVALHO, José Murilo de. Os bestializados: o Rio de Janeiro e a república que não foi. São Paulo, Cia. Das Letras, 1989.

LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo, EDUSP, 2002.

Bibliografia Complementar

ABREU, Marcelo de Paiva (org.) A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana. Rio de Janeiro, Campus, 1990.

CARVALHO, José Murilo de. A formação das Almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

CASTRO, Celso. Os militares e a República. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1995.

COSTA, Emilia Viotti da. Da monarquia à República: momentos decisivos. São Paulo, Brasiliense, 1990.

FAUSTO, Boris. A revolução de 1930: história e historiografia. São Paulo, Brasiliense, 1993.

FORJAZ, Maria Cecília Spina. Tenentismo e política: tenentismo e camadas médias urbanas na crise da primeira república. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1993.

FREIRE, Américo. Uma capital para a República. Rio de Janeiro, Revan, 2000.

GOMES, Ângela de Castro. A invenção do trabalhismo. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2005.

LESSA, Renato. A invenção republicana: Campos Sales e as bases da decadência da Primeira República brasileira. São Paulo, Vértice, 1988.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. A questão nacional na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1990.

SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões culturais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Brasiliense, 1989.

14.1.3.Terceiro Semestre

Antropologia II

Ementa

O debate indivíduo x sociedade. Noções de interação e processo social. A construção social da “pessoa”. A construção social da pessoa, grupos e identidades. Objetividade e subjetividade na pesquisa qualitativa. Individualismo e holismo. Poder e hierarquia. Família, parentesco e reprodução;

Objetivos

O curso tem por objetivo principal a compreensão da relação entre indivíduo e sociedade, vistos não como entidades substanciais e antinômicas, mas como efeito de processos de interação social. Nesse sentido, será importante o recurso a uma perspectiva comparativa e a percepção das mudanças que os termos dessa relação adquiriram em diferentes contextos históricos. Isso permitirá ao aluno relativizar concepções de “eu”, “indivíduo” “pessoa” e “identidade pessoal” (inclusive aquelas nas quais foi socializado) e percebê-las como resultado de um processo de construção social da realidade, variável no tempo e no espaço. O estudo da gênese do individualismo moderno envolverá, por um lado, o conhecimento sobre sociedades “tradicionais”, organizadas sob a preeminência do domínio do parentesco e do princípio da hierarquia social; por outro, a coexistência, mesmo nas sociedades “modernas”, de diferentes individualismos e de mecanismos desindividualizadores e hierarquizantes. Espera-se que o aluno possa relacionar trajetórias e biografias individuais a contextos, redes e situações socioculturais. Será também constante o diálogo com outras disciplinas, principalmente a Filosofia, a História, a Psicologia e a Psicanálise, pois o curso lidará com questões como: desvio e divergência, as diferentes equações entre público e privado, as transformações da noção de intimidade, o lugar das relações familiares e de amizade na sociedade moderna, a emergência de novos modelos de família e novas técnicas reprodutivas. O curso deverá recorrer a exemplos dessas questões consagrados pela literatura e pelo cinema.

Bibliografia Básica

CASTRO, Celso. Textos básicos de Antropologia. Rio de Janeiro, Zahar, 2016. ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1990.

VELHO, Gilberto. Um antropólogo na cidade. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

Bibliografia complementar

DUMONT, Louis. O individualismo: uma perspectiva antropológica da sociedade moderna. Rio de Janeiro, Rocco, 1993. BECKER, Howard S. Uma teoria da ação coletiva. Rio de Janeiro, Zahar, 1977.

DUMONT, Louis. Homo Hierarchicus: o sistema das castas e suas implicações. São Paulo, Edusp, 1992.

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petrópolis, Vozes, 1975.

LEVI-STRAUSS, Claude. As estruturas elementares do parentesco. Petrópolis, Vozes, 1983. MAUSS, Marcel. “Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a noção do ‘eu’”. In: Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro, EPU/EDUSP, 1978

SENNET, Richard. O declínio do homem público: as tiranias da intimidade. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro, Zahar, 2002.

Filmografia sugerida

A entrevista, Helena Solberg (1966, Brasil, 20 minutos) Crônicas de um verão, Jean Rouch (1961, França 90 minutos)

Uma história para os Modlin, Sergio Oksman (2012, Espanha, 26 minutos)

Ciência Política II

Ementa

Liberalismo político e o indivíduo como fonte do poder político. Contratualismo e utilitarismo. Direitos humanos, poder e legitimidade. Formação dos Estados Nacionais. Teorias do Estado: liberalismo, pluralismo, marxismo, corporativismo, elitismo e “institucionalismo”.

Objetivos

Esta disciplina inicia com uma discussão sobre a constituição do universo político contemporâneo ocidental, i.e., os Estados Nacionais e as democracias liberais. Serão abordadas as justificativas normativas para a constituição do Estado e seu processo de formação histórica. Discute-se, a seguir, algumas noções básicas da ciência política: poder, obediência e legitimidade política. Finalmente, serão apresentadas as diferentes

teorias do Estado, abordando questões como a lógica de funcionamento do aparato estatal e as consequências de suas ações.

Bibliografia Básica

MAQUIAVEL, Nicolau. O príncipe. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TOCQUEVILLE, Alexis de. A democracia na América. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2011.

WEFFORT, Francisco. Os Clássicos da Política. São Paulo: Ed. Ática, 2000.

Bibliografia complementar

RICUPERO, Bernardo. Sete lições sobre as interpretações do Brasil. São Paulo, Alameda, 2007.

GURZA LAVALLE, Adrian; VITA, Álvaro de & ARAÚJO, Cícero (Orgs.) O papel da teoria política contemporânea. Justiça, constituição, democracia e representação. São Paulo, Alameda, 2011.

OSTRENSKY, Eunice. “Soberania e representação: Hobbes, parlamentaristas e levellers”, Lua Nova, 2010, v. 80, p. 151-179.

OSTRENSKY, Eunice & TIerno, Patricio. (Orgs.). Teoria, Discurso e Ação Política. São Paulo, Alameda, 2013.

VITA, Álvaro de. O liberalismo igualitário: sociedade democrática e justiça internacional. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 2008

Filmografia sugerida

Entrevista com Fernando Henrique Cardoso (Projeto Memória das Ciências Sociais no Brasil, CPDOC, 2011, 126 minutos)

Os Bórgias (2011-2013, Estados Unidos, 29 episódios)

Sociologia II

Ementa

O pragmatismo e o interacionismo simbólico. O estrutural-funcionalismo parsoniano e seus críticos. Teorias da dependência e do desenvolvimento na América Latina. Escola de Frankfurt e teorias críticas. A microsociologia de E. Goffman. A sociologia de Pierre Bourdieu.

Objetivos

Esta disciplina tem como objetivo debater a construção da teoria sociológica ao longo do século XX, privilegiando a diversidade de abordagens teóricas e escalas de análise. Fiel ao espírito da disciplina de Sociologia I, este curso também tem como alvo o questionamento de algumas marcações eurocêntricas da história da disciplina, que insistem em apagar a contribuição latino-americana.

Bibliografia básica

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

DELPHY, Christine. “O inimigo principal: a economia política do patriarcado”. Revista Brasileira de Ciência Política. N.17, pp.99-119, 2015 [1970].

GOFFMAN, Erving. A representação do eu na vida cotidiana. Petropolis: Vozes, 2006

Bibliografia complementar

DEWEY, John. A Filosofia em Reconstrução. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1958.

GERMANI, Gino. “Da sociedade tradicional à participação total na América Latina”. Política y sociedad em uma época de transición social. Buenos Aires: Paidós, 1965.

MEAD, George Herbert. "A brincadeira, o jogo e o outro generalizado." Pesqui. prá. psicossociais 5.1 (2010): 131-136.

Metodologia Quantitativa I

Ementa

Expor noções básicas sobre métodos quantitativos de pesquisa. Fornecer subsídios aos alunos de como realizar, ler, analisar e criticar uma pesquisa quantitativa no campo das ciências sociais. Amostra, questionário, trabalho de campo, processamento dos dados e análise dos resultados. Introdução a estatística descritiva dos dados: estatística univariada e multivariada. Medidas de tendência central. Medidas de dispersão. Uso de gráficos.

Objetivos

O objetivo principal do curso é fornecer instrumental analítico e metodológico que possibilite trabalhar com ferramentas para análise descritiva de dados. Além disso, oferecer ferramentas para que o aluno possa avaliar, planejar e executar uma pesquisa com métodos quantitativos nas ciências sociais. Introdução a estatística descritiva dos dados: estatística univariada e multivariada, medidas de tendência central e de dispersão, bem como o uso de gráficos. Além disso, será abordado o conceito de causalidade e a sua aplicabilidade através do uso de bases de dados de institutos de pesquisa brasileiros e organismos internacionais.

Bibliografia básica

FIELD, Andy. Descobrindo a Estatística usando o R. Porto Alegre, Editora Artmed, 2019.

OLIVEIRA, Paulo Felipe de; GUERRA, Saulo; MCDONNELL, Robert. Ciência de Dados com R – Introdução. Brasília: Editora IBPAD, 2018. <https://cdr.ibpad.com.br/>

WHEELAN, Charles. 2016. Estatística: O Que É, Para Que Serve, Como Funciona. Rio de Janeiro: Zahar.

KING, Gary, and POWELL, Eleanor Neff. 2011. “Como Não Mentir Sem Estatística.” *Conexão Política* 4 (2): 9–46. <http://www.revistas.ufpi.br/index.php/conexaopolitica/article/view/5673>.

Bibliografia Complementar

BRUNI, Adriano Leal. SPSS aplicado à pesquisa acadêmica. São Paulo, Editora Atlas S.A., 2009.

BABBIE, Earl. Métodos de Pesquisa Survey. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

BECKER, Howard. Segredos e truques da pesquisa. Rio de Janeiro, Zahar, 2007.

LEVIN, John. & FOX, James Alan. Estatística para ciências humanas. São Paulo, Pearson, 2004.

CANO, Ignácio. Introdução à avaliação de programas sociais. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

História Contemporânea do Brasil II

Ementa

O segundo governo Vargas e o Estado nacional desenvolvimentista; Os anos JK: democracia e desenvolvimento; A crise política dos anos 60 e o movimento civil e militar de 1964; O golpe civil-militar de 1964; o regime militar e os modelos de Estados autoritários; A política econômica: entre o “milagre” e o modelo autárquico; o processo de democratização; Direitos Humanos e o legado do autoritarismo; A ressurgência do movimento negro e a luta antirracista

Objetivos:

O curso tem como objetivo apresentar um quadro geral das transformações políticas, sociais e econômicas que tiveram lugar no Brasil a partir do início da República de 1946 até o processo de democratização dos anos de 1980. Questões como as da centralização política, do federalismo, do corporativismo, da montagem de um sistema partidário nacional, do autoritarismo e da democracia estarão em destaque. O segundo objetivo do curso é fornecer aos alunos um balanço dos atuais debates historiográficos que envolvem os temas tratados e desenvolver suas habilidades para a análise dos documentos.

Bibliografia básica

ABREU, Marcelo de Paiva (org.) A ordem do progresso: cem anos de política econômica republicana. Rio de Janeiro, Campus, 1990.

GOMES, Angela de Castro. Cidadania e direitos de trabalho. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2002.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. São Paulo, EDUSP, 2002.

Bibliografia complementar

BENEVIDES, Maria Victoria M. O Governo Kubitschek – Desenvolvimento Econômico e Estabilidade Política: 1956-1961. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976.

CAMARGO, Aspásia et alli. O Golpe Silencioso, Rio de Janeiro, Rio Fundo, 1989.

CARVALHO, José Murilo de. “Forças Armadas e Política 1930-1945”. In: Fundação Getulio Vargas/CPDOC. A Revolução de 1930: Seminário Internacional, Brasília: Ed. UnB, p.p. 107-150.

CASTRO, Celso, SOARES, Gláucio Ary Dillon & D'ARAÚJO, Maria Celina Soares, Visões do Golpe: a memória militar sobre 1964. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1994.

D'ARAÚJO, Maria Celina Soares, O Segundo Governo Vargas 1951-1954, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

FAUSTO, Boris. A revolução de trinta: História e Historiografia. São Paulo: Brasiliense, 1970

GOMES, Ângela Maria de Castro, A Invenção do Trabalhismo, Rio de Janeiro, Vértice, 1989.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi (org.), Estado Novo: Ideologia e Poder, Rio de Janeiro, Zahar, 1982.

ORTIZ, Renato, A Moderna Tradição Brasileira, São Paulo, Brasiliense, 1989.

SOUZA, Maria do Carmo, Estado e Partidos Políticos no Brasil (1930-1961), São Paulo, Alfa-Ômega, 1976.

WEFFORT, Francisco, O Populismo na Política Brasileira, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1978.

14.1.4. Quarto Semestre

Antropologia III

Ementa

Crenças, rituais e simbolismo. A Antropologia e as “categorias do entendimento”. Mito e ciência. A análise antropológica de mitos e rituais. Antropologia (da) política

Objetivos

O curso estará centrado na tradição antropológica do estudo de sistemas de crenças, rituais e simbolismo. Um dos eixos centrais será a problematização da existência de um grande divisor entre pensamento mítico e mágico, por um lado, e pensamento científico, por outro — divisão que deu origem a várias dicotomias: racionalidade vs. Irracionalidade; sagrado vs. Profano; pensamento vs. Ação; crenças vs. Rituais. Os alunos deverão adquirir instrumentos que lhes permitam a análise de sistemas classificatórios, mitos e práticas rituais em diferentes grupos sociais, através de estudos monográficos ou comparativos. A perspectiva adotada deverá levar em conta tanto o plano sincrônico quanto o diacrônico, relacionando cosmologias, mitos e ritos com a estrutura social, mas também acompanhando suas transformações através do tempo. O curso deverá recorrer a exemplos dessas questões consagrados pela literatura e pelo cinema.

Bibliografia básica

CASTRO, Celso. Textos básicos de Antropologia. Rio de Janeiro, Zahar, 2016.

LÉVI-STRAUSS, Claude. Antropologia estrutural I e II. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1970.

PEIRANO, Mariza. Rituais: ontem e hoje. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

Bibliografia complementar

DURKHEIM, Émile & MAUSS, Marcel. “Algumas formas primitivas de classificação”. In: As formas elementares da vida religiosa. São Paulo, Martins Fontes, 1996.

VAN GENNEP, Arnold. Os ritos de passagem. Petrópolis: Vozes, 2013.

EVANS-PRITCHARD, E. E. Bruxaria, oráculos, bruxaria e magia entre os Azande. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

LEACH, Edmund. Cultura e comunicação. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

MALINOWSKI, Bronislaw. Magia, ciência e religião. Lisboa, edições 70, 1984.

MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia. Rio de Janeiro, EPU/EDUSP, 1978.

TURNER, Victor. O processo ritual: estrutura e antiestrutura. Petrópolis, Vozes, 1974.

Filmografia sugerida

Os mestres loucos, Jean Rouch (1955, França, 30 minutos)

Terra deu, terra come, Rodrigo Siqueira (2010, Brasil, 88 minutos)

As hiper mulheres, Carlos Fausto, Leonardo Sette, Takumã Kuikuro (2012, Brasil, 80 minutos) Coronation (1953, Inglaterra, 1:18:48)

Primárias, Robert Drew (1960, EUZ, 60min)

Ciência Política III

Ementa

Metodologia comparada. Ditaduras e Democracias; Constituições; Presidencialismo e parlamentarismo; Eleições e Sistemas eleitorais; Sistemas partidários; modelos federalista e unitário; Pluralismo e corporativismo; Bicameralismo e unicameralismo; Políticas Públicas; Cultura Política.

Objetivos

O curso tem como cerne o ensino da metodologia comparada em Ciência Política, envolvendo a abordagem conceitual sobre o funcionamento de diferentes modelos de democracias. A disciplina poderá orientar o foco em temas tão diversos como instituições políticas e processos decisórios, cultura política ou sobre outputs de políticas públicas. Por outro lado, o método comparado também pode ser direcionado a processos políticos relacionados a ciclos de transição democrática e a processos de evolução dos sistemas partidários, dentre outros. Estudos de caso serão considerado, somente na medida em que contemplem a abordagem comparada.

Bibliografia básica

LIJPHART, Arend. (2003), Modelos de democracia. Desempenho e padrões de governo em 36 países. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

PASQUINO, Gianfranco (2010) Curso de Ciência Política. 2º edição. Principia.

TSEBELIS, George. Atores com poder de veto: como funcionam as instituições políticas. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2011.

Bibliografia complementar

DAHL, Robert. Poliarquia. São Paulo, Edusp, 2005.

OLSON, Mancur. A lógica da ação coletiva. São Paulo, Edusp, 2003.

SCHUMPETER, Joseph. Capitalismo, Socialismo e Democracia. São Paulo, Ed. Unesp, 2017.

Filmografia sugerida

Entrevista com Wanderley Guilherme dos Santos (Projeto Memória das Ciências Sociais no Brasil, CPDOC. Parte 1: 2009, 98 minutos; Parte 2: 2011, 85 minutos)

Sociologia III

Ementa

As novas tentativas de síntese teórica. A crítica e a reconstrução do paradigma bourdieusiano. O pós-estruturalismo. A renovação da teoria crítica. O pós-colonialismo e a teoria social. Gênero, raça e teoria social. Sociologias do Sul Global

Objetivos

O objetivo principal desta disciplina é apresentar aos estudantes o vasto e fragmentado campo da teoria sociológica contemporânea. Para tanto, a disciplina se estrutura a partir de tem dois eixos fundamentais: a) os novos movimentos de síntese teórica pós-Bourdieu; b) a emergência do pós-colonial. A disciplina foi pensada de forma a permitir aos estudantes o controle de debates, conceitos e modelos explicativos fundamentais para o

trabalho contemporâneo do sociólogo. Seguindo a linha proposta nas duas disciplinas de Sociologia anteriores, espera-se que os alunos desenvolvam uma consciência historiográfica sobre os debates do campo e sejam capazes de entender as dinâmicas

Bibliografia básica

CONNELL, Raewyn. “A iminente revolução na teoria social”. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol.27, n.80, pp 9-20

GIDDENS, Anthony. As consequências da modernidade. São Paulo, UNESP, 1991.

HABERMAS, Jurgen. Técnica e Ciência como Ideologia. Lisboa, edições 70, 2009

Bibliografia complementar

BOLTANSKI, Luc. “Sociologia crítica ou sociologia da crítica?”. In F. Verán e F. Vandenberghe. Além do habitus: teoria social pós-bourdiesiana. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

DOMINGUES, José Maurício. Modernidade global e civilização contemporânea: para uma renovação da teoria crítica. Belo Horizonte: editora UFMG, 2013

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008. FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: N-1 edições, 2018

Metodologia Quantitativa II

Ementa

Indicador social quantitativa. Fontes de dados e indicadores no Brasil e no exterior. Análise de dados quantitativos. Teoria da amostragem. Probabilidade. Curva normal. Teste de hipótese. Associação entre variáveis quantitativas. Análise de variância. Diferença entre médias. Correlação. Regressão linear.

Objetivos

Este curso tem por objetivo debater um instrumental analítico e metodológico para os alunos desenvolverem pesquisas com base no método quantitativo em ciências sociais. Para isso, o curso terá um enfoque em conciliar a teoria e a prática de análise de dados

quantitativos, tendo como enfoque aplicado alguns exemplos de pesquisas recentes no Brasil. Serão apresentados e debatidos os conceitos fundamentais dos indicadores sociais quantitativos, os principais exemplos, as suas características, bem como a sua manipulação e uso. Em seguida, o curso centra a aplicação analítica de testes estatísticos para a tomada de decisão. São abordados temas como a teoria da amostragem, probabilidade, curva normal, análise de variância, diferença entre médias, associação entre variáveis, correlação, regressão (linear e múltipla).

Bibliografia básica

AGRESTI, Alan; FINLAY, Barbara. Métodos estatísticos para as ciências sociais. Porto Alegre, Penso, 2012.

FIELD, Andy. Descobrimo a Estatística usando o SPSS. Porto Alegre, Editora Artmed, 2009.

WICKHAM, Hadley, and Garret Grolemond. 2019. R Para Data Science. Porto Alegre: Artmed.

WHEELAN, Charles. 2016. Estatística: O Que É, Para Que Serve, Como Funciona. Rio de Janeiro: Zahar.

Bibliografia complementar

CANO, Ignácio. Introdução à avaliação de programas sociais. Rio de Janeiro, FGV, 2004.

MOORE, David. A estatística básica e sua prática. Rio de Janeiro, LTC, 2005.

JANNUZZI, P. M. Indicadores sociais no Brasil: conceitos, fonte de dados e aplicações. Campinas: Alínea. 2001.

LEVIN, John; Fox, James Alan. Estatística para ciências humanas. São Paulo, Pearson, 2004.

Formação do Mundo Contemporâneo

Ementa

Discussões conceituais sobre História Global e História do Tempo Presente Grandes Guerras e conflitos contemporâneos; A Guerra Fria e a bi-polaridade; Problemas do pós-Guerra Fria; Descolonização e Direitos Humanos; O Antropoceno e a mudança climática

Objetivos

O objetivo central do curso será examinar analisar as grandes transformações sociais e políticas que marcaram as sociedades contemporâneas nos séculos XX, por meio de uma abordagem transnacional que evite a tradicional reificação da História “Ocidental”. Assim, os estudantes serão expostos a discussões que enfatizem as conexões entre processos macro- históricos que englobaram distintas regiões do mundo.

Bibliografia básica

CHOMSKY, Noam. Contendo a Democracia. Rio de Janeiro: Record, 2003.

HOBBSAWM, Eric J. A Era dos Extremos. São Paulo. Cia. Das Letras, 1995.

HOBBSAWM, Eric J. A Era dos Impérios. São Paulo, Paz e Terra, 2002.

Bibliografia complementar

ANDERSON, Benedict. Comunidades imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo, Cia das Letras, 2008.

ARRIGHI, Giovanni. O longo século XX. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: Editora UNESP, 1996.

COSTA e SILVA, Alberto. A enxada e a lança. A África antes dos portugueses. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

HOBBSAWM, Eric J. Nações e nacionalismo desde 1780: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1991.

MAZOWER, Mark. Continente sombrio: a Europa no século XX. São Paulo, Companhia das Letras, 2001.

PAXTON, Robert. A anatomia do fascismo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2007.

REIS, Daniel Aarão; Ferreira, Jorge e Zenha, Celeste (orgs). O século XX. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2000. Volumes 2 e 3.

VIZENTINI, Paulo. O grande Oriente Médio: da descolonização à Primavera Árabe. Elsevier, 2011.

14.1.5. Quinto Semestre

Metodologia Qualitativa I

Ementa

As relações entre métodos de pesquisa qualitativos e quantitativos em Ciências Sociais; características da pesquisa qualitativa em ciências sociais; estudo de caso e problemas de inferência; estratégias de comparação; métodos de análise de discurso; grupos focais; o método biográfico nas Ciências Sociais. Biografia, identidade e memória. A utilização de entrevistas como método de pesquisa. Constituição e utilização de acervos documentais orais. Questões éticas referentes aos métodos qualitativos abordados.

Objetivos

O objetivo do curso é fornecer uma visão geral sobre as principais questões envolvidas na utilização de métodos e técnicas qualitativas de pesquisa nas Ciências Sociais, buscando compreender as relações entre métodos qualitativos e quantitativos. No âmbito dos métodos qualitativos, serão destacadas as questões relativas aos problemas de inferência, construção de amostras e formas de comparação e combinação entre técnicas distintas de pesquisa empírica. Serão trabalhados o estudo de caso, a análise de discursos, a técnica de grupos focais, o método biográfico e a realização de entrevistas. A dinâmica das aulas propiciará a discussão sobre os pressupostos teóricos e sobre diferentes metodologias de pesquisa qualitativa. Debates sobre ética, biografia, identidade e memória serão estimulados ao longo do semestre, assim como discussões sobre amostragem, escolha do tema, dos entrevistados e elaboração de roteiros e projetos. Os

alunos terão a oportunidade de realizar um exercício prático de pesquisa, a ser discutido coletivamente em seminários durante o curso.

Bibliografia básica

BECKER, H. Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais. SP: Hucitec, 1993.

BOURDIEU, P. “A ilusão biográfica”. In: Usos e Abusos da História Oral. Ferreira, M.M. & AMADO, J. (org). RJ: FGV, 2006.

GOLDENBERG, M. A arte de pesquisar – como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 1997. (p 11-67)

Bibliografia complementar

ALBERTI, V. Manual de História Oral. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2004.

AMADO, J. O grande mentiroso: tradição, veracidade e imaginação em História Oral. São Paulo: História. v. 14, 1995.

BECKER, H. “‘Introdução à redação’ para estudantes de pós-graduação”. In: . Truques da Escrita. Para começar e terminar teses, livros e artigos. Rio de Janeiro, Zahar Editor, 2011.

BONI, V. & QUARESMA, S. J. “Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em ciências sociais”. Em Tese, Florianópolis, v. 2, n. 1j, 2005

CANO, I. “Nas trincheiras do método: o ensino da metodologia das ciências sociais no Brasil”. Sociologias, Porto Alegre, ano 14, n. 31, set/dez. 2012.

CASTRO, C. Pesquisando em Arquivos. RJ: Zahar, 2008.

DUARTE, T. “A possibilidade da investigação a 3: reflexões sobre triangulação (metodológica)”. Lisboa: CIES e-WORKING PAPER N. ° 60/2009.

ECO, U. Como se faz uma tese. São Paulo: Perspectiva, 1983 [1977].

GIL, A.C. “Formulação do problema”. In: Método e técnicas de pesquisa social. São Paulo: Atlas, 2008.

HALBWACHS, M. A Memória coletiva. SP: Centauro, 2006.

MILLS, W. “Sobre o artesanato intelectual”. In: Castro, C. Textos básicos de sociologia – De Karl Marx a Zygmunt Bauman. RJ: Zahar, 2011.

PEIRANO, M. “Etnografia não é método”. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos ano 20, n.42, jul/dez 2011.

POLLAK, M. “Memória, esquecimento, silêncio”. RJ: Estudos Históricos, vol 2, n.3, 1989.

QUEIROZ, M.I.P. “O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha de técnicas: algumas reflexões”. In: Lang, A.B. (org.). Reflexões sobre a Pesquisa Sociológica. São Paulo, CERU, 1992, pp. 13-29.

WEBER, M. “A ‘objetividade do conhecimento na ciência social e na ciência política’”. In: Metodologia das Ciências Sociais. SP: Cortez & Editora Unicamp, 2016.

Interpretações do Brasil

Ementa

O pensamento social brasileiro e seus “clássicos”. Principais intérpretes da formação da sociedade brasileira e suas filiações teóricas. Identidade nacional: o Brasil através das artes. Literatura, cinema e pintura: projeções do real e do ficcional. Raça, gênero e classe na conformação histórica do país; Os povos originários e suas cosmologias e narrativas

.

Objetivos

O objetivo principal do curso é apresentar aos alunos obras clássicas que discutem as características e a singularidade da sociedade brasileira, analisando suas diferenças, suas divergências, seus pontos de encontro e de eventual consenso. A partir da leitura de autores fundamentais do pensamento social brasileiro do século XX, serão discutidos

temas como a formação social brasileira, as identidades étnicas, regionais e nacionais, bem como as peculiaridades da estrutura social e política do país. Além disto, objetiva-se estabelecer ligações entre essas obras ensaísticas e a produção artística nacional – literária, cinematográfica e musical – nos séculos XX e XXI.

Bibliografia básica

DaMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & senzala: introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil 1. Rio de Janeiro: Record, 2001.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Bibliografia complementar

BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil. São Paulo, Livraria Pioneira Ed., 1985.

CÂNDIDO, Antonio. Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo, Duas Cidades, 1971.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. São Paulo, Ática, 1978.

FREYRE, Gilberto. Sobrados e mocambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. Rio de Janeiro, José Olympio, 1985.

LEAL, Vitor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1997.

VIANNA, Oliveira. Populações meridionais do Brasil. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1973-1974.

Filmografia

MENDONÇA, Kléber. Bacurau. Brasil, 2019.

ROCHA, Glauber. Deus e o diabo na terra do sol. Brasil, 1964.

14.1.6. Sexto Semestre

Metodologia Qualitativa II

Ementa

O método etnográfico nas Ciências Sociais. A pesquisa de campo e a situação do observador. Observação participantes e pesquisa de campo em meio urbano. A interpretação de dados qualitativos. O método comparativo: exemplos; dilemas éticos na pesquisa etnográfica

Objetivos

O objetivo do curso é fornecer uma visão geral sobre as principais questões envolvidas na utilização de métodos e técnicas qualitativas de pesquisa nas Ciências Sociais. Serão estudados o método etnográfico, a pesquisa de campo e a observação participante. Os principais temas abordados serão: a natureza do trabalho etnográfico; a história e as principais questões relativas à utilização da pesquisa de campo nas Ciências Sociais, em particular a observação participante; características da pesquisa de campo em diferentes contextos sociais; a escolha e o acesso ao campo; a situação do pesquisador; a utilização de informantes; notas e diários de campo; a interpretação dos dados; questões referentes à divulgação dos resultados da pesquisa. Os alunos também deverão ter a oportunidade de realizar um exercício prático de pesquisa, a ser discutido coletivamente em seminários.

Bibliografia básica

FOOTE-WHYTE, William. Apêndice: sobre a evolução da sociedade de esquina. In: Sociedade de Esquina. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

PEIRANO, M. Etnografia não é método. Porto Alegre: Horizontes Antropológicos ano 20, n.42, jul/dez 2011.

VELHO, G. Um antropólogo na Cidade. Rio de Janeiro, Zahar: 2013

Bibliografia complementar

CARDOSO DE OLIVEIRA, L.R. “O mal-estar da ética na antropologia prática. In: Antropologia e Ética. O debate atual no Brasil. VICTORIA, C. et ali (orgs.). Niterói: EdUFF, 2004.

CICOUREL, Aaron. Teoria e método em pesquisa de campo. In: ZALUAR, Alba (org). Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Franscisco Alves Editora, 1980.

CLIFFORD, J. Sobre a autoridade etnográfica. In: . Antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998.

EVANS-PRITCHARD, E.E. Os Nuer: uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota. São Paulo: Perspectiva, 2002. (Trechos a selecionar)

EVANS-PRITCHARD, E.E. Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

GEERTZ, Clifford. Do ponto de vista dos nativos: a natureza do entendimento antropológico. In: O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.

GLUCKMAN, M. Análise de uma situação social na Zululândia moderna. In: FELDMAN- BIANCO, B. (org.) Antropologia das sociedades contemporâneas. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

MAGNANI, J. G. C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista Brasileira de Ciências Sociais vol.17, n.49, junho/2002.

MALINOWSKI, Bronislaw. Um diário no sentido estrito do termo. Rio de Janeiro: Record, 1997. P.11-131.

MALINOWSKI, B. Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato dos empreendimentos e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Trechos a selecionar)

MALINOWSKI, Bronislaw. Crenças e costumes nativos sobre a procriação e a gravidez. In: DURHAM, Eunice Ribeiro (org.) Malinowski. São Paulo: Ática, 1986. pp.117-142.

MILLER, D. Porque a indumentária não é algo superficial. In: . Trecos, troços e coisas: estudos antropológicos sobre a cultura material. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MITCHEL, J. C. A dança kalela: aspectos das relações sociais entre africanos urbanizados na Rodésia do Norte. In: FELDMAN-BIANCO, B. (org.) Antropologia das sociedades contemporâneas. São Paulo: Editora Unesp, 2010.

WEBER, Florence. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou: por que censurar seu diário de campo? Horizontes Antropológicos ano15, n.32: 157-170.

14.1.7.Sétimo Semestre

Trabalho de Conclusão de Curso I

Ementa

Nessa disciplina os alunos deverão encontrar junto com o professor orientador um tema do seu interesse, definir o escopo das questões relacionadas ao tema a serem analisadas, definir as estratégias de abordagem das questões levantadas e propor um conjunto de resultados esperados ao final do trabalho.

Objetivo

A disciplina irá combinar aulas presenciais e atividades extraclasse. As aulas presenciais ocorrerão inicialmente a cada quinze dias, e serão dedicadas à apresentação de exercícios práticos, debates sobre o ‘fazer’ das ciências sociais e discussão crítica dos pré-projetos. Já as atividades extra-classes envolverão reuniões com os orientadores, leituras recomendadas e a realização de exercícios propostos pelo docente.

14.1.8. Oitavo Semestre

Trabalho de Conclusão de Curso II

Ementa

Produção de uma monografia, artigo acadêmico ou produção audiovisual acompanhada de trabalho escrito; práticas de escrita acadêmica; normas de apresentação e exposição de trabalho acadêmico.

Objetivos

Esta disciplina é voltada para a escrita de um trabalho acadêmico de conclusão de curso. O trabalho pode ser tanto uma monografia tradicional, como um artigo acadêmico com vistas à publicação em periódico ou uma produção audiovisual acompanhada de trabalho escrito. Cada estudante deverá se reunir periodicamente com seu orientador, e cabe ao professor responsável pela disciplina definir a sistemática de acompanhamento.

14.2.DISCIPLINAS OPTATIVAS

Tópicos em Antropologia I

Ementa

O surgimento da Antropologia Visual como campo de investigação e seu desenvolvimento. As imagens como objeto e dispositivo de pesquisa. Diálogos entre Antropologia e documentário. O filme etnográfico. Novos campos abertos pela Antropologia Visual.

Objetivos

O curso tem por objetivo introduzir os alunos no campo da Antropologia Visual e seus métodos de pesquisa. Contextualizar o surgimento do campo e sua institucionalização. Os principais debates e as transformações ocorridas no interior da disciplina. Abordar a relação entre Antropologia e imagem. As diferentes pesquisas realizadas no âmbito da Antropologia Visual e os métodos empregados. O desenvolvimento do cinema etnográfico como gênero cinematográfico e método de pesquisa. As novas possibilidades abertas pelo campo, laboratórios e produções no contexto internacional.

Bibliografia básica

GONÇALVES, Marco Antonio. “Encontros “35ncorporados” e conhecimento pelo corpo: filme e etnografia em Jean Rouch”. Devires (UFMG), v. 6, n.2, pp. 28-45. 2010.

PEIXOTO, Clarice. “Antropologia e filme etnográfico: um travelling no cenário literário da antropologia visual”. Boletim Informativo Bibliográfico em Ciências Sociais/BIB, 48: 91-111. 1999.

PIAULT, Marc. Antropologia & Cinema: passagem à imagem, passagem pela imagem. São Paulo: UNIFESP, 2018.

Bibliografia complementar

HENLEY, Paul. “Trabalhando com filme: cinema de observação como etnografia prática”. Cadernos de Antropologia e Imagem, n. 18, v. 1, pp. 163-188.

NICHOLLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas; Papirus, pp.135-177. 2005.

PARIS, Lou Mary (ogs.). A experiência da imagem etnográfica. São Paulo: FAPESP. 2011. MATHIAS, Ronaldo. Antropologias Visual. São Paulo: Nova Alexandria. 2016.

Filmografia sugerida:

Corumbiara, Vincent Carelli. 2009 (120 min).

Eu, um negro. Jean Rouch. 1955 (70 min). Nanook, o esquimó. Robert Flaherty. 1922 (79 minutos).

Reassemblage. Trinh T. Minh-Ha, 1982 (40 min). Transfiction. Johannes Sjöberg, 2007 (57 min).

Tópico em Antropologia II

Ementa

As cidades e as ciências sociais. História da Antropologia Urbana. Escola de Chicago. Escola de Manchester. Antropologia Urbana no Brasil. Etnografias na e da cidade.

Objetivos

O curso tem como objetivo apresentar os fundamentos teórico-metodológicos das pesquisas urbanas a partir da perspectiva da antropologia e busca auxiliar na instrumentalização da prática etnográfica em contextos urbanos e no desenvolvimento de um olhar atento às dinâmicas sociais cosmopolitas. Os fenômenos urbanos serão analisados a partir de uma revisão histórica sobre a Antropologia Urbana no Brasil e no

mundo, passando pela Escola de Chicago e pela Escola de Manchester, até o estudo sobre a emergência da antropologia urbana no Brasil (primeiro no eixo Rio-São Paulo e a posterior expansão por outros territórios brasileiros). A partir da análise de etnografias clássicas e contemporâneas que versam sobre relações sociais desenvolvidas em espaços urbanos, o curso irá enfatizar a importância do trabalho de campo e da observação participante em pesquisas desenvolvidas nas sociedades urbanas contemporâneas.

Bibliografia básica

CASTRO, Celso. Textos básicos de Antropologia. Rio de Janeiro, Zahar, 2016.

SIMMEL, George. "A metrópole e a vida mental" (1902) in: Velho, O. (org) O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

VELHO, Gilberto. Um antropólogo na cidade. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

Bibliografia complementar

ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. "Castelos de Areia: dilemas da institucionalização das Ciências Sociais no Rio de Janeiro (1930-1964)". BIB, Rio de Janeiro, n. 24, 1987.

BECKER, Howard. "Conferência de Chicago". Mana, Rio de Janeiro, 2(2): 177-188, 1996. COULON, Alain. A escola de Chicago. Campinas: Papyrus, 2005

FIELDMAN BIANCO, Bela. "Prefácio à 2ª edição" e "Introdução". In: Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo, Unesp, 2010.

FRÚGOLI, Heitor. "O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia". Revista de antropologia, SP, USP, vol. 48/1, 2005.

GLUCKMAN, Max. "Análise de uma situação social na Zululândia moderna". In: Bela Feldman-Bianco (ed). Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo: Unesp, 2010.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, n. 49, São Paulo, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "No meio da trama: a antropologia urbana e os desafios da cidade contemporânea". Sociologia, problemas e práticas, n, 60, 2009.

MAYER, Adrian. "A importância dos 'quase grupos' no estudo das sociedades complexas". In: Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos. São Paulo, Unesp, 2010.

OLIVEN, Ruben George. Antropologia de grupos urbanos. Petrópolis, Vozes, 2007.

OLIVEN, Ruben George. Urbanização e mudança social no Brasil. RJ: Centro Edelstein, 2010.

VELHO, Gilberto. "Antropologia urbana: interdisciplinaridade e fronteiras do conhecimento". Mana, Rio de Janeiro, 17(1): 161-185, 2011.

VELHO, Gilberto. "Becker, Goffman e a antropologia no Brasil". Sociologia, problemas e práticas, n. 38, 2002.

VELHO, Otávio (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1987

Filmografia sugerida

Edifício Master, Eduardo Coutinho (2002, Brasil, 1h51minutos)

Os passos iniciais da antropologia urbana no Brasil, FGV CPDOC (2019, Brasil, 9:05 minutos) Gilberto Velho: uma homenagem, FGV CPDOC (2019, Brasil, 20:54 minutos)

Tópico em Antropologia III

Ementa

Gênero e sexualidade como categorias analíticas. Gênero e sexualidade como construção histórica, social, cultural, política e discursiva. Representações sociais sobre o corpo,

reprodução, conjugalidade e relações familiares. Movimento feminista. Gênero e relações de poder.

Objetivos

O curso tem como objetivo apresentar uma discussão sobre corpo, gênero e sexualidade a partir de uma análise antropológica, proporcionando discussões sobre as interfaces entre gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial. Preconceito, discriminação, diferença, alteridade e identidades culturais, são analisados no curso sob uma perspectiva histórica, social, cultural, política e discursiva. O curso aborda o movimento feminista sob as perspectivas histórica e contemporânea e busca problematizar o binarismo sexual a partir da revisão bibliográfica clássica sobre o tema e com base em etnografias contemporâneas sobre o tema.

Bibliografia básica

GIDDENS, Anthony. A transformação da Intimidade: Sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas, Tradução de Magda Lopes, São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

MEAD, Margaret. Sexo e Temperamento, São Paulo, Ed. Perspectiva, 1999.

SCOTT, J. W. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica“. Educação e Realidade, Porto Alegre, v.20, n.2, p. 71-99, 1995.

Bibliografia complementar

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BUTLER, Judith. “O Parentesco é sempre tido como heterossexual? “ In: Cadernos Pagu. Campinas: Pagu, 2003, v. 21, p.219-260.

BADINTER, Elizabeth. Um amor conquistado: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CORRÊA, Mariza. “Repensando a família patriarcal brasileira: notas para o estudo das formas de organização familiar no Brasil”. In: Colcha de Retalhos: Estudos sobre a família no Brasil. Campinas: Editora da universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, 1993.

DEBERT, G.; BRIGEIRO, M. “Fronteiras de gênero e sexualidade na velhice“. RBCS, v.27, n. 80, 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v27n80/v27n80a03.pdf>

DURHAM, Eunice. “Família e Reprodução Humana”. In: Perspectivas Antropológicas da Mulher n.3, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

FOUCAULT, M. História da Sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 1977.

GREGORI, M. F. “Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo“. Revista de Antropologia, São Paulo, v. 51, n. 2, 2008. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/ra/v51n2/a07v51n2.pdf>

LAQUEUR, T. Inventando o sexo: corpo e gênero dos gregos a Freud. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

RUSSO, J. A.; ROHDEN, F.; TORRES, I.; FARO, L. “O campo da sexologia no Brasil: constituição e institucionalização“. Physis. 2009, vol.19, n.3, pp. 617-636. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v19n3/a04v19n3.pdf>

Filmografia sugerida:

Kinsey – Vamos falar sobre sexo, Bill Condon (2003, EUA, 1h58min)

Tópicos em antropologia IV

Ementa

Discussão sobre os fenômenos da saúde e da doença a partir do enfoque antropológico. Saúde mental, Reforma Psiquiátrica e a perspectiva psicossocial. Saúde, doença e a construção social da pessoa e da subjetividade.

Objetivo

O curso tem como objetivo discutir aspectos sociais, culturais e políticos relacionados aos fenômenos da saúde e da doença e disponibilizar um arsenal teórico-metodológico para fundamentar as discussões sobre saúde, a partir da perspectiva antropológica. Tendo como foco a discussão sobre saúde/doença mental, o curso vai enfatizar as discussões sobre (inter)subjetividade e sobre as articulações entre o campo psi e as perspectivas sócio-antropológicas.

Bibliografia Básica

FOUCAULT, F. História da loucura na Idade Classica. SP: Perspectiva, 1978.

LAPLANTINE, F. Antropologia da doença. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

MINAYO, M.C. O desafio do conhecimento. Pesquisa qualitativa em saúde. SP/RJ: Hucitec/ABRASCO, 1993.

Bibliografia complementar

ALVES, P.C. & RABELO, M.C. Antropologia da saúde, traçando identidade e explorando fronteiras. RJ: Relume-Dumara, 1998.

BIRMAN, J. A psiquiatria como discurso da moralidade. Rio de Janeiro: Graal, 1978.

CARRARA, S. Crime e loucura: o aparecimento do manicômio judiciário na passagem do século. Dissertação de mestrado, Rio de Janeiro: Museu Nacional, UFRJ, 1987.

DUARTE, L.F.D. & LEAL, O.F. Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas. RJ: Fiocruz, 1998.

GOFFMAN, E. Manicômios, prisões e conventos. SP: Perspectiva, 1987.

SONTAG, S. A doença como metáfora.. RJ: Graal, 2002.

Tópicos em antropologia V

Ementa

Perspectivas antropológicas sobre família e parentesco. Relações familiares e de parentesco na História da Antropologia e nas relações contemporâneas (transformações e permanências). Relações de gênero e construções sociais sobre casamento, conjugalidade, reprodução e parentalidade. Gênero e geração e construção social de identidades.

Objetivos

Estudo sobre relações familiares e de parentesco na História da Antropologia e na atualidade. Perspectivas atuais, transformações e permanências no estudo sobre parentesco e família. Discussões éticas, teóricas e metodológicas sobre relações conjugais, reprodução e parentalidade.

Bibliografia obrigatória

LEVI-STRAUSS, C. As estruturas elementares do parentesco. SP: Vozes, 1976. SARTI, C. A família como espelho. Sobre a moral dos pobres. Campinas/SP: 1996. SCHNEIDER, D, O parentesco americano. Petropolis: Vozes, 1980.

11.30.4 Bibliografia complementar

ARIES, P. História da família e da criança e da família. RJ: LCT, 1981.

BADINTER, E, Um amor conquistado: o mito do amor materno. RJ: Nova Fronteira, 1985.

CARSTEN, J. “A matéria do parentesco”. R@U, 6(2), jul/dez, 2011.

FONSECA, C. Família, fofoca e Honra. Porto Alegre: Ed Universidade, 2000. MEAD, M. Sexo e Temperamento. SP: Perspectiva, 1998.

STRATHERN, M. “Necessidade de pais, necessidade de mães”. Revista Estudos Feministas, v.3,n.2, 1995.

Tópicos em antropologia VI

Ementa

Interpretações do Brasil. Estudos antropológicos sobre cultura no Brasil. Cultura brasileira na perspectiva histórica. Conceitos e significados culturais em contexto brasileiro. Cultura popular e cultura erudita. Folclore e festas regionais.

Objetivos

Estimular a discussão sobre cultura popular e cultura erudita a partir da perspectiva brasileira. Identificar influências culturais a partir de abordagens interpretativas sobre o Brasil. Discussão sobre análises sócio-antropológicas a respeito da diversidade humanas e reflexão sobre manifestações culturais no Brasil. Cultura nacional e identidade do brasileiro em perspectiva comparada.

Bibliografia obrigatória

FREYRE, Gilberto. Casa-grande & senzala; Rio de Janeiro: Record, 2006.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. Raízes do Brasil; São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis; Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

Bibliografia complementar

BOSI, Eclea. Cultura de Massa e Cultura Popular. Petrópolis: Vozes, 1981.

ORTIZ, Renato. Cultura brasileira e identidade nacional; São Paulo: Brasiliense, 1989.

LARAIA, Roque. CULTURA: Um Conceito Antropológico. Rio: Jorge Zahar Ed., 1986.

PRADO JR, Caio. Formação do Brasil contemporâneo; São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

RIBEIRO, Darcy. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil; São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SCHWARCZ, Lilia. 2012. Nem preto, nem branco, muito pelo contrário. Cor e raça na sociabilidade brasileira, São Paulo: Claro Enigma.

Tópicos em antropologia VII

Ementa

O audiovisual como ferramenta de investigação e difusão de conhecimento. Aproximações entre a realização documental, as Ciências Sociais e a método etnográfico. Prática de realização de filme etnográfico: pesquisa, roteiro, filmagem e edição.

Objetivos

Oferecer aos alunos a possibilidade de experimentar a linguagem audiovisual a partir da noção de que o cinema pode ser uma importante ferramenta de reflexão e sensibilização para temas abordados nas Ciências Sociais. Trabalhar o olhar para as questões estéticas e fornecer conhecimento técnico de realização cinematográfica, possibilitando aos alunos experimentar as diferentes etapas de produção de um documentário etnográfico. O processo da oficina consiste na realização de um documentário com o suporte do Núcleo de Audiovisual e Documentário da FGV CPDOC.

Bibliografia obrigatória

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Campinas, SP : Papyrus, 2010. 5. ed. II

DA-RIN, Silvio. Espelho partido: tradição e transformação do documentário. Rio de Janeiro: Azougue, 2006. 3. ed. 247

PIAULT, Marc Henri. Antropologia e cinema: passagem à imagem, passagem pela imagem. São Paulo: Editora Unifesp, 2018

Bibliografia complementar

GAUTHIER, Gui. O documentário: um outro cinema. Campinas, SP: Papyrus, 2011.

BERNARDET, Jean-Claude. Cinema Brasileiro: propostas para uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERRO, Marc. Cinema e História. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

Tópicos em antropologia VIII

Ementa

Etnografia na e da cidade. Fundamentos da etnografia. Olhar etnográfico. Trabalho de campo. Observação participante e participação observante. Familiaridade e distanciamento.

Objetivos

Curso prático, voltado para o desenvolvimento de trabalho etnográfico na cidade do Rio de Janeiro. Estudo empírico e teórico sobre Antropologia Urbana e sobre o trabalho de campo. Durante o curso o aluno aprenderá os fundamentos da etnografia, participando coletivamente de atividades externas que têm como objetivo o desenvolvimento de observação participante. A leitura de monografias será concomitante ao desenvolvimento de trabalho etnográfico a ser desenvolvido pelos alunos do curso.

Bibliografia Básica

CASTRO, Celso. Textos básicos de Antropologia. Rio de Janeiro, Zahar, 2016.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978. VELHO, Gilberto. Um antropólogo na cidade. Rio de Janeiro, Zahar, 2013.

Bibliografia complementar

MALINOWSKI, Bronislaw. Argonautas do pacífico ocidental.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". Revista Brasileira de Ciências Sociais, vol. 17, n. 49, São Paulo, 2002.

OLIVEN, Ruben George. Antropologia de grupos urbanos. Petrópolis, Vozes, 2007.

SIMMEL, George. "A metrópole e a vida mental" (1902) in: Velho, O. (org) O Fenômeno Urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

VELHO, Otávio (Org.). O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1987

Tópicos em Sociologia I **Ementa**

Teoria clássica e questões étnico-raciais; racismo e explicações sociológicas; estratificação social e raça; raça e formação da sociedade brasileira; raça e teoria contemporânea; gênero, raça e interseccionalidade.

Objetivos

Esta disciplina tem como objetivo debater as questões étnico-raciais na sociologia. Ela contempla análises teóricas clássicas e contemporâneas sobre o tema, além de discussões sobre as interseções entre gênero, raça e classe social. A disciplina também abre espaço para o debate sobre raça na formação histórica brasileira.

Bibliografia Básica

DAVIS, Angela. Mulheres, raça e classe. São Paulo: Boitempo, 2016.

GONZÁLEZ, Lélia. "Racismo e sexismo na cultura brasileira." Ciências sociais hoje 2 (1983): 223-244.

WEBER, Max. Economia e Sociedade. Brasília, Ed UNB, 2000.

Bibliografia complementar

COLLINS, Patrícia Hill. "Como alguém da família: raça, etnia e o paradoxo da identidade nacional norte-americana." Revista Gênero 8.1 (2012).

DU BOIS, W.E.B. As almas da gente negra. Rio de Janeiro, Lacerda Editores, 1999.

FANON, Frantz. Pele negra, máscaras brancas. Salvador: EDUFBA, 2008.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Gênero e epistemologias africanas.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. O poder do macho. São Paulo: Editora Moderna, 1987.

Tópicos em Sociologia II

Ementa

Teoria social contemporânea; agência, estrutura e novas sínteses; paradigmas pós-bourdieuianos; sociologias do Sul Global; debates e controvérsias centrais da teoria contemporânea.

Objetivos

Esta disciplina tem como objetivo debater temas específicos no debate sociológico contemporâneo, privilegiando os movimentos emergentes de reconstrução teórica. A disciplina pode focar tanto em novos autores e seus projetos teóricos, como em debates e controvérsias que têm mobilizado a atenção de vários sociólogos contemporâneos.

Bibliografia Básica

ARCHER, Margaret. Structure, agency and the internal conversation. Cambridge, Cambridge University Press, 2003

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do Poder e classificações sociais” . In Boaventura Santos e Maria Paula Meneses (orgs). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2011.

VANDENBERGH, Frederic. Teoria Social Realista: um diálogo franco-britânico. Belo Horizonte, ed. UFMG, 2010.

Bibliografia complementar

BOLTANSKI, Luc. “Sociologia crítica ou sociologia da crítica?”. In J.F Verán e F. Vnadenberghe. Além do habitus: teoria social pós-bourdiesiana. Rio de Janeiro: 7Letras, 2016.

DOMINGUES, José Maurício. Modernidade global e civilização contemporânea: para uma renovação da teoria crítica. Belo Horizonte: editora UFMG, 2013

SEGATO, Rita. “Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial”. E-cadernos Ces. 18, pp. 106-131, 2012.

Tópico em Sociologia III **Ementa**

Novas fronteiras metodológicas na sociologia; Big Data e pesquisa social; experimentos e técnicas de pesquisa em sociologia; mixed methods

Objetivos

Esta disciplina tem como objetivo aprofundar técnicas contemporâneas de pesquisa em sociologia. Espera-se que o conteúdo tenha uma dimensão eminentemente prática, de forma que o docente possa realizar experimentos de pesquisa sociológica que permitam aos discentes desenvolverem habilidades de investigação atualizadas.

Bibliografia básica

AMARAL, Fernando. Introdução à ciência de dados: mineração e Big Data. Rio de Janeiro: Alta Books, 2016

CRESWELL, John W.; CLARK, Vicki L. Plano. Designing and conducting mixed methods research. London: Sage publications, 2017.

FALK, Armin; HECKMAN, James J. "Lab experiments are a major source of knowledge in the social sciences." science 326.5952 (2009): 535-538.

Bibliografia complementar

GLASER, Barney; STRAUSS, Anselm. The discovery of grounded theory : strategies for qualitative research. New Brunswick: Aldine Transaction 1967

JOHNSON, R. Burke; ONWUEGBUZIE, Anthony J.; TURNER, Lisa A. Toward a definition of mixed methods research. Journal of mixed methods research, v. 1, n. 2, p. 112-133, 2007.

WELLER, Nicholas; BARNES, Jeb. Finding pathways : mixed-method research for studying causal mechanisms . Cambridge: Cambridge University, 2011.

Tópicos em Sociologia IV

Ementa

Sociologia brasileira contemporânea e seus principais debates; transformações recentes da sociedade brasileira; classes, cultura, práticas sociais e política no Brasil

Objetivos

Esta disciplina tem como objetivo discutir temas contemporâneos da sociologia relacionados ao Brasil. Podem-se privilegiar os debates da sociologia brasileira ou focar a disciplina na análise das transformações mais recentes da sociedade, com destaque para mudanças na estratificação social, novas práticas culturais e reconfigurações da prática política no país pós-2013.

Bibliografia Básica

ARRETCHE, Marta TS (Ed.). Trajetórias das desigualdades: como o Brasil mudou nos últimos cinquenta anos. Centro de Estudos da Metrópole, 2011.

FELTRAN, Gabriel. Irmãos: uma história do PCC. Editora Companhia das Letras, 2018.

RIBEIRO, Djamila. Quem tem medo do feminismo negro? Editora Companhia das Letras, 2018.

Bibliografia complementar

DOS SANTOS, Wanderley Guilherme. A democracia impedida: o Brasil no século XXI. Editora FGV, 2017.

MEDEIROS DA SILVA, M.A. A descoberta do insólito: Literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000). Rio de Janeiro: Aeroplano, 2013.

SCHWARCZ, Lilia M.; BOTELHO, Andre; SCHWARCZ, Lília Moritz. Agenda brasileira: temas de uma sociedade em mudança. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

Tópicos em Sociologia V

Ementa

O universo profissional e intelectual das ciências sociais; a prática da pesquisa científica no campo das ciências sociais; métodos de análise de dados nas ciências sociais; escrita e comunicação científica

Objetivos

A disciplina terá dois objetivos: a) discutir a profissão dos cientistas sociais e produzir dados inéditos sobre o tema; b) desenvolver habilidades de pesquisa entre os estudantes, particularmente as seguintes: capacidade de análise de dados empíricos; capacidade de comunicação científica; autonomia intelectual; capacidade de trabalhar coletivamente.

Bibliografia básica

BALTAR, Ronaldo; BALTAR, Claudia Siqueira. 'Sociologia como Profissão'. Revista Brasileira de Sociologia, vol 05, nº. 10, Mai/Ago/2017, p. 259-289.

BONELLI, Maria da Glória. O mercado de trabalho dos cientistas sociais. Revista brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, 25.9 (1994): 110-126.

<http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_25/rbcs25_11.htm>

VILLAS BÔAS, Glaucia K. "Currículo, iniciação científica e evasão de estudantes de ciências sociais." Tempo social 11.1 (2003): 45-62.

TORINI, Danilo Martins. Formação e identidade profissional: a trajetória de egressos de Ciências Sociais. Diss. Universidade de São Paulo, 2012.

WERNECK VIANNA, Luiz, MAR de CARVALHO, and Manuel Palácios Cunha MELO. "Cientistas sociais e vida pública: o estudante de graduação em ciências sociais." Dados 37.3 (1994): 345-535.

Bibliografia complementar

ALMEIDA, Alberto Carlos. Como são feitas eleitorais e de opinião. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

CANO, Ignacio. Introdução à Avaliação de Programas Sociais. Rio de Janeiro: editora FGV, 2004.

"Cientistas sociais no Sistema único de Saúde". Nelson Fillice de Barros e Rafael Afonso da Silva. Tempo Social, vol. 27, n.1. 2015

RUBINICH, Lucas e BELTRA, Gastón. 'Que hacen los sociólogos'. Buenos Aires, Aurelia Rivera, 2010.

Tópicos em Sociologia VI

Ementa

Sociologia pública e suas variações; a sociologia fora da academia; sociologia, política e ativismo; movimentos sociais e produção de conhecimento

Objetivos

A disciplina tem por objetivo explorar aspectos contemporâneos da relação entre sociologia e vida pública. Espera-se que os docentes possam trabalhar com os estudantes diferentes dimensões da atividade do cientista social na democracia, com destaque para: movimentos sociais, pesquisa aplicada, sociedade civil, políticas públicas e advocacy

Bibliografia básica

BRAGA, Ruy; BURAWOY, Michael. Por uma sociologia pública. Alameda, 2009.

DE SOUSA SANTOS, Boaventura; PAULA, Meneses Maria. Epistemologias do sul. Cortez Editora, 2011.

RIBEIRO, Djamila. Lugar de Fala. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

Bibliografia complementar

BERTH, Joice. Empoderamento. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.

MILLS, C. Wright. Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BRINGEEL, Breno; BRASIL JR. Antonio. Antologia crítica del pensamiento brasileno contemporâneo. CLACSO, 2019. Disponível em http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/se/20181116020319/Antologia_Brasil.pdf

Tópicos em Sociologia VII

Ementa

Cultura e teoria sociológica; questões metodológicas no estudo da cultura; práticas culturais contemporâneas na sociedade brasileira.

Objetivos

Esta disciplina tem como objetivo debater temas relacionados à sociologia da cultura, com ênfase em questões teórico-metodológicas. Espera-se que o docente explore também aspectos interdisciplinares, com destaque para o cruzamento entre sociologia e antropologia. Também é desejável que a disciplina reserve espaço para debater aspectos relacionados às práticas culturais no Brasil contemporâneo

Bibliografia básica

BOURDIEU, Pierre. A distinção: crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2015.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: Dp&A, 2005.

ORTIZ, Renato. Mundialização e cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994

Bibliografia complementar

ALEXANDER, Jeffrey. "O Novo Movimento Teórico". Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol 2(4), p.5-28, 1987

ARRUDA, M. A. D. N. (2004). Pensamento brasileiro e sociologia da cultura: questões de interpretação. Tempo social, 16(1), 107-118.

FEATHERSTONE, Mike. "Para uma sociologia da cultura pós-moderna." Cultura de consumo e pós-modernismo (1994).

WILLIAMS, R. (1989). O campo e a cidade. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras.

ZOLBERG, V. L. (2006). Para uma sociologia das artes. Senac.

Tópico em Sociologia VIII

Ementa

Cidade e teoria sociológica; questões metodológicas no estudo do fenômeno urbano; transformações das cidades no Brasil contemporâneo; cidades no Sul Global.

Objetivos

Esta disciplina tem como objetivo debater temas relacionados à sociologia urbana, com ênfase em questões teórico-metodológicas. Espera-se que o docente explore também aspectos interdisciplinares, com destaque para o cruzamento entre sociologia e antropologia. Finalmente, a disciplina também comporta discussões sobre transformações urbanas recentes no Brasil e no Sul Global

Bibliografia obrigatória

COMAROFF, J. (2011). Teorias do sul. *Mana*, 17(2), 467-480.

COULON, A. (1995). *A Escola de Chicago: Introdução e Origens*. São Paulo: Papirus

HARVEY, D. (2000). *Espaços de esperança*. Edições Loyola.

Bibliografia complementar

DAVIS, M. (2015). *Planeta favela*. São Paulo: Boitempo Editorial.

DE Souza Martins, J. (2008). *A aparição do demônio na fábrica: origens sociais do Eu dividido no subúrbio operário*. São Paulo: Editora 34.

FELTRAN, G. (2011). Transformações sociais e políticas nas periferias de São Paulo. *São Paulo, Editora*, 34, 347-373.

FRÚGOLI Jr, H. (2005). O urbano em questão na antropologia: interfaces com a sociologia. *Revista de Antropologia*, 48(1), 133-165.

LEEDS, A., Leeds, E., & LIMA, N. T. (2015). *A sociologia do Brasil urbano*. SciELO-Editora FIOCRUZ.

Tópicos em Ciência Política I

Ementa

Governo representativo. Tipos de partidos. Tipos de sistemas partidários. Competição política. Formação de governos.

Objetivos

A disciplina pretende fornecer um background mínimo para que os alunos consigam interpretar o funcionamento do regime representativo e o sistema político-partidário, estimulando reflexões críticas embasadas tanto teórica quanto empiricamente.

Bibliografia Básica

DUVERGER, Maurice. Os partidos políticos. Trad. de Cristiano Monteiro Oiticica. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1970. 465p.

MAIR, Peter. Os partidos políticos e a democracia. *Análise Social*, vol. XXXVIII (167), 2003, 277-293, 2003.

PANEBIANCO, Ângelo. Modelos de Partidos: Organização e poder nos partidos políticos. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Bibliografia complementar

CHEIBUB, José Antonio. PRZEWORSKI, Adam. SAIEGH, Sebastian. Governos de Coalizão nas Democracias Presidencialistas e Parlamentaristas. *Dados*, Rio de Janeiro, Vol. 45, nº 2, pp. 187-218, 2002.

GUARNIERI, Fernando. A força dos partidos ‘fracos’. *Dados*, vol. 54, n. 1, p. 235-258, 2011.

KATZ, Richard S. MAIR, Peter. The Cartel Party Thesis: A Restatement. *Perspectives on Politics*, vol. 7, n. 4: 753-766, 2009.

MONTERO, José Ramón. Gunther, Richard. Los estudios sobre los partidos políticos: una revisión crítica. *Revista de Estudios Políticos (nueva época)*, núm. 118, 2002.

ROKKAN, Stein et al. State formation, nation-building, and mass politics in Europe. The theory of Stein Rokkan: based on his collected works. Clarendon Press, 1999.

Tópicos em Ciência Política II

Ementa

Modelos de democracia. Autoritarismo. Totalitarismo. Regimes e formas de governo.

Objetivo

A disciplina apresenta as diferentes formas de se analisar regimes e formas de governo em perspectiva comparada. Parte-se de uma discussão preliminar sobre os direitos de cidadania na organização do Estado para a discussão posterior sobre as formas de se classificar os regimes como democracias, autoritarismos ou totalitarismos.

Bibliografia básica

DAHL, R. A democracia e seus críticos. Editora Martins Fontes, São Paulo, 2012.

O'DONNELL, G. SCHMITTER, P. Transições do Regime Autoritário: Primeiras conclusões. Ed. Vértice, São Paulo, 1988.

LINZ, J. Presidencialismo ou Parlamentarismo: Faz Alguma Diferença? In: LAMOUNIER, B.

A Opção Parlamentarista. Editora IDESP, Sumaré, 1991.

11.43.4 Bibliografia complementar

COLLIER, D. (Org.) Novo Autoritarismo na América Latina. Ed. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982.

O'DONNELL, G. Democracia Delegativa? Novos Estudos Cebrap, n. 31, p.25-40, 1991.

LIMONGI, F.; FIGUEIREDO, A. Bases Institucionais do Presidencialismo de Coalizão. Lua Nova, v. 44, p. 81-106, 1998.

MAINWARING, Scott; BRINKS, Daniel; LIÑÁN, Aníbal Pérez. Classificando regimes políticos na América Latina, 1945-1999. Dados, vol44, nº4, pp. 645 a 687, 2001.

SANTOS, M. L.; PÉREZ-LIÑÁN, A.; GARCÍA MONTERO, M. El control presidencial de la agenda legislativa en América Latina. Revista de Ciencia Política, v. 34, n. 3, p. 511-536, 2011.

Tópicos em Ciência Política III

Ementa

Relação entre indivíduo e sociedade ao longo da história moderna: Liberalismo, Socialismo, Anarquismo, Fascismo e Nacionalismo. Desdobramentos históricos dessas principais matrizes ideológicas na configuração das instituições políticas.

Objetivos

O curso procura proporcionar um pensamento crítico-reflexivo das principais vertentes teóricas que têm orientado a relação entre indivíduo e sociedade ao longo da história moderna: Liberalismo, Socialismo, Anarquismo, Fascismo e Nacionalismo. As aulas abordam os desdobramentos históricos dessas principais matrizes ideológicas na configuração das instituições políticas, com ênfase nas temáticas fundamentais do direito brasileiro.

Bibliografia básica

BOBBIO, Norberto. Liberalismo e Democracia. São Paulo, Ed. Brasiliense, 2000.

SCHAMA, Simon. Cidadãos: uma crônica da Revolução Francesa. São Paulo, Cia. Das Letras, 1989.

SHIRER, William. Ascensão e Queda do Terceiro Reich: triunfo e consolidação (1933-1939). Rio de Janeiro, Ed. Agir, 2008.

Bibliografia complementar

ARENDDT, Hannah. Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal. São Paulo, Cia. das Letras, 1999.

MANIN, Bernard. PRZEWORSKI, Adam. STOKES, Susan. Eleições e Representação. Lua Nova, n. 67, 2006, p. 105-138.

OSNOS, Evan. A era da ambição: em busca da riqueza, da verdade e da fé na nova China. São Paulo, Cia. das Letras, 2011.

TAROUCO, Gabriela. MACHADO MADEIRA, Rafael. Partidos, programas e o debate sobre esquerda e direita no Brasil. Revista de Sociologia e Política, v. 21, n. 45, 2013, p. 149-165.

WEFFORT, Francisco. O populismo na política brasileira. São Paulo, Paz e Terra, 2003.

Tópicos em Ciência Política IV

Ementa

Teorias de políticas públicas. Modelo sequencial. Modelo dos fluxos múltiplos. Modelo do equilíbrio interrompido. Modelo de coalizões de defesa. Burocracia do nível da rua.

Objetivos

A disciplina visa introduzir os alunos aos principais modelos teóricos de análise das políticas públicas. Parte-se das contribuições teóricas de Harold Lasswell, Herbert Simon, David Easton e Charles Lindblom, considerados os pais fundadores da área como ramo autônomo de estudo. Na sequência, as aulas abordarão as contribuições mais recentes de Paul Sabatier e Michael Lipsky para a análise das políticas públicas. Ao final do curso, espera-se que os alunos consigam diferenciar os modelos sequencial, de fluxos múltiplos, do equilíbrio interrompido e de coalizões de defesa, podendo avaliar criticamente as vantagens e limitações de cada teoria.

Bibliografia básica

Easton, David. Uma teoria de análise política. Tradução de Gilberto Velho. Rio de Janeiro: Zahar, 1968. 183p.

SIMON, Herbert A. Comportamento administrativo: estudo dos processos decisórios nas organizações administrativas. Tradução de Aluizio Loureiro Pinto. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1970. xlvii, 277p.

LIPSKY, Michael. Burocracia de nível de rua: Dilemas do indivíduo nos serviços públicos. Tradutor: Arthur Eduardo Moura da Cunha. Brasília: Enap, 2019.

Bibliografia complementar

CAPELLA, Ana Cláudia N. Perspectivas Teóricas sobre o Processo de Formulação de Políticas Públicas. BIB, nº 61, p. 25-52, 1º semestre de 2006.

KINGDON, John W. Agendas, Alternatives and Public Policies. Boston, Longman, 2011.

LASSWELL, Harold D. The emerging conception of the policy sciences. Public Policy, 1, p. 3- 14, 1970.

LINDBLOM, Charles E. O Processo de Decisão Política. Brasília: Editora UNB, 1981.

SABATIER, Paul A. The advocacy coalition framework: revisions and relevance for Europe.

Journal of European Public Policy, vol. 5, nº 1, p. 98-130, 1998.

Tópicos em Ciência Política V

Ementa

Governo representativo. Partidos políticos no Brasil. Legislação eleitoral e reformas eleitorais. História do sufrágio no Brasil. Eleições e representação política.

Objetivos

A disciplina traça um panorama da história das eleições no Brasil a partir de três eixos: partidos, eleitores e reformas eleitorais. O principal objetivo do curso é estimular a capacidade crítica dos alunos sobre o funcionamento do governo representativo no Brasil e desnaturalizar os juízos de valor disseminados pela historiografia política brasileira.

Bibliografia básica

KINZO, Maria D'Alva Gil. Representação política e sistema eleitoral no Brasil. São Paulo: Edições Símbolo, 1980.

NICOLAU, Jairo. Eleições no Brasil. Do Império aos dias atuais. Rio de Janeiro: Zahar, 2012. PORTO, Walter Costa. Dicionário do voto. São Paulo: Editora Giordano, 1995. 390p.

Bibliografia complementar

ASSIS BRASIL, J. F. Democracia representativa: do voto e do modo de votar. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1931.

LEAL, Víctor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. Editora Companhia das Letras, 2012.

MANIN, Bernard. Los principios del gobierno representativo. Madrid: Alianza, 1998.

MARCHETTI, Vitor. Governança Eleitoral: o modelo brasileiro de Justiça Eleitoral. Dados, 51.4, 2008.

URBINATI, Nadia. O que torna a representação democrática. Lua Nova, vol. 67, n. 7, p. 191- 228, 2006.

Tópicos em Ciência Política VI

Ementa

Capacidade Estatal. Cargos de Confiança. Burocracia e Corrupção. Burocracia e Políticas Públicas. Contratação, monitoramento e rotatividade de burocratas. Qualidade de agências burocráticas. Reforma Administrativa.

Objetivos

A disciplina analisa agências burocráticas brasileiras do ponto de vista da sua capacidade/qualidade, bem como a maneira como elas se relacionam com o campo político. Por que algumas partes da burocracia federal brasileira parecem eficientes e outras não? Por que, e como, os políticos interferem em decisões burocráticas? Quais são os fatores que causam corrupção na burocracia? Quais incentivos estão presentes para que boas políticas públicas sejam implementadas por políticos e burocratas? Como o governo pode – ou deve – escolher bons funcionários? Essas serão algumas questões abordadas no curso.

Bibliografia básica

CAMPELLO DE SOUZA, Maria do Carmo. Estado e partidos políticos no Brasil (1930 a 1964). São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

LOPEZ, Felix. (Org.) Cargos de confiança no presidencialismo de coalizão brasileiro. Brasília: Ipea, 2015,

CAVALCANTE, Pedro & LOTTA, Gabriela. (Orgs.) Burocratas de médio escalão: perfil, trajetória, atuação. Brasília: Enap, 2011.

Bibliografia complementar

BATISTA, Mariana. O poder no Executivo: uma análise do papel da presidência e dos ministérios no presidencialismo de coalizão brasileiro (1995-2010), *Opinião Pública*, 19(2), 449-473, 2013.

BERSCH, Katherine; PRAÇA, Sérgio & TAYLOR, Matthew. “State capacity, bureaucratic politicization, and corruption in the Brazilian state”, *Governance*, 30(1), 105-124, 2017.

BRESSER-PEREIRA, Luiz Carlos. “Da administração pública burocrática à gerencial”, *Revista do Serviço Público*, 47(1), 7-39, 1996.

GEDDES, Barbara. *Politician’s dilemma: building state capacity in Latin America*. Berkeley: University of California Press, 1994.

MOE, Terry. *The politics of structural choice: toward a theory of public bureaucracy*, in WILLIAMSON, Oliver (Org.) *Organization theory: From Chester Barnard to the present and beyond*. New York: Oxford University Press, 1995, p. 116-153.

Tópicos em Ciência Política VII

Ementa

Teoria da desmobilização coletiva. Cultura e ação coletiva. Teoria da mobilização de recursos. Teoria do processo político. Teoria dos novos movimentos sociais. Movimentos sociais em perspectiva comparada. Ativismo na era da globalização.

Objetivos

O curso pretende introduzir as principais teorias dos movimentos sociais a partir de considerações sobre o caso latino-americano. Após uma reflexão inicial quanto ao papel dos atores sociais pela lente da cultura política e das teorias democráticas, as aulas

enfocam as diferenças entre as teorias dos movimentos sociais dos anos 1970 e a dos anos 1990 em diante.

Bibliografia básica

CASTELLS, Manuel. O Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

GOHN, Maria da Glória. Teoria dos Movimentos Sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo, Edições Loyola, 2012.

TOURAINÉ, Alain. Palavra e Sangue. Política e sociedade na América Latina. Campinas: Unicamp. 1989.

Bibliografia complementar

ALONSO, Angela. Teorias dos movimentos sociais: balanço do debate. Lua Nova, 2009, n. 75.

COSTA, Sérgio. Esfera Pública, redescoberta da sociedade civil e movimentos sociais no Brasil. Uma abordagem tentativa. Novos Estudos Cebrap, n. 38, mar./1994.

KOWARICK, Lúcio. Movimentos sociais urbanos no Brasil contemporâneo: uma análise da literatura. RBCS, n.1 (3), 1987.

TILLY, Charles (2009). Os movimentos sociais como política. Revista Brasileira de Ciência Política, n. 3, pp.133-160, jan.-jul./2010.

TOURAINÉ, Alain. Os novos conflitos sociais. Para evitar mal-entendidos. Lua Nova., n. 17, jun./1989.

Tópicos em Ciência Política VIII

Ementa

Padrões de Corrupção. Corrupção e sistema eleitoral brasileiro. Processo legislativo e pontos de acesso para a corrupção. Cargos de confiança. Corrupção em Infraestrutura. Instituições de combate à corrupção. Reforma política e medidas anticorrupção.

Objetivos

Este curso apresenta um breve histórico da corrupção recente no Brasil, colocando-a em perspectiva comparada. Serão tratados desde os “anões do orçamento” (1993-1994) até os desdobramentos mais atuais da Operação Lava Jato. As principais instituições de combate à corrupção no Brasil – Controladoria-Geral da União, Judiciário, Ministério Público, Polícia Federal, Tribunal de Contas da União – serão analisadas.

Bibliografia básica

PINOTTI, Maria Cristina. (Org.), Corrupção: Lava Jato e Mãos Limpas. São Paulo: Portfolio- Penguin, 2018.

PRAÇA, Sérgio. Corrupção e Reforma Orçamentária no Brasil, 1987-2008. São Paulo: Annablume, 2013.

PRAÇA, Sérgio. Guerra à Corrupção: Lições da Lava Jato. São Paulo: Évora, 2017.

Bibliografia complementar

GLAESER, Edward & GOLDIN, Claudia. (Orgs.) Corruption and Reform: lessons from America's economic history. Chicago: University of Chicago Press, 2006.

JANOT, Rodrigo. Nada menos que tudo. São Paulo: Planeta, 2019.

LANDIM, Raquel. Why Not: como os irmãos Joesley e Wesley, da JBS, transformaram um açougue em Goiás na maior empresa de carnes do mundo, corromperam centenas de políticos e quase saíram impunes. São Paulo: Intrínseca, 2019.

Oficina de Pesquisa Aplicada I

Ementa

Relações Executivo-Legislativo. Presidencialismo de coalizão. Racionalização do processo legislativo. Instâncias decisórias e poder de agenda. Sistemas eleitorais e comportamento legislativo. Grupos de interesses e atividade legislativa. Estudos legislativos e governos subnacionais.

Objetivos

O objetivo do curso é oferecer repertório sobre as principais questões dos estudos legislativos para os alunos terem condições de aplicar os conhecimentos teóricos na prática, realizando um monitoramento legislativo em campo. Na fase de capacitação, os alunos serão introduzidos à literatura especializada e as discussões das aulas pautarão o caso brasileiro em perspectiva comparada. Na fase do campo, os alunos poderão acompanhar sessões legislativas para confrontar a teoria com a observação in loco do dia-a-dia legislativo.

Bibliografia básica

ABRANCHES, Sérgio. Presidencialismo de coalizão. Raízes e evolução do modelo político brasileiro. São Paulo, Companhia das Letras, 2018.

CARAZZA, Bruno. Dinheiro, eleições e poder. As engrenagens do sistema político. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

FIGUEIREDO, Argelina Maria Cheibub. LIMONGI, Fernando de Magalhães Papaterra. Executivo e Legislativo na Nova Ordem Constitucional. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1999.

Bibliografia complementar

ABRUCIO, Fernando. Os barões da federação: os governadores e a redemocratização brasileira. São Paulo, Ed. Hucitec, 1998.

AMORIM NETO, Octavio & SANTOS, Fabiano. O Segredo Ineficiente Revisto: O que Propõem e o que Aprovam os Deputados Brasileiros. Dados, 2003, v. 46, n. 4, p. 661-698.

GOMES, Sandra. “O Impacto das Regras de Organização do Processo Legislativo no Comportamento dos Parlamentares: Um Estudo de Caso da Assembléia Nacional Constituinte (1987-1988)”, Dados, 2006, v. 49, n. 1, p. 193-224.

RICCI, Paolo. “Teorias e interpretações recentes sobre o processo decisório nos parlamentos contemporâneos”, BIB, n. 77, 1º semestre de 2014 (publicada em dezembro de 2015), pp. 25-44.

SANTOS, Fabiano. “Partidos e comissões no presidencialismo de coalizão”, Dados, 2002, v. 45, n. 2, p. 237-264.

Oficina de Pesquisa Aplicada II

Ementa

Com o advento das tecnologias da informação e, mais recentemente, nos contextos das Humanidades Digitais, o uso de ferramentas em apoio à metodologia de pesquisa tem se tornado indispensável. Com o ambiente predominantemente digital, os profissionais das Ciências Humanas precisam estar ao menos introduzidos nesse novo cenário de metodologias digitais. Nesse sentido a disciplina visa trabalhar a técnica de mineração de textos com softwares de nível básico de experiência em computação.

Objetivos

Explorar o potencial da mineração de texto para a metodologia de pesquisa bem como avaliar sua aplicação em projetos de pesquisa em andamento. Propor o manuseio de softwares para mineração textual de nível básico de conhecimento em computação. Analisar e avaliar a pertinência da aplicação dessas ferramentas em projetos acadêmicos individuais.

Bibliografia básica

SIMEÃO, E.; MIRANDA, A. Informação e tecnologia: conceitos e recortes. [s.l.] : Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2005.

GONZÁLEZ AGUILAR, A. Visualização de dados, informação e conhecimento. [s.l.] : Editora UFSC, 2017

MCGARRY, K. J. O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória. [s.l.] : Briquet de Lemos, 1999.

Bibliografia complementar

PEZZINI, Anderson. Mineração de textos: conceito, processo e aplicações. R. Eletr. do Alto Vale do Itajaí – REAVI, v. 5, n. 8, p. 01-13, dez., 2016

KLEMMANN, Miriam; REATEGUI, Eliseo; RAPKIEWICZ, Clevi. Análise de Ferramentas de Mineração de Textos para Apoio à Produção Textual. Anais do XXII SBIE - XVII WIE, Aracaju, 21 a 25 de novembro de 2011

ARANHA, Christian; PASSOS, Emmanuel. A Tecnologia de Mineração de Textos. 2006. Disponível em: . Acesso em: 01jun. 2011.

CORRÊA, Geraldo Nunes et al. Uso da mineração de textos na análise exploratória de artigos científicos. 2012. Disponível em: . Acesso em: 01 jun. 2011.

CARRILHO JUNIOR, João Ribeiro. Desenvolvimento de uma Metodologia para Mineração de Textos. 2007. Disponível em: . Acesso em 02 jun. 2011.

Oficina de Pesquisa Aplicada III

Ementa

Fonte, acervo e informação histórica. Tipos de fonte histórica. Lugares de memória e Patrimônio histórico no Brasil; Instituições de memória: Arquivos, Bibliotecas, Museus, Centros de Documentação; acervos arquivísticos públicos e privados como fontes de pesquisa; organização de acervos históricos, produções de registros orais e biográficos, difusão e acesso a informação. Tecnologias da informação. Educação Patrimonial

Objetivos

Proporcionar aos alunos o contato com atividades práticas em acervos históricos, história oral, e produção biográfica para estimular pesquisas e promover a aproximação dos estudantes com a área de documentação, discutindo sobre as possibilidades de atuação profissional para cientistas sociais.

Bibliografia básica

AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta Moraes. Usos & abusos da história oral. (coord.). 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. Arquivos Permanentes: tratamento documental. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004. 2a ed.

LE GOFF, Jaques. História e Memória. Campinas: Ed. Da Unicamp, 1990.

Bibliografia complementar

BURKE, Peter. A escrita da história. Unesp, 1992.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. História Oral : Memória, Tempo, Identidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

GOMES, Angela Maria Catro; SCHMIDT, Benito Bisso. Memórias e narrativas autobiográficas. Editora FGV, 2009.

HEINZ, Flávio M. Por outra história das elites. FGV Editora, 2006.

MEIHY, Jose Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabiola. História Oral - Como Fazer Como Pensar. São Paulo Contexto, 2007.

Outras fontes:

DICIONÁRIO HISTÓRICO-BIOGRÁFICO BRASILEIRO. Rio de Janeiro: FGV CPDOC.

Disponível em: <<https://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>>

Oficina de Pesquisa Aplicada IV

Ementa

Tratamento, organização, interpretação e crítica de fontes documentais; métodos e técnicas da pesquisa histórica; instrumentos metodológicos; pesquisa em acervos e arquivos; possibilidades de pesquisa aplicada na área de História.

Objetivos

Desenvolver as habilidades de pesquisa com fontes documentais e pesquisa histórica.

Bibliografia básica

BELLOTO, Heloisa Liberalli. Arquivos Permanentes: tratamento documental. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). Novos domínios da história. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi (org). Fontes históricas. São Paulo: Contexto, 2011.

Bibliografia complementar

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

MAUAD, Ana Maria. “Sobre as imagens na História, um balanço de conceitos e perspectivas”. In: Revista Maracanan, v. 12, 2016, pp.33-48.

SCHMIDT, Benito. “Quando o historiador espia pelo buraco da fechadura: biografia e ética.”

História (São Paulo), v. 33, jan./jun. 2011.

STONE, Lawrence. Prosopografia. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, vol. 19, n. 39, 2011, p. 115-137.

Oficina de Pesquisa Aplicada V

Ementa

A oficina tem como objetivo oferecer para os alunos a oportunidade de engajar em debates em alto nível, regulados pelas normas e procedimentos oficiais das Nações Unidas, ao discutir temas de grande relevância para a história das relações internacionais.

Objetivos

A oficina é aberta para alunos da graduação de todos os cursos. Ainda, atividade prevê a participação de alunos do ensino médio como participantes-observadores (a ser explicitado adiante). A participação de alunos de ensino médio cumpre uma função dupla de dar visibilidade ao curso de Ciências Sociais da FGV junto as escolas e colégios e também de promover a integração dos alunos oferecendo múltiplas perspectivas.

Bibliografia básica

GADDIS, John Lewis. A Guerra fria. Lisboa, Edições 70, 2007.

SPEKTOR, Matias. Kissinger e o Brasil. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.

CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. História da política exterior do Brasil. Brasília, Ed UNB, 2008.

Oficina de Pesquisa Aplicada VI

Ementa

O audiovisual como ferramenta de investigação e difusão de conhecimento. Aproximações entre o documentário e as Ciências Sociais. Prática de realização de filme documentário: pesquisa, roteiro, filmagem e edição.

Objetivos

Oferecer aos alunos a possibilidade de experimentar a linguagem audiovisual a partir da noção de que o cinema pode ser uma importante ferramenta de reflexão e sensibilização para temas abordados nas Ciências Sociais. Trabalhar o olhar para as questões estéticas e fornecer conhecimento técnico de realização cinematográfica, possibilitando aos alunos experimentar as diferentes etapas de produção de um filme documental. O processo da oficina consiste na realização de um documentário com o suporte do Núcleo de Audiovisual e Documentário da FGV CPDOC.

Bibliografia básica

Introdução ao documentário / Bill Nichols ; tradução Mônica Saddy Martins. Campinas, SP: Papyrus, 2010. 5. ed. Il. 270p.

Espelho partido: tradição e transformação do documentário / Silvio Da-Rin. Rio de Janeiro : Azougue, 2006. 3. ed. 247 p. : il.

Antropologia e cinema : passagem à imagem, passagem pela imagem / Marc Henri Piault.
São Paulo : Editora Unifesp, 2018. 430p.

Bibliografia complementar

O Cinema do real / Maria Dora Mourão e Amir Labaki, orgs. São Paulo : Cosac & Naify, 2011. 443 p.

O documentário : um outro cinema / Gui Gauthier ; tradução Eloisa Araújo Ribeiro. -
Campinas, SP : Papirus, 2011. 432p.

Cinema brasileiro : propostas para uma história / Jean-Claude Bernardet ; coeditor da
reedição Arthur Autran. São Paulo : Companhia das Letras, 2009. 2ª. ed. rev. ampl. 333p.

História e cinema : dimensões históricas do audiovisual / organizadores Maria Helena
Capelato [et al.]. São Paulo : Alameda, 2011. 2. ed. 396 p.

Cinema e história / Marc Ferro ; tradução e notas Flávia Nascimento. São Paulo : Paz e
Terra, 2010. 2. ed. rev. e ampl. 143p.

Oficina de Pesquisa Aplicada VII

Ementa

Perspectivas socio-antropológica sobre a identidade militar. O processo de socialização
profissional dos oficiais do Exército. A carreira e o “mundo militar”.

Objetivos

Apesar da importância social e histórica que as Forças Armadas têm ao longo da história
brasileira, elas ainda são pouco conhecidas do ponto de vista das Ciências Sociais. O
objetivo do curso é oferecer aos alunos uma perspectiva socio-antropológica sobre a
identidade militar, principalmente através do exame do processo de socialização
profissional por que passam os oficiais do Exército. Para tal, além de leituras e discussões
em sala de aula sobre o tema, o curso incluirá também visitas de campo à Academia
Militar das Agulhas Negras (em Resende, RJ) e a guarnições do Exército na Amazônia.

Bibliografia básica

CASTRO, Celso. O espírito militar. Um antropólogo na caserna. 2ª edição revista. Rio de
Janeiro: Zahar, 2004.

CASTRO, Celso. A invenção do Exército brasileiro. Rio de janeiro, Zahar, 2002.

Bibliografia complementar

CASTRO, C. e Leirner, P. (orgs.), Antropologia dos militares. Ed. FGV, 2009.

14.3. DISCIPLINAS ELETIVAS

História do Tempo Presente

Ementa

O conhecimento histórico e o “Tempo Presente”. Problemas e questões do “Tempo Presente”. Regimes de historicidade e Presentismo. Demandas sociais e uso social do passado. História Pública. História e Democracia.

Objetivos

O curso situa o debate historiográfico sobre a chamada “História do Tempo Presente”. Discute as noções “regimes de historicidade” e “presentismo” e tem como proposta examinar questões relativas aos usos políticos do passado. Dará ênfase no estudo da História Pública e propõe estudar a produção historiográfica sobre as bases da democracia brasileira.

Bibliografia básica

FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de Almeida Neves (orgs). O tempo da Nova República. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018. (Coleção O Brasil Republicano).

MAUD, Ana Maria et alii. História Pública no Brasil: sentidos e itinerários. São Paulo: Letras e Voz, 2016.

VARELLA, Flávia et alii. Tempo Presente e Usos do Passado. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012.

Bibliografia complementar

CANÊDO, Leticia B. O sufrágio universal e a invenção democrática. São Paulo: Estação Liberdade, 2005.

CHAVEU, A. e TÉTARD, Ph. Questões para a História do presente. Bauru (SP): Edusc, 1999. FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (orgs.) Usos e abusos de História Oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996

HARTOG, F. Presentismos e experiências do tempo. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
RANCIÈRE, J. O ódio á democracia. São Paulo: Boitempo, 2014

História e Teoria Social

Ementa

História e Teoria Social têm uma longa tradição de diálogo e de fertilização mútua, como demonstra a obra de autores como Karl Marx, Max Weber, Marc Bloch e E. P. Thompson. Considera-se importante que o aluno de graduação do CPDOC tome conhecimento das contribuições da História para as Ciências Sociais e vice-versa.

Objetivos

Pretende-se apresentar ao aluno o diálogo mantido entre História e Ciências Sociais desde o século XIX. Serão destacados alguns domínios em torno dos quais a interação entre as disciplinas revelou-se particularmente prolífica, como a religião, o Estado moderno e o capitalismo.

Bibliografia básica

BLOCH, Marc. Os reis taumaturgos. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. MARX, Karl. O 18 Brumário de Luís Bonaparte. São Paulo: Boitempo, 2011.

WEBER, Max. A ética protestante e o espírito do capitalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

Bibliografia complementar

ANDERSON, Perry. Linhagens do Estado absolutista. São Paulo: Editora da UNESP, 2016. BURKE, Peter. História e teoria social. São Paulo: Editora da UNESP, 2012.

ELIAS, Norbert. O processo civilizador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

MOORE JR., Barrington. As origens sociais da ditadura e da democracia. São Paulo. Martins Fontes, 1983.

SAHLINS, Marshall. Ilhas de história. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

THOMPSON, Edward P. A formação da classe operária na Inglaterra. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2012.

Introdução às Humanidades Digitais

Ementa

A proposta da disciplina é entender a área das Humanidades Digitais e, além disso, buscar suas conexões e impactos com o campo da informação.

Objetivos

A proposta do curso é apresentar, identificar, compreender e contextualizar o arcabouço teórico-conceitual das Humanidades Digitais. Explorar a informação e o conhecimento face à sociedade da informação em sua relação com os debates na área de acervos. Identificar as interrelações existentes entre os diferentes campos da cultura, memória e informação, possibilitando o entendimento global das dinâmicas informacionais refletidas pelos acervos. Contextualizaremos esse debate num diálogo íntimo entre sociedade, conhecimento e informação situando o aluno nas reflexões sobre as Humanidades Digitais.

Bibliografia básica

SIMEÃO, E.; MIRANDA, A. Informação e tecnologia: conceitos e recortes. [s.l.] : Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2005.

GONZÁLEZ AGUILAR, A. Visualização de dados, informação e conhecimento. [s.l.] : Editora UFSC, 2017

MCGARRY, K. J. O contexto dinâmico da informação: uma análise introdutória. [s.l.] : Briquet de Lemos, 1999.

Bibliografia complementar

DODEBEI, Vera. Ensaio sobre memória e informação. *Morpheus*. v.9, n.15, [ed. Especial] 2016. Disponível em <
<http://www.seer.unirio.br/index.php/morpheus/article/view/5475/4929>>. Acesso em 01 jan de 2016.

GOMÉZ, Maria Nélide González de. A reinvenção contemporânea da informação: entre o material e o imaterial . *Pesq. bras. Ci. Inf.*, Brasília, v.2, n.1, p.115-134, jan./dez. 2009

PIMENTA, Ricardo M. O futuro do passado: desafios entre a informação e a memória na sociedade digital. In: ALBAGLI, Sarita (org.) *Fronteiras da Ciência da Informação*. Brasília- DF: IBICT, 2013. pp. 146-171. Disponível em
http://www.liinc.ufrj.br/pt/attachments/319_Fronteiras%20da%20Ci%C3%Aancia%20da%20Informa%C3%A7%C3%A3o.pdf . Acesso em 01 jan de 2016.

ALVES, Daniel. Humanidades Digitais e Investigação Histórica em Portugal: perspectiva e discurso (1979-2015). *Práticas da História: Journal on Theory, Historiography and Uses of the Past*, v.1, n, 2, p.89-116, 2016 Disponível em: <
http://www.praticasdahistoria.pt/issues/2016/12/PDH_02_DanielAlves.pdf> Acesso em: 10 maio 2018

. Declaração sobre a fundação da Associação das Humanidades Digitais. 2013 Disponível em: < <http://ahdig.org/declaracao/>> Acesso em: 19 fev 2016

DAMIAN, Ieda Pelogia Martins et al. Convergências entre as Humanidades Digitais e a Ciência da Informação. *Ibersid, Zaragoza*, v. 9, p. 79-82, 2015

GALINA RUSSELL, Isabel. ¿Qué son las Humanidades Digitales? *Revista Digital Universitaria*, v. 12, n. 7, 1 jul. 2011. Disponível em:
<<http://www.revista.unam.mx/vol.12/num7/art68/index.html>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

GONÇALVES, Maria Filomena; BANZA, Ana Paula (Coord.). *Patrimônio Textual e Humanidades Digitais: da antiga à nova Filologia*. Évora: CIDEHUS, 2013

GUERREIRO, Dália; CALIXTO, José António; BORBINHA, José Luís. Bibliotecas Digitais para as Humanidades: novos desafios e oportunidades. Caderno BAD, Lisboa, n. 11, 2012.

. Humanidades digitais: novos desafios e oportunidades. Revista Internacional del Libro, Digitalización y Bibliotecas, v. 2, n. 2 p. 13-22, 2014

MARQUES, Fabrício. A realidade que emerge da avalanche de dados. Pesquisa Fapesp, n.255, maio/2017. Disponível em: <<http://revistapesquisa.fapesp.br/2017/05/23/a-realidade-que-emerge-da-avalanche-de-dados/>> Acesso em: 10 maio 2017

PIMENTA, Ricardo Medeiros. Os objetos técnicos e seus papéis no horizonte das Humanidades digitais: um caso para a ciência da informação. Revista Conhecimento em Ação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 20-33, jul/dez, 2016.

RANGEL, Danny. Do mundo digital às humanidades digitais. Techne, v. 1, n. 1, p. 17-23, 2013.

SANTOS, H. P.; VENANCIO, R. P. Redocumentarização, historiografia e humanidades digitais: o caso do arquivo público mineiro. Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação. Anais... Marília: UNESP, 2017 Disponível: < <http://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/59013>> Acesso em: 10 maio 2018

JEANNENEY, Jean-Noël. Quando o Google desafia a Europa: em defesa de uma reação, Contracapa: Rio de Janeiro, 2007

VICENTE, José Luis de. Armazenamento do eu: sobre a produção social de dados. In BEIGUELMAN, Gisele; MAGALHÃES, Ana Gonçalves. Futuros possíveis: arte. Museus e arquivos digitais. São Paulo: Petrópolis: EdUSP, 2011. p. 288-301.

SAYÃO, Luis Fernando; SALES, Luana Farias. Curadoria digital: um novo patamar para preservação de dados digitais de pesquisa. Inf. & Soc.: Estudos, João Pessoa, v. 22, n. 3, p. 179-191, set./dez. 2012. Disponível em:

<<http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/12224>>. Acesso em: 07 abr. 2017.

Arte e Sociedade

Ementa

Arte como sistema cultural. A construção social de categorias ligadas ao “mundo da arte”.
Diversidade e historicidade do fenômeno artístico.

Objetivo

O curso pretende desenvolver nos alunos a percepção da arte como um sistema cultural e, nesse sentido, como um caminho para se compreender princípios mais amplos ordenadores da vida social. Atenção especial será dada ao estudo do processo de construção social de categorias e classificações artísticas e à posição social do artista. Será examinada a diversidade e a historicidade de “mundos da arte” (Becker) em outras culturas e na própria sociedade ocidental moderno-contemporânea.

Bibliografia Básica

BECKER, Howard. Outsiders: estudos da sociologia do desvio. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.

BARBOSA, Andréa & CUNHA, Edgard Teodoro. Antropologia e imagem. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006

Bibliografia complementar

BENJAMIN, Walter. Walter Benjamin: Sociologia (organizador: Flavio Kothe). São Paulo, Atica, 1985.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo, Perspectiva, 2001.

CANCLINI, Nestor Garcia. Culturas híbridas. São Paulo, EDUSP, 2003.

CANDIDO, Antonio. Literatura e sociedade. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1965.

ELIAS, Norbert. Mozart: sociologia de um gênio. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1995.

FACINA, Adriana. Literatura e sociedade. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2004.

GEERTZ, Clifford. “A arte como um sistema cultural”. In O saber local. Petrópolis, Vozes, 2001.

VELHO, Gilberto (org.) Arte e Sociedade: ensaios de sociologia da arte. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1977.

SIMMEL, Georg. Questões fundamentais da sociologia. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

Documentário e Direitos Humanos

Ementa

O foco do curso será o documentário como ferramenta de reflexão e sensibilização para temas dos Direitos Humanos. Serão analisados instrumentos e metodologias para análise de filmes. Prática de realização de documentário.

Objetivos

Oferecer aos alunos a possibilidade de experimentar a linguagem audiovisual a partir da noção de que o cinema pode ser uma importante ferramenta de reflexão e sensibilização para temas relativos aos Direitos Humanos. Tendo como norte os artigos que compõem a Declaração Universal dos Direitos Humanos, o curso se dividirá em três módulos. No primeiro módulo, os alunos serão apresentados a filmes e textos que trabalham com essa temática. Nesse primeiro momento, a intenção do curso é refletir sobre o tema dos Direitos Humanos através da linguagem audiovisual e apresentar um repertório composto por diferentes estéticas documentais. No segundo módulo do curso, os alunos terão aulas de linguagem audiovisual e conhecerão diferentes técnicas de realização cinematográfica. O terceiro módulo consiste na realização de um documentário de curta-metragem que contemple a temática dos Direitos Humanos. Para a produção do filme, os alunos irão contar com suporte do Núcleo de Audiovisual e Documentário do CPDOC.

Bibliografia obrigatória

SELIPANDRY, F. “O monumental e o íntimo: dimensões da memória de resistência no documentário brasileiro contemporâneo” . Estudos Históricos. Vol.26 (51). Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/7195>. Acesso em 20/12/2103.

LINS, Consuelo; MESQUITA, Cláudia. “Documentário e auto-representação”. In C. Lins.

Filmar o Real . Rio de Janeiro: Zahar, 2008

BERNARDET, J.C. Cineastas e Imagens do Povo. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Bibliografia complementar

Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

GUIMARÃES, C. “O Retorno do Homem ordinário no cinema” (2005). In Contemporânea: Revista de Comunicação e Cultura. Vol.3(n.2). Disponível em <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3457>. Acesso em 20/12/2013

SACRAMENTO, P. “Autoria e autoridade em xeque: autorretrato de um país” In: Revista Contracampo. Disponível em <http://www.contracampo.com.br/58/prisoneirocineclube.htm>.

OLIVEIRA, A. “Vozes do cárcere: uma análise do filme O Prisioneiro da Grade de Ferro”. Trabalho apresentado no VI Intercom. Disponível em <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1126-1.pdf>.

DAPIEVE, A. “Isso o diretor não esqueceu” . In Alceu: Revista de Comunicação e Cultura. N.9: pp. 52-61. 2004.

Memória e Sociedade

Ementa

Memória e história. Espaço, tempo e construção de identidades. Construção da memória nacional e invenção de tradições. Memória, geração e narrativas biográficas. Instituições de memória e "lugares de memória".

Objetivos

O curso tem como objetivo apresentar temas e questões clássicos que envolvem o estudo da memória, sempre em perspectiva multidisciplinar. Serão examinados os debates sobre as relações entre memória e história, entre memória e patrimônio e entre memória e construção de identidades (individual e coletiva). A disciplina privilegiará um tratamento mais teórico, enfatizando as experiências da história, da antropologia e da sociologia e suas contribuições conceituais.

Bibliografia Básica

BURKE, Peter. A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo, Editora da UNESP, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1996.

ALBERTI, Verena. Ouvir contar. Rio de Janeiro, Ed FGV, 2004.

Bibliografia complementar

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade. São Paulo, Ed. T A Queiroz, 1979.

GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos. A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1996.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo, Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric J & RANGER, Terence. A invenção das tradições. Rio de Janeiro, Paz & Terra, 1984.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas, Ed. Unicamp, 1990.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. Identidade, etnia e estrutura social. São Paulo, Pioneira, 1976.

SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo, Cia das Letras, 2007.

VELHO, Gilberto (org.) Antropologia urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal.

Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

Patrimônio Histórico e Cultural

Ementa

O conceito de patrimônio: memória, cultura e identidade nacionais. A construção da noção de patrimônio no Brasil: debates e instituições. Patrimônio, bens culturais e projetos sociais. Patrimônio e instituições de memória. Políticas de preservação do patrimônio.

Objetivos

O curso objetiva discutir a noção de patrimônio a partir de uma perspectiva abrangente e de suas relações com os conceitos de cultura, memória e identidade nacional. Serão abordados os aspectos históricos, com ênfase na experiência brasileira, através da criação do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN e suas ao longo do século.

Bibliografia Básica

FUNARI, Pedro Paulo de Abreu. Patrimônio histórico e cultural. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. Cultura é patrimônio: um guia. Rio de Janeiro, Ed FGV, 2008.

REIS, Jose Carlos. As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 2002.

Bibliografia complementar

ABREU, Regina (org.) Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

ARANTES, Antônio Augusto (org.). Produzindo o passado. São Paulo, Brasiliense, 1984.

BOMENY, Helena (org.) Constelação Capanema: intelectuais e política. Rio de Janeiro, ED FGV, 2001.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo, UNESP, 2001.

FONSECA, Maria Cecília Londres. O patrimônio em processo: trajetória da política federal de preservação no Brasil. Rio de Janeiro, UFRJ/IPHAN, 1997.

GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos. A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1996.

LISSOVSKY, Mauricio. Colunas da educação: a construção do Ministério da Educação e Saúde. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996.

Imagem e Ciências Sociais

Ementa

Imagem e construção do real: uma perspectiva histórica. A utilização da imagem nas Ciências Sociais. Fotografia, cinema, vídeo e televisão: uma construção do presente e do passado.

Objetivos

A disciplina pretende examinar um conjunto de questões que dizem respeito à relação entre imagem e Ciências Sociais, atentando para as particularidades que envolvem a análise da imagem enquanto representação nos mais diferentes contextos históricos. Discussões de caráter conceitual servirão como instrumento crítico para o exame da imagem em seus mais variados suportes - com atenção especial para a fotografia, o

cinema, o vídeo e a televisão -e para o qual estão previstas visitas a exposições fotográficas e o debate sobre filmes, vídeos e programas de televisão.

Bibliografia básica

BARBOSA, Andréa & CUNHA, Edgard Teodoro. Antropologia e imagem. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006

KORNIS, Mônica de Almeida. Cinema, televisão e história. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.

BECKER, Howard. Outsiders: estudos da sociologia do desvio. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

11.8.4 Bibliografia complementar

ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1999.

AUMONT, Jacques. A imagem. Campinas, Papirus, 1993.

BARTHES, Roland. A câmara clara. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

CANCLINI, Nestor Garcia et alli. Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1997.

CHARNEY, Leo & SCHWARTZ, Vanessa R. (org.). O cinema e a invenção da vida moderna. São Paulo, Cosac & Naify Editores, 2001.

COELHO, Teixeira. O que é indústria cultural. São Paulo, Brasiliense, 1980.

FELDMAN-BIANCO, Bela & LEITE, Miriam Moreira. Desafios da imagem: fotografia, iconografia e vídeo nas Ciências Sociais. Campinas, Papirus, 2004.

GOMBRICH, E. H. Arte e ilusão. São Paulo, Martins Fontes, 1995.

KORNIS, Mônica Almeida. “Cinema e história; um debate metodológico” In

Estudos Históricos. Rio de Janeiro, n. 10, 1992.

XAVIER, Ismail. A experiência do cinema. Rio de Janeiro, EMBRAFILME, 1983.

Instituições Culturais e de Memória

Ementa

Cultura, memória e identidade e suas relações com a história. Os diferentes tipos de instituições culturais e de memória (museus, bibliotecas, arquivos centros de memória, centros de documentação e de informação). Instituições culturais e identidades sociais. Centros de memória e identidades sociais. Visitas de trabalho a instituições culturais e de memória.

Objetivos

O objetivo do curso é analisar as instituições culturais e de memória e seu papel na construção de identidades. Como ponto de partida, serão trabalhados os conceitos de cultura, memória e identidade – e suas relações com a História –, através dos quais se buscará: avaliar os aspectos da diversidade cultural; apresentar, dentro de uma perspectiva multidisciplinar, as diversas questões que envolvem o estudo da memória, apresentando os debates em torno das relações entre memória e história, memória e patrimônio, memória e comemoração, e entre memória e a construção de identidades (individual e coletiva). A maior parte do curso será dedicada ao estudo dos diversos tipos de acervos considerados de valor cultural, suas singularidades e confluências, e ao estudo de como as instituições que a eles se dedicam– e que portanto lidam com cultura e memória – contribuem (ou podem contribuir) para a construção de uma identidade. Serão feitas visitas a várias instituições culturais e de memória.

Bibliografia Básica

ALBERTI, Verena. Ouvir contar. Rio de Janeiro, Ed FGV, 2004.

CASTRO, Celso. Pesquisando em arquivos. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (orgs.). Usos e abusos da História Oral. Rio de Janeiro, Ed. FGV, 1996.

Bibliografia complementar

ABREU, Regina (org.) Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro, DP&A, 2003.

ANDRADE, Ana Maria Ribeiro. Caminho para as estrelas: reflexões em um museu. Rio de Janeiro, MAST, 2007.

CHAGAS, Mario de Souza & BEZERRA, Rafael. A democratização da memória: a função social dos museus latino-americanos. Rio de Janeiro, MHN, 2008.

CORTEZ, Maria Tereza. Centro de documentação: implantação. São Paulo, Grafistil, 1980.

GONÇALVES, Jose Reginaldo Santos. A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro, Ed UFRJ, 1996.

GUIMARÃES, Lucia Maria. Da escola palatina ao silogeu: O Instituto Histórico Brasileiro. Rio de Janeiro, Museu da República, 2007.

LE GOFF, Jacques. Memória – História. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984. (Enciclopédia Einaudi, v.1).

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. Como explicar um museu histórico. São Paulo, Museu Paulista, 1992.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra de. “Memória e cultura nacional: documentos pessoais no espaço público”. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 11, n.21, 1998.

Planejamento e Financiamento de Projetos

Ementa

Como montar um plano de pesquisa e/ou intervenção social (estimação de recursos, viabilidade, etc.) Leis de incentivo para a área social e cultural. Agências de financiamento e fomento de pesquisa e intervenções sociais O trabalho de consultoria política. Os institutos de pesquisa de opinião. Consultoria histórica

Objetivos

O objetivo principal deste curso é oferecer aos alunos um quadro abrangente das alternativas existentes para viabilizar financeira e operacionalmente seus projetos de pesquisa e/ou de intervenção social, incluindo projetos culturais de cunho social. A orientação geral do curso é no sentido de enfatizar as alternativas que podem ser construídas autonomamente pelos próprios alunos com vistas a incentivar sua iniciativa empreendedora, seja na busca de recursos para um projeto particular, seja na fundação e construção de ONGs, empresas de pesquisa, consultoria e/ou análise de informações sociais. Uma parte significativa do curso será dedicada a apresentação de "casos de sucesso" de empreendedores que construíram empresas de pesquisa, consultoria, ou ONGs. Espera-se que a discussão desses casos sirva de modelo para os alunos pensarem suas alternativas de colocação no mercado de trabalho.

Bibliografia básica

THIIRY-CHERQUES, Hermano R. Projetos culturais: técnicas de modelagem. Rio de Janeiro Editora FGV, 2006.

D'ARAÚJO, Maria Celina. Capital social. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.

BARBOSA, Maria Nazare Lins & OLIVEIRA, Carolina Felipe de. Manual de ONGs. Rio de Janeiro, Ed FGV, 2001.

Bibliografia complementar

ANDREASEN, Alan. Ética e marketing social. São Paulo, Futura, 2002.

BUARQUE, Cristovam & OCHOA, Hugo Javier. Avaliação econômica de projetos: uma apresentação didática. Rio de Janeiro, Elsevier, 1994.

FALCÃO, Joaquim. Democracia, direito e terceiro setor. Rio de Janeiro, Ed FGV, 2004.

FUKELMAN, Clarice. Como enquadrar projetos na Lei Estadual de Incentivo à Cultura. Rio de Janeiro, SEBRAE, 1998.

GANDELMAN, Henrique. Guia básico de direitos autorais. Porto Alegre, Globo, 1982.

GANDELMAN, Henrique. De Gutenberg à internet: direitos autorais na era digital. São Paulo, Record, 1997.

STACKS, Don & NASSAR, Paulo (org.) Dicionário de mensuração e pesquisa em relações públicas e comunicação organizacional. São Paulo, Aberje, 2007.

NASSAR, Paulo. Comunicação empresarial. São Paulo, Aberje, 2006.

Justiça de Transição

Ementa

Conceitos de Justiça de transição. Transições de regimes políticos. Princípios e valores que regem o processo de transição. Memória, verdade e justiça. Comissões da Verdade, reparação, reconciliação, pacificação. Discussão de algumas experiências de justiça transicional, como a sul-africana, argentina, brasileira, chilena e portuguesa.

Objetivos

A disciplina tem como objetivo debater o conceito de Justiça de transição, apresentando a experiência de alguns países, como África do Sul, Argentina, Brasil, Chile e Portugal. Tais países passaram por transições políticas do autoritarismo para a democracia e estruturaram instituições voltadas para lidar com violações aos direitos humanos durante períodos ditatoriais. Pretende-se apresentar e discutir sobre a organização de Comissões da Verdade, de Reparação e de Reconciliação, assim como analisar princípios e valores que regem iniciativas para investigar e responsabilizar a autoria de crimes e violências perpetradas por agentes estatais. Um dos objetivos do curso é analisar as políticas gestadas por cada um destes países e sua inserção no ordenamento jurídico nacional e internacional. Utilizaremos como recurso metodológico a leitura de bibliografia especializada, de documentos produzidos por instituições governamentais responsáveis pela implementação de políticas públicas sobre direitos humanos, além da análise de filmes e documentários que retratem os temas previstos no programa.

Bibliografia obrigatória

ABRÃO, Paulo; GENRO, Tarso. “Justiça de transição”. In: AVRITZER, Leonardo et alli. Dimensões políticas da justice. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013, pp. 579-592.

MENDEZ, Juan E. “Accountability for Past Abuses”. Human Rights Quarterly, n. 19, 1997.

MEZAROBBA, Glenda. “De que se fala, quando se diz ‘Justiça de transição?’”. BIB, n. 67, 2009, pp. 111-122.

Bibliografia complementar

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. Comissão Especial sobre mortos e desaparecidos políticos. Direito à memória e à verdade: Comissão Especial sobre mortos e desaparecidos políticos. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2007.

BRASIL. Presidência da República. Secretaria de Direitos Humanos. Habeas corpus: que se apresente o corpo. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2010.

BRITO, Alexandra Barahona de. “Justiça transicional e a política da memória: uma visão global”, in Revista Anistia Política e Justiça de Transição, n. 1, jan.-jun. 2009, Brasília, pp. 56- 83.

COMISSÃO DE FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS POLÍTICOS.
Dossiê
ditadura: mortos e desaparecidos políticos no Brasil (1964-1985). 2ª ed., São Paulo: Imprensa Oficial, 2009.

FICO, Carlos. História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro. Varia História, v.28, n. 47, Belo Horizonte, Jan./June 2012.

História das Relações Internacionais

Ementa

Este curso passa em revista a história das relações internacionais de 1945 aos dias de hoje. Primeiro estuda a Guerra Fria: Origens da Guerra Fria (1945-53); Guerra Fria, coexistência pacífica e contenção (1953-68); détente (1969-85); fim da Guerra Fria

(1985- 91); Terceiro Mundo, descolonização e Guerra Fria; América Latina e Guerra Fria; China (1949-91); Oriente Médio (1949-91); Alemanha e as relações Leste-Oeste (1945-91); Brasil e Guerra Fria. Depois estuda o mundo unipolar do liberalismo ao 11 de setembro (1990- 2001); a Doutrina Bush; América Latina no mundo; e o mundo emergente (década de 2000).

Objetivos

Visitar e analisar a história das relações internacionais no mundo contemporâneo.

Bibliografia básica

GADDIS, John Lewis. A Guerra fria. Lisboa, Edições 70, 2007.

SPEKTOR, Matias. Kissinger e o Brasil. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2009.

CERVO, Amado Luiz & BUENO, Clodoaldo. História da política exterior do Brasil. Brasília, Ed UNB, 2008.

Bibliografia complementar

ALBUQUERQUE, Jose Augusto Gulhon et alli. Sessenta anos de política externa brasileira: 1930-1990. Rio de Janeiro, Lumen Juris, 2006.

FREEDMAN, Lawrence, Kennedy's Wars Oxford, Oxford University Press, 2000,

GADDIS, John Lewis, Strategies of Containment Oxford, Oxford University Press, 2005

HOGAN, Michael. Explaining the history of American foreignrelations. Cambridge, Cambridge University Press, 1991.

HUNTINGTON, Samuel. O choque de civilizações e a recomposição da Ordem. Rio de Janeiro, Objetiva, 1996.

KISSINGER, Henry. A diplomacia das grandes potências. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1999.

LEFFLER, Melvyn. The specter of communism: The United States and the origin of cold war. New York, Hill and Wang, 1994.

WESTAD, Odd Arne, The Global Cold War. Cambridge, Cambridge University Press, 2007.

WOHLFORTH, William. The elusive balance: power and perception during the cold war. Ithaca, Cornell University Press, 1993.

Geopolítica e Governança Transnacional

Ementa

Estudo e Análise da Política Externa a partir de perspectivas política, econômica, social e histórica. Relações entre os Estados modernos partido de uma lógica sistêmica que busca

compreender não apenas o relacionamento bilateral e direto entre os principais atores transnacionais, mas também como se organizam em torno instituições e regimes.

Objetivos

Esta disciplina objetiva oferecer aos alunos um referencial para a compreensão da formulação e prática da política externa dos Estados estudados. Ela ainda tem como objetivo paralelo um estudo mais abrangente do sistema internacional que permite que o(a) aluno(a) consiga estabelecer uma conexão entre atores transnacionais e sua inserção nos temas da agenda global. Conseqüentemente, espera-se que o(a)s aluno(a)s sejam capazes de identificar, analisar e problematizar a ação de Estados e outros atores transnacionais no sistema, através de suas diversas abordagens. Essa leitura permitirá ainda a possibilidade de interpretar elementos direcionadores da política transnacional a partir de grandes temas da agenda contemporânea.

Bibliografia básica

BULL, Hedley. Sociedade Anárquica: Brasília, Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2002.

MORGENTHAU, Hans. A Política entre as Nações: Brasília, Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2003.

WALTZ, Kenneth N.. Man, the State, and War: A Theoretical Analysis: New York, Columbia University Press, 2001.

WIGHT, Martin A Política do Poder: Brasília, Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2002

Bibliografia complementar

RODRIG, Dani. The Globalization Paradox: Democracy and the Future of the World Economy. New York: W. W. Norton, 2011.

STIGLITZ, Joseph E. Making Globalization Work. New York: W.W. Norton, 2006
BEW, John - Realpolitik. A History. Oxford University Press, Oxford. 2016

Filmografia

Lawrence da Arabia, 1962
Dr Strangelove, 1964

Syriana, 2005

Movimentos e Temas Contemporâneos nas Relações Internacionais

Ementa

Análise do sistema internacional contemporâneo a partir de eventos e marcos históricos que contribuíram para a sua formação. Exame de fenômenos e temas que compõem e moldam a agenda política, econômica e social do sistema internacional, como: globalização, meio ambiente, conflitos, direitos humanos, entre outros.

Objetivos

A presente disciplina tem como objetivo oferecer aos alunos um amplo panorama da formação e do desenvolvimento do sistema internacional, permitindo que eles consigam estabelecer uma linha lógica entre os acontecimentos e seus impactos. Por conseguinte, o(a)s aluno(a)s serão capazes de ter compressão dos principais temas da agenda internacional e de localizar sua trajetória em perspectiva histórica. Esse esforço será realizado sempre de forma permitir o(a) aluno(a) abordar o conteúdo de uma perspectiva crítica e reflexiva.

Bibliografia básica

CARR, E.H. Vinte Anos de Crise 1919-1939. Uma Introdução ao Estudo das Relações Internacionais: Brasília, Editora Universidade de Brasília, Instituto de Pesquisa de Relações Internacionais, 2001.

HOBBSAWM, Eric. Era dos Extremos: o breve século XX : 1914-1991: São. Paulo, Companhia das Letras, 1994.

JACKSON, Robert e SORENSEN, GEORG. Introdução às relações internacionais: teorias e abordagens: Oxford, Oxford University Press, 2007

KEOHANE, Robert O. After Hegemony: Cooperation and Discord in the World Political Economy. Princeton, N.J. :Princeton University Press, 1984.

STUENKEL, Oliver. The BRICS and the future of global order: Lanham, Maryland: Lexington Books, 2011.

Bibliografia complementar

KAPLAN, Robert D. - The Revenge of Geography. What the Map Tells Us About Coming Conflicts and the Battle Against Fate. Random House, New York. 2012.

KENNEDY, Paul - The Rise and Fall of the Great Powers. Economic change and military conflict from 1500 to 2000. Unwin Hyman, London. 1988.

ZAKARIA, Fareed - From Wealth to Power. The Unusual Origins of America's World Role. Princeton University Press, Princeton. 1998.

Filmografia

Hotel Ruanda, 2004

O Senhor da Guerra, 2005

Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS

Ementa

A disciplina Libras propõe ao aluno obter um conhecimento transitório do que seja perda auditiva, suas causas, prevenções e classificações. Sua abordagem visa a fazer uma curta

análise sobre o aspecto psicológico, pessoal, familiar e social do indivíduo surdo por meio de sua língua e de sua identidade. Isto posto, propõe ainda refletir em síntese sobre a história pedagógica e educacional dos surdos no mundo e no Brasil, suas entidades, associações, federações, leis referentes à educação, a questão do profissional tradutor e intérprete de língua de sinais e da educação bilíngue do surdo. Pretende apresentar a estrutura e a gramática da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e seus contextos nas diversas situações de comunicação, de modo a alcançar essencialmente o aprendizado básico do vocabulário da LIBRAS.

Objetivos

- Desconstruir os mitos estabelecidos na sociedade sobre as línguas de sinais e como a comunidade surda se organiza como grupo social;
- Obter um conhecimento transitório do que seja uma perda auditiva e o novo conceito estabelecido sobre diversidade funcional;
- Fazer uma curta análise sobre o aspecto psicológico, pessoal, familiar e social do indivíduo surdo através da sua língua e de sua identidade;
- Refletir em síntese, sobre a história pedagógica e educacional dos surdos no mundo e no Brasil através de suas: entidades, associações e federações, leis referentes à educação, sobre o profissional tradutor e intérprete de língua de sinais e da educação bilíngue do surdo;
- Apresentar a estrutura e a gramática da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e seus contextos nas diversas narrativas de comunicação.
- Examinar os elementos fonéticos, fonológicos e morfológicos formadores de palavras da LIBRAS, discutir as prerrogativas da legislação vigente à luz dos discursos construídos pelos sujeitos surdos, aprender a LIBRAS em contexto;
- Alcançar essencialmente o aprendizado básico do vocabulário e da gramática da LIBRAS.

Bibliografia básica

CAPPOVILLA, FERNANDO CÉSAR. Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da língua de sinais brasileira. São Paulo: Edusp, 2001

FELIPE, Tanya. Políticas públicas para a inserção da LIBRAS na educação de surdos. In: Espaço. Rio de Janeiro: INES, 2006. Jan-jun 2006. Disponível em http://www.librasemcontexto.org/producao/Politicas_publicas_educ_Surdos.pdf

SACKS, Oliver W., 1993-Vendo Vozes: Uma Viagem ao Mundo dos Surdos/Oliver Sacks; tradução Laura Teixeira Motta-São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Bibliografia complementar

CAPOVILLA, FERNANDO E DUARTE, WALQUIRIA. Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilingüe da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS. Volumes de A-L e M-Z. Universidade de São Paulo. SP. 2001

QUADROS, Ronice M (Org.). Estudos surdos I. Petrópolis: Arara Azul, 2007. SKLIAR, C. (Org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 2005.

QUADROS, Ronice M. e KARNOPP, Lodenir. Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos. Porto Alegre: Artmed, 2004.

PROLIBRAS. Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17436&Itemid=817

História das Relações Étnico-Raciais no Brasil

Ementa

A disciplina História das relações Étnico-raciais no Brasil debate a Diversidade indígena no território que daria origem ao Brasil; visões europeias sobre os povos indígenas; práticas de servidão indígena e estruturação do sistema escravista na América Portuguesa; Império e gestão dos povos indígenas; a mestiçagem no período colonial e as práticas de resistência; o Estado Imperial e a ressignificação das identidades étnico-raciais; os povos indígenas e a escrita da história nacional; o tráfico transatlântico e seu impacto na construção do Brasil; o Brasil nas redes escravistas do Atlântico Sul; a diversidade das populações africanas no Brasil; debates sobre cidadania no século XIX; a luta abolicionista; as formas de resistência escrava; a I República e o debate sobre miscigenação; as teorias raciais no início do século XX; sociedades indígenas, SPI e o

paradigma da tutela; mestiçagem, modernismo e artes plásticas; samba e práticas culturais afro-brasileiras; a imprensa negra e o associativismo negro na República; o paradigma freyreano; as ciências sociais e questões étnico-raciais; debates sobre identidade nacional e as ressignificações das práticas culturais afro-brasileiras; a luta antirracista no Brasil republicano; a Constituição de 1988 e seus impactos sobre a questão étnico-racial no Brasil; movimentos negros, movimentos indígenas e a construção da democracia contemporânea.

Objetivos

- Examinar criticamente as relações étnico-raciais no Brasil;
- analisar o processo histórico das relações raciais;
- compreender as práticas de miscigenação e de discriminação raciais ao longo da história brasileira;
- conhecer trajetórias de importantes personagens da história brasileira que foram silenciados;
- estabelecer relações sobre a situação atual das questões étnico-raciais no Brasil com o longo debate sobre essas questões.

Bibliografia básica

CUNHA, Manuela Carneiro da. (Org.). História dos índios no Brasil. São Paulo: Fapesp/Cia das Letras, 1992.

MUNANGA, Kabengele; GOMES, Nilma Lino. O negro no Brasil de hoje. São Paulo: Global, 2006.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. Negociação e conflito. A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

Bibliografia complementar

BASTIDE, Roger. As religiões africanas no Brasil. Contribuição a uma sociologia das interpenetrações das civilizações. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1971.

FERNANDES, Florestan. A integração do negro na sociedade de classes. Rio de Janeiro: Ed. Globo, 2008. v. I e II.

MINTZ, Sidney; PRICE, Richard. O nascimento da cultura afro-americana. Uma perspectiva antropológica. Rio de Janeiro: Pallas, 2003.

OLIVEIRA FILHO, João Pacheco de. (Org.). Sociedades indígenas e indigenismo no Brasil. Rio de Janeiro/São Paulo: Editorada UFRJ/Marco Zero, 1987.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870- 1930). São Paulo: Companhia da Letras, 1993.

Questões de Gênero: Espaço, Voz e Poder

Ementa

Esta disciplina trata de aspectos práticos e conceituais das desigualdades de gênero e da valorização da diversidade nas instituições democráticas, levando em consideração o contexto mais amplo de voz e representatividade.

Por meio de metodologias participativas de ensino, as(os) estudantes são chamados a debater questões de gênero em diversos ambientes (do trabalho, das instituições formais de poder e da universidade), estimulando a capacidade de questionamento de valores e padrões impostos pela sociedade.

Com o intuito de identificar e melhor compreender cenários de desigualdade de gênero, este curso pretende, primordialmente: (i) sensibilizar sobre o tema; (ii) despertar as(os) alunas(os) para uma reflexão qualificada e (iii) desenvolver nelas(es) a competência de construir soluções para redução dessas desigualdades, por meio de políticas públicas e privadas, a fim de proporcionar a todas as pessoas as mesmas oportunidades de desenvolvimento de suas capacidades.

Objetivos

- Compreender o papel da cultura e das instituições na mudança social;
- apropriar-se de referenciais teóricos que questionem os papéis sociais de homens e mulheres, bem como dos que tratem do reconhecimento de direitos e da redistribuição de espaços de poder e tomada de decisão;

- desenvolver a capacidade crítica, por meio da desconstrução de certos paradigmas ocidentais contemporâneos e da contestação dos padrões sociais impostos, e
- desenvolver a capacidade analítica do estudante, fomentando sua competência propositiva para pensar soluções para os problemas de desigualdade e discriminação de gênero apresentados frente aos contextos específicos abordados pela disciplina.

Bibliografia básica

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. O que é feminismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1981. (Coleção Primeiros Passos), 2017.

ALVES, José E. D. Mulheres brasileiras perdem posição relativa na política mundial. Agência Patrícia Galvão, 2014, 2017.

ARAÚJO, Clara. Potencialidades e limites da política de cotas no Brasil. Revista de Estudos Feministas, v. 9, p. 231-252, 2001.

BIROLI, Flávia. Agentes imperfeitas: contribuições do feminismo para a análise da relação entre autonomia, preferências e democracia. Revista Brasileira de Ciência Política, Brasília, n. 9, p. 7-38, 2012.

BONELLI, M. G. Profissionalismo, gênero e diferença nas carreiras jurídicas. São Carlos: Edufscar, 2013.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. Cadernos Pagu, n. 26, p. 329-376, jan./jun. 2006.

CYFER, Ingrid. Liberalismo e feminismo: igualdade de gênero em Carole Pateman e Martha Nussbaum. Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 135-146, jun. 2010.

DAHL, Robert A. On Democracy. New Haven: Yale University Press, 2000.

HTUN, Mala. A política de cotas na América Latina. *Revista de Estudos Feministas*, v. 9, n. 1, p. 225-230, 2001.

DI MICELI, Alexandre; DONAGGIO, Angela; SICA, Ligia P. P. P.; RAMOS, Luciana O. Women's participation in senior management positions: gender social relations, law and corporate governance, out. 2011.

DONAGGIO, Angela R. F.; RAMOS, Luciana de O. Uniformidade das políticas de cotas para mulheres em altos cargos de gestão. *Brasil Post – The Huffington Post*, 07 mar. 2011.

FINEMAN, Martha A. *The autonomy myth: a theory of dependency*. New York: The New Press, 2004.

FRASER, Nancy. Mapeando a imaginação feminista: da redistribuição ao reconhecimento e à representação (traduzido). *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 15, n. 2, p. 291- 308, mai-ago/2007.

HEWLETT, Sylvia Ann. *Off-ramps and on-ramps*. Boston: Harvard Business School Press, 2007. p. 3-24.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. *Novas configurações da divisão sexual do trabalho*.

KANTOR, Jodi. Harvard Business School case study: gender equity. *New York Times*, 07 set. 2013.

LIJPHART, Arend. *Modelos de democracia*. Rio de Janeiro: Record, 2003.

MACKINNON, Catharine A. Toward a new theory of equality. In: MACKINNON, C. A. *Women's lives, men's laws*. Massachusetts Harvard University Press, 2007. p. 44-57.

MIGUEL, Luís Felipe. Política de interesses, política do desvelo: representação e “singularidade feminina”. *Revista de Estudos Feministas*, ano 9, p. 253-267, 2001.

MORGADO, Ana Paula Dente Vitelli. A mulher invisível: sentidos atribuídos à mulher e ao trabalho na gerência intermediária. Tese de doutorado apresentada à Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2012. Capítulo Relação trabalho/família, p. 80-91.

PINTO, Céli R. J. Política de Cotas. In: AVRITZER, Leonardo; ANASTASIA, Fátima (Org.). Reforma política no Brasil. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. p. 103-106.

PISCITELLI, Adriana. Gênero. A história de um conceito. In: ALMEIDA, H. (Org.). Diferenças, igualdades. São Paulo: Berlendis e Vertecchia, 2009.

RAMOS, Luciana de Oliveira. Os tribunais eleitorais e a desigualdade de gênero no parlamento: ampliando ou reduzindo a representação de mulheres na política? Tese de doutorado apresentada para o Departamento de Direito do Estado, Faculdade de Direito da USP, São Paulo, 2011. p. 15-21 e 35-50.

REUTER, Alison A. Subtle but pervasive: discrimination against mothers and pregnant women in the workplace. *Fordham Urban Law Journal*, v. 33, p. 1369, 2006.

SACCHET, T.; SPECK, B. W. Financiamento eleitoral, representação política e gênero: uma análise das eleições de 2006. *Opinião Pública*, v. 18, n. 1, p. 177-197, 2012.

SLAUGHTER, Anne-Marie. Why women still can't have It all? *The Atlantic*, 13 jun. 2012.

Bibliografia complementar

ANGEL, Marina. Women in legal education: what it's like to be part of a perpetual first wave or the case of the disappearing women. *Temp*, v. 61, n. 4, p. 799, 1988.

ARAÚJO, José Estevez. Gênero e Direito. In: FABIANI, Emerson R. (Coord.). *Impasses e aporias do Direito Contemporâneo*. São Paulo: Saraiva, 2011. p. 59-77.

BROWNE, Kingsley R. Sex and temperament in modern society: a darwinian view of the glass ceiling and the gender gap. *Arizona Law Review*, v. 37, p. 971, 1995.

BUTLER, Judith. Gender trouble. New York: Routledge, 1990.

CARVALHO, Marília Pinto de. O conceito de gênero no dia a dia da sala de aula. Revista de Educação Pública, v. 21, n. 46, p. 401-412, mai-ago/2012.

CELIS, Karen; CHILDS, Sarah; KANTOLA, Johanna et al. Rethinking women's substantive representation. Representation, v. 44, n. 2, p. 99-110, 2008.

CHUSED, Richard. The hiring and retention of minorities and women in american law school faculties. University of Pennsylvania Law Review, v. 137, p. 537-569, mar./abr. 1988.

DUNCAN, Susan Saltonstall. Why aren't there more women leaders and why should firms care? set. 2012.

ELY, Robin; STONE, Pamela; AMMERMAN, Colleen. Rethink what you "know" about high-achieving women. Harvard Business Review, 2011.
FISS, Owen M. What is feminism? Yale Law School, 1994.

FRANCESCHET, Susan; PISCOPO, Jennifer M. Gender quotas and women's substantive representation: lessons from Argentina. Politics & gender, v. 4, n. 3, p. 393-425, 2009.

FRASER, Nancy; HONNETH, Axel. Redistribution or recognition: a political-philosophical exchange. New York: Verso, 2003.

GILLIGAN, Carol. In a different voice: psychological theory and women's development. Massachusetts: Harvard University Press, 1978.

HTUN, Mala; POWER, Timothy J. Gender, parties, and support for equal rights in the Brazilian Congress. Latin American Politics and Society, v. 48, n. 4, p. 83-104, 2006.

KROOK, Mona; CHILDS, Sarah. Women, gender, and politics: a reader. New York: Oxford University Press, 2010.

O'BRIEN, Diana Z. The politics of group representation: quotas for women and minorities worldwide. *Comparative politics*, v. 42, n. 3, p. 253-272, 2010.

KUTTNER, Robert. She minds the child, he minds the dog. *New York Times*, 25 jun. 1989.

MACKINNON, Catharine. From practice to theory, or what is a white woman anyway? In: Diane Bell; Renate Klein (Ed.). *Radically speaking: feminism reclaimed*. North Melbourne: Spinifex Press, 1996.

MANSBRIDGE, Jane. Should blacks represent blacks and women represent women? A contingent 'Yes.' *Journal of Politics*, v. 61, n. 3, p. 628-657, 1999.

MATLAND, Richard. Estrategias para ampliar la participación femenina en el Parlamento. El proceso de selección de candidatos legislativos y los sistemas electorales. In:

MONTALVO, M.; BALLINGTON, J. (Ed.). *Mujeres en el Parlamento: más allá de los números*. Estocolmo: IDEA, 2002.

MIGUEL, Luís Felipe. Policy priorities and women's double bind in Brazil. In: FRANCESCHET, Susan; KROOK, Mona Lena; PISCOPO, Jennifer M. *The impact of gender quotas*. New York: Oxford University Press, 2012.

MOORE, Henrietta L. Understanding sex and gender. In: INGOLD, Tim (Ed.). *Companion encyclopedia of Anthropology: humanity, culture and social life*. Londres: Routledge, 1994.

PITKIN, Hanna Fenichel. *The concept of representation*. Berkeley: University of California Press, 1972.

Ética e Instituições Públicas

Ementa

A disciplina aborda a diferença de desenvolvimento entre países ocorre, em grande medida, devido às várias diferenças culturais e institucionais entre eles. Em alguns lugares, como na Alemanha, Inglaterra e França, a estabilidade institucional e cultura pró-ética facilitam o crescimento econômico e a diminuição da desigualdade. Outros países, como Brasil e México, sofrem com a baixa qualidade de instituições políticas e relações socioculturais que não necessariamente condizem comportamentos pró-éticos.

Neste curso, analisaremos como comportamentos sociais, instituições políticas e órgãos judiciais (e de combate à corrupção) moldam o ambiente ético brasileiro. As regras eleitorais no Brasil incentivam o financiamento ilegal de campanhas, bem como a personificação da decisão do voto em vez da escolha de um (ou vários) partido político. É o sistema perfeito para o florescimento da corrupção, que encontra nos processos legislativo e orçamentário amplas oportunidades para se reproduzir.

Cabe, então, aos órgãos de controle como Controladoria-Geral da União, Polícia Federal, Ministério Público, Tribunal de Contas da União e Judiciário, punir os perpetradores de atos corruptos – bem como atuar na prevenção desses comportamentos. Para ajudar o trabalho dessas organizações, um conjunto de reformas legislativas contra a corrupção pode ser relevante para tornar a cultura e a política brasileira mais condizentes com padrões éticos de países desenvolvidos.

Objetivos

- Compreender o estado histórico e atual dos dilemas éticos na política, especialmente no Brasil;
- Analisar o papel do clientelismo e informalidade na política brasileira; OK
- Compreender como partidos políticos e o Legislativo podem fomentar confiança entre cidadãos e os profissionais da política, diminuindo a probabilidade de comportamento antiético;
- Entender o papel de órgãos de combate à corrupção na política brasileira;

Bibliografia básica

CARVALHO, JOSÉ MURILO DE. Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi. Rio de Janeiro, Companhia das Letras, 2019.

DAHL, ROBERT. Poliarquia: Participação e Oposição. São Paulo: Edusp, 1997.

LEVITSKY, STEVEN; ZIBLATT, DANIEL. Como as democracias morrem. Petrópolis: Editora Zahar, 2018.

PRZEWORSKI, ADAM. Crises da democracia. Petrópolis: Editora Zahar, 2020.

SCHWARCZ, LILIA; STARLING, HELOISA. Brasil: Uma Biografia. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2011.

Bibliografia complementar

PRAÇA, SÉRGIO. Corrupção: parceria degenerativa. Campinas: Editora Papyrus, 2011.

PRAÇA, SÉRGIO. Partidos Políticos: Funcionam?. Rio de Janeiro: Editora Paulus, 2005.

Arquivos Pessoais Teoria e prática

Ementa

Disciplina aborda Arquivos pessoais na teoria; Arquivos pessoais na prática; Desafios do digital; Gestão e tratamento da informação; Políticas de preservação e acesso.

Objetivos

- Promover debate sobre o lugar dos arquivos pessoais na teoria arquivística
- Estimular a compreensão da especificidade e da peculiaridade na construção de arquivos pessoais
- Debater as escolhas e os caminhos para a otimização do tratamento da informação e da gestão de acervos privados pessoais
- Compreender a importância da definição de políticas de gestão, preservação e acesso em arquivos privados pessoais
- Avaliar o impacto da chegada do digital nas práticas de gestão, preservação e acesso em arquivos privados pessoais
- Estabelecer a ponte entre o debate teórico e a prática cotidiana

Bibliografia básica

GOMES, Angela de Castro (1998) – Nas malhas do feitiço: o historiador e os arquivos privados. Revista Estudos Históricos, vol. 11, n.º 21. Rio de Janeiro, p. 121-127.

BELLOTO, Heloísa Liberalli. Arquivos pessoais como fonte de pesquisa. IN: Arquivos Permanentes: tratamento documental. Rio de Janeiro: Ed. da FGV, 2004. 2a ed. p. 263-270.

TRAVANCAS, Isabel; ROUCHOU, Joëlle; HEYMANN, Luciana Quillet, orgs. (2013) – Arquivos pessoais: reflexões multidisciplinares e experiências de pesquisa. Rio de Janeiro: ed. FGV.

GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da História. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

SANTOS, Cecília MacDowell; TELES, Edson; TELES, Janaína de Almeida (orgs). Desarquivando a ditadura: memória e justiça no Brasil. São Paulo: Aderaldo & Rothschild Editores, 2009. Vol. 2.

Bibliografia complementar

ESTUDOS HISTÓRICOS (1998). Arquivos Pessoais, Rio de Janeiro, vol. 11, n.º 21

Estado e Poder: leituras teóricas

Ementa

Disciplina aborda Estado e poder; Pierre Bourdieu e o poder simbólico; Norbert Elias e o processo civilizador; Michael Foucault e a microfísica do poder; Karl Marx e teoria do Estado; Ralph Miliband, Nicos Poulantzas e o debate sobre o estado capitalista; Max Weber e a sociologia do Estado; Gramsci, Estado, poder e hegemonia; Ellen Wood e a origem do capitalismo.

Objetivos

A disciplina tem como objetivo debater algumas vertentes e interpretações clássicas de autores contemporâneos que versam sobre as categorias e definições de Estado e suas relações com a dinâmica do poder. A proposta é subsidiar o debate teórico, possibilitando

ferramentas de análise para os mais diversos temas de pesquisa. Serão feitas discussões em torno de autores de diferentes linhas de pensamento e interpretação.

Bibliografia básica

BOURDIEU, P.O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,

ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. RJ, Jorge Zahar, volume. II.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

GRAMSCI, Antonio. Cadernos do Cárcere. RJ, Civilização Brasileira. 6v. 1999.

MARX, Karl. O Manifesto Comunista. Boitempo Editorial, 1998.

_____. 18 do Brumário de Luis Bonaparte. Boitempo Editorial, 2011.

MILIBAND, Ralph. O Estado na sociedade capitalista. Rio de Janeiro: Zahar, 1972

POULANTZAS, Nicos. Classes sociais no capitalismo hoje. Rio, Zahar, 1975.

_____. O Estado, o Poder, o Socialismo. Rio, São Paulo, Paz e Terra, 2000.

WEBER, Max. Economia e Sociedade. Brasília: Editora UNB; São Paulo: Imprensa Oficial, 1999. 2v.

Wood, Ellen M. A origem do capitalismo. Rio, Zahar, 2001.

Bibliografia complementar

BIANCHI, Alvaro. O conceito de Estado em Max Weber. Revista Lua Nova, São Paulo, 92: 79-104, 2014.

_____. O Laboratório de Gramsci. Filosofia, História e Política. São Paulo: Alameda, 2008.

Bibliografia complementar

BOURDIEU, P. Razões Práticas. São Paulo: Papyrus. 1996.

_____. Sobre o Estado. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2014.

COUTINHO, C. N. Gramsci. Porto Alegre: L&PM, 1981.

_____. Marxismo e política: a dualidade de poderes e outros ensaios. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. De Rousseau a Gramsci: ensaios de teoria política. São Paulo: Boitempo, 2011.

Freund, Julien. Sociologia de Max Weber. Rio de Janeiro, Forense, 1970.

GARRIGOU, A.; LACROIX, B. (Org.). Norbert Elias: a política e a história. São Paulo: Perspectiva, 2010.

GRUPPI, L. Tudo começou com Maquiavel: as concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci. Tradução de Dario Canali. Porto Alegre: L&PM, 1980.

LIGUORI, Guido. Roteiros para Gramsci. Rio de Janeiro: editora UFRJ, 2006.

_____; VOZA, Pasquale (Orgs.). Dicionário gramsciano (1926-1937). - 1. ed. – São Paulo: Boitempo, 2017. 831p. ISBN: 978-85-7559-535-6

MANDEL, Ernest. Teoria Marxista do Estado. Lisboa: Edições Antídoto, 1977.

MENDONÇA, Sônia. Estado, violência simbólica e metaforização da cidadania. Revista Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, 1996, p. 94-125.

Data Science para Humanidades Digitais

Ementa

Disciplina aborda o processo de Data Science. Modelo CRISP-DM. Tipos de Dados. Análise Exploratória de Dados. Pré-Processamento de Dados: Limpeza, Análise de Outliers, Transformação de Dados, Redução de Dimensionalidade, Análise e Seleção de

Variáveis (Feature Engineering); Modelagem em Machine Learning: modelos lineares, ensembles, KNN, modelos bayesianos, algoritmos genéticos, redes neurais.

Objetivos

O objetivo central do curso é apresentar o processo padrão de Modelagem em Data Science e Machine Learning, utilizando o contexto empírico das humanidades digitais.

Bibliografia básica

James, Witten, Hastie, Tibshirani. An Introduction to Statistical Learning.

Han, J., Kamber, M., & Pei, J. Data Mining: Concepts and Techniques. Morgan Kaufmann, 2000.

Tan, P.-N., Steinbach, M., & Kumar, V. Introduction to Data Mining. Addison Wesley, 2006.

Witten, I. H., Frank, E., & Hall, M. A. Data Mining: Concepts and Techniques. Morgan Kaufmann, 2000.

Bibliografia complementar

Ballard, D. H. Introduction to Natural Computation. MIT Press, 1999.

Goldschmidt, R., & Passos, E. Data Mining. Campus, 2005.

Introdução a programação em Python

Ementa

Disciplina aborda a Linguagens de Programação Python. IDEs para desenvolvimento: VSCode, Jupyter. Sintaxe e semântica da linguagem; Objetos: Variáveis e Funções (métodos); Tipos primitivos e Conversões de tipos, Contextos. Loops, condicionais, Comprehensions, Generators, Decorators, Classes, Polimorfismo de Operadores, Programação Orientada a Objeto. Herança, Otimização de Código. Tratamento de exceções.

Objetivos

O objetivo central do curso é promover a capacidade de criar scripts para transformação de dados utilizando a linguagem Python.

Bibliografia básica

DOWNEY, Allen. *Pense em Python*; São Paulo: Novatec, 2016.

MENEZES, Nilo Ney Coutinho MENEZES, N. N. C. *Introdução à Programação com Python*; São Paulo: Novatec, 2014.

STEPHENSON, Ben. *The Python Workbook: A Brief Introduction with Exercises and Solutions*; Heidelberg: Springer, 2014.

Bibliografia complementar

SWEIGART, Al. *Automatize tarefas maçantes com Python*; São Paulo: Novatec, 2015.

LUTZ, Mark; ASCHER, David. *Aprendendo Python*, 2ª Edição, Bookman, 2007.

Além do Cânone: para ampliar e diversificar as Ciências Sociais

Ementa

O curso consistirá na leitura e discussão do livro *Além do Cânone: para ampliar e diversificar as Ciências Sociais* (Org. Celso Castro, FGV Editora, 2022).

Objetivos

O cânone tradicional das Ciências Sociais e seus "pais fundadores" são quase todos homens, europeus ou norte-americanos e brancos. Este curso procura ir além, incluindo a leitura e discussão de 16 autoras e autores, a maioria inéditos no Brasil e traduzidos pela primeira vez para o português. Não se trata de ser “contra” o cânone tradicional, mas sim de ampliá-lo. Teremos, assim, novas perspectivas para a compreensão da realidade social e as Ciências Sociais poderão tornar-se mais diversas, renovadas e abrangentes.

Bibliografia básica

Além do Cânone: para ampliar e diversificar as Ciências Sociais (Org. Celso Castro, FGV Editora, 2022).

Leitura de monografias clássicas das Ciências Sociais

Ementa

Monografias clássicas das Ciências Sociais: métodos, estilos e resultados

Objetivos

O curso estará centrado na leitura integral de três monografias clássicas das Ciências Sociais: Os argonautas do Pacífico Ocidental, de Bronislaw Malinowski (1922), Coming of Age in Samoa/ Adolescência y cultura em Samoa, de Margaret Mead (1928) e Sociedade de Esquina, de William Foote-Whyte (1943). Nos cursos de Ciências Sociais, os alunos geralmente leem apenas artigos ou partes de livros clássicos da disciplina. Embora isso seja em boa medida inevitável, a falta de leitura integral de monografias leva a que se perca uma compreensão mais densa de aspectos relacionados aos métodos de pesquisa utilizados, aos estilos de escrita dos autores e aos resultados da etnografia, tanto em termos de compreensão do objeto específico de cada monografia, quanto do impacto acadêmico e público que tiveram.

Bibliografia básica

Malinowski, Bronislaw. Os argonautas do Pacífico Ocidental (1922)

Mead, Margaret. Coming of Age in Samoa (1928). Versão em espanhol: Adolescência y cultura em Samoa.

William Foote-Whyte, Sociedade de Esquina (1943)